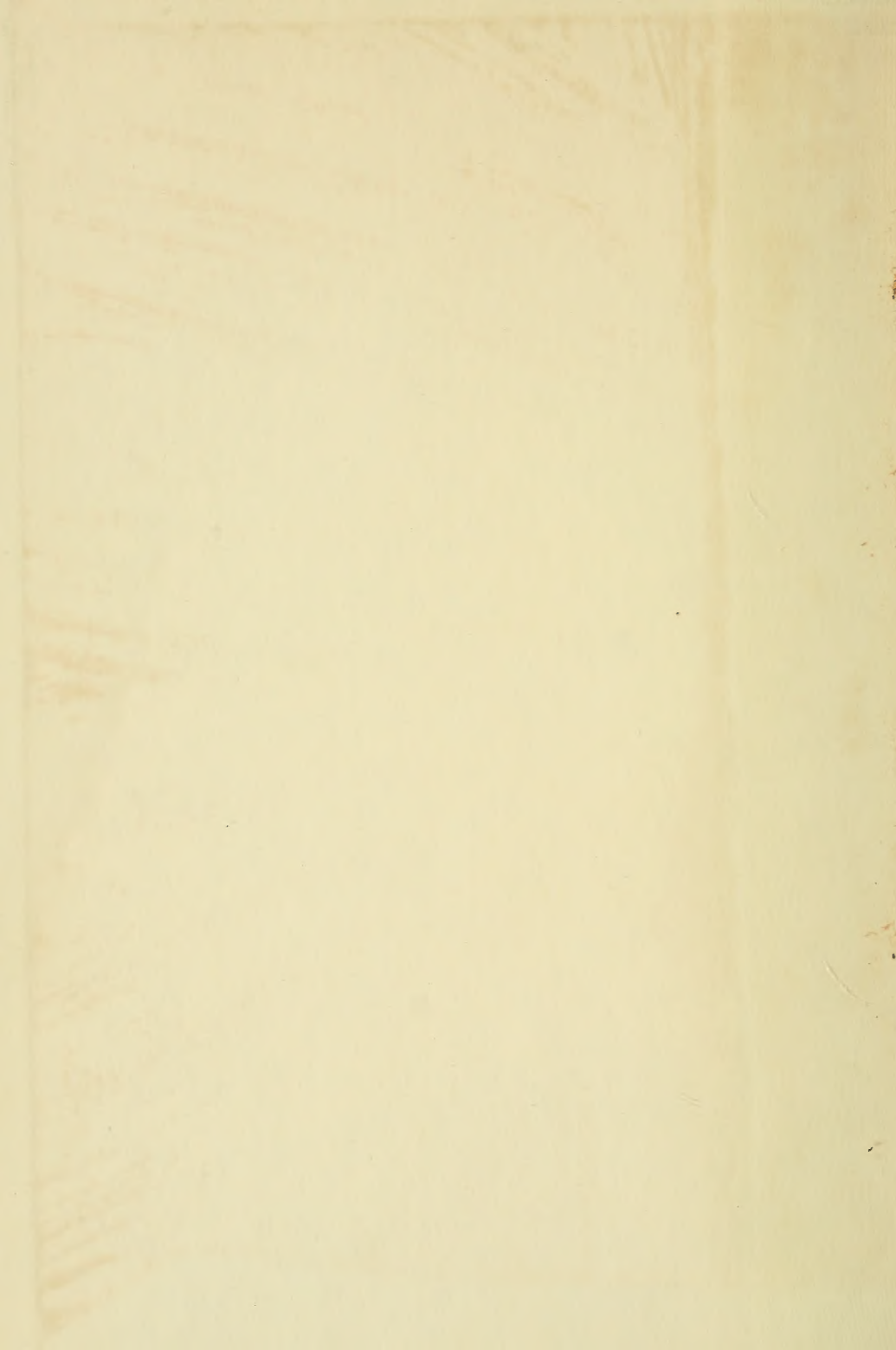






W14

LAUDELINO FREIRE

Classicos Brasileiros

Edição da Revista de Lingua Portuguesa



RIO DE JANEIRO

1923

PRINTED IN BRAZIL



CLASSICOS BRASILEIROS

L.Por. H
F8605C

CLASSICOS BRASILEIROS

Breves notas para a historia da literatura philologica nacional

— POR —

LAUDELINO FREIRE

1º VOLUME



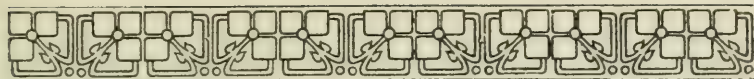
397023
15.10.41

RIO DE JANEIRO

-- 1923 --

Ao Amigo

Eduardo Lemos



Palavras prévias

FAZ CEM ANNOS que, após tres outros seculos batidos rijamente de ventos travessões, começara o Brasil de ser autonomo para, nas conquistas da civilização, anteexceller, com as suas grandezas, aos demais povos do continente sul-americano.

Se attentamente advertirmos as condições e factores do progresso e desenvolvimento intellectual, acharemos que, com a emancipação literaria, ultima e mais tarda das nossas liberações, se ostenta hoje integral a autonomia, no apuro e esplendor com que evolve e se alça a cultura philologica, que não podia deixar de ser a continuação da que nos legaram os antigos classicos, em cujas obras, mananciaes opulentissimos, bebemos ainda os segredos e lições do mais puro e verdadeiro frasear.

O idioma português, transportado para novo meio, viria, sem duvida, a modificar-se em razão das differenciações resultantes da raça que se caldeara e dos sentimentos e ideaes que com ella se vinham manifestando, dahi provindo as modalidades diversas por que a expressão se nos patenteia. São factos coevos, entre portugueses e brasileiros, não só a divergencia phonetica, senão tambem a vocabular e a syntactica. Subsistirá, comtudo, entre as duas nações, uma fala commum e inauferivel, que será sempre a que se traduzir no genio da

lingua, no seu quid substancial, na fraseologia admittida pelo consenso dos grandes escriptores que a estabeleceram, na legitimidade dos etymos das palavras e no rigoroso conhecimento das leis e processos da etymologia, fundamento principal e, do mesmo passo, factor preservativo contra as innovações artificiaes. De sorte que, se, de um lado, o que ha commum no patrimonio que nos herdou Portugal não importa privar-nos da consciencia de uma lingua nacional, que nenhum povo deixará de ter, de outro, não será licito o tomarmos por mimese, senão respeito á ascendencia de onde procede o falar que nos partilhou o destino, o seguir a tradição escripta, transmittida nas obras classicas, e o obedecer a ella.

* * *

Somos pouco ciosos do que já hemos feito no tocante ao estudo da lingua. Não conhecemos, nem cuidamos em conhecer os escriptores que devemos ter por exemplares da linguagem. Mantemo-nos na erronea convicção de que tão sensivel é a falta, que só por mesquinha copia de meia duzia de nomes temos representada a vernaculidade do idioma. Em não sendo os de Ruy Barbosa, Machado de Assis, João Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, que todos repetem, e, ás vezes, os de Odorico Mendes, Carneiro Ribeiro, Carlos de Laet e Francisco de Castro, acatados tambem por subidos titulos, outros não nos veem á lembrança, e raro é que os mencionemos como exemplificação de autoridade, nas controversias linguisticas, quando o justo seria que lhes repetissemos os nomes que, por dignos, honrariam a nossa cultura.

Vem de longe e de optimas fontes a injustiça. Sentimo-la já, por omissão, no primeiro e melhor lexico da lingua. Emquanto ao grande Raphael Bluteau não passaram despercebidos Antonio de Sá e Diogo Gomes Carneiro entre as autoridades cujas obras lhe serviram de documentação ao Vocabulario; emquanto no catalogo de classicos publicado pela

Academia das Sciencias de Lisboa, lá se acham Alexandre de Gusmão, Antonio José da Silva, Bartholomeu Lourenço, Claudio Manoel da Costa, Diogo Gomes Carneiro, Francisco de Sousa, Manoel Botelho de Oliveira e Mathias Aires da Silva e Eça; e, na Bibliotheca Lusitana, reconhece Barbosa Machado os merecimentos de varios escriptores naturaes do Brasil, occorrendo-nos, além dos nomes supra citados, os de Rocha Pita, Antonio de Sá, Antonio da Silva, Eusebio de Mattos, Nuno Marques Pereira...; emquanto, finalmente, no grupo selecto dos trinta e seis mestres da lingua, indicados por Antonio Pereira de Figueiredo, lá está o nome de Francisco de Sousa, — o nosso lexicographo Moraes deixa-os todos á margem, com excepção de Diogo Gomes Carneiro, e não lhes toma a autoridade para a composição da sua grande obra. Por que, para só dar o grau desse descaso, na innumeravel documentação por elle em outros colhida, cita a Vieira e não cita o seu contemporaneo Antonio de Sá, ambos expoentes maximos da tribuna sagrada e rivaes ambos no meneio da lingua? Outra fonte de omisão, como o fôra Moraes, é a Replica de Ruy. Se lhe fivesse, nesse monumento, occorrido o fazer redivivos tantos e tão illustres compatriotas, as obras destes, sobre os seus proprios nomes, estariam com o sello da autoridade correntia das em que, de momento a momento, nos vamos estribando. No entanto, para honra da nossa cultura, o certo é que de Antonio Vieira a Ruy Barbosa se nos deparam dezenas de brasileiros, que patenteiam o apreço da lingua e, com elle, a pureza, a correcção, a propriedade, a polidez, o copioso, a harmonia, a elegancia, a facundia, a riqueza e a opulencia do dizer.

* * *

E' mister que nos tolha a visão densa nevoa, ou nos tenhamos em mui desfavoravel conta, para ignorarmos, como succede, os nomes dos escriptores que, no falar e escrever, genuíno e natural, mantem, correctos e puros, a vernaculi-

dade e nobreza da linguagem, como continuadores da literatura, donde ella tira as suas raizes.

Não ha povo culto que, no acervo das suas riquezns intellectuaes, não aponte o grupo eleito dos grandes modelos em os quaes se venha accumulando a autoridade da lingua. Certo não podemos ainda envaidecer-nos com um sem conto de classicos, como se gloriá de os ter a literatura lusitana, cheia de tradições e assaz entrada no tempo. Em tudo ha que observar a condição resolutiva desse factor. Surgimos num seculo que era o periodo aureo das letras portuguezas. Balbuciavamos apenas as primeiras quando ao apogeu do brilho literario houvera já a metropole chegado com Luiz de Camões, Gil Vicente, Sá de Miranda, Antonio Ferreíra, João de Barros, Damião de Góes, Fernão Mendes, Duarte Nunes, Heitor Pinto, João de Lucena, Amador Arrâiz e outros. Esse esplendor manteve-o Portugal até ao seculo XVII, no qual, como diz João Ribeiro, «chegou á perfeição a polidez da forma e da lingua portuguesa, e sem duvida nelle floresceram os maiores classicos e os mais completos prosadores de todos os tempos da lingua: Frei Luiz de Sousa, Antonio Vieira, Manoel Bernardes e F. Manoel de Mello.»

Quando ao mais alto grau alçavam estes seiscentistas o idioma, surgiam, logo no limiar e decurso do seculo de setecentos, os primeiros vernaculistas brasileiros: Vicente do Salvador conclue, em 1627, a primeira Historia do Brasil; em 1633 Antonio Vieira, que aqui se criara e instruiu, inicia a vida gloriosa do pulpito com o sermão da «Quarta Domingo da Quaresma», na Igreja da Conceição da Praia da Bahia, o primeiro que prégou, na cidade o autor, antes de ser sacerdote; em 1641 publica Diogo Gomes Carneiro a Oração apodixica aos scismaticos da Patria, e em trabalhos successivos, revela-se traductor insigne do latim, do toscano e do espanhol; em 1658, começa o padre Antonio de Sá, emulo de Vieira, a publicação dos seus notaveis sermões; entre os annos de 1677 e 1694 são dados á publicidade os sermões e

praticas religiosas de Eusebio de Mattos; em 1682 era publicada a Historia do Predestinado Peregrino, do padre Alexandre de Gusmão, á qual se seguiram A arte de criar bem os filhos, em 1685; Sermão na Cathedral da Bahia, em 1686; as Meditações, em 1689, além de outras obras.

Succederam a estes primeiros vernaculistas, já no seculo XVIII, Manoel Botelho de Oliveira, com a Musica do Parnaso, em 1705; Francisco de Sousa, em 1710, com o Oriente conquistado; em 1728, Nuno Marques com o Peregrino da America; o inspirado Rocha Pita, em 1730, com a Historia da America Portuguesa; em 1752, Mathias Aires, com as Reflexões sobre a vaidade dos homens; e Jaboatão, com o Novo Orbe Seraphico, em 1761.

Não se espreguiçara o engenho brasileiro, á espera que o incitassem novos estímulos. Era-lhe já bastante a longa estratificação. Com o viço das grandes forças, emergira a intelligencia no Brasil e pusera-se á altura de gloriosos destinos. Nessa epoca, no seio da colonia, poder-se-ia dizer com Latino Coelho: «Os novos rebentos da arvore da civilização vencem em vigor e em formosura aquelles que nas mesmas vergonteas se mirraram.... Nos fins do seculo XVIII e nos primeiros decennios do seculo XIX — digamo-lo sem vaidade nacional — a maioria dos nossos talentos mais formosos haviam tido o seu berço no Brasil.»

Ao mesmo tempo que decaía a litteratura portugueza e empallidecia o fulgor do fausto que attingira, as nossas letras avantajavam as da metropole. Exuberava o brilho da pleiade mineira: Santa Rita Durão, Claudio, Basilio da Gama, Gonzaga e os Alvarengas; vicejavam Sousa Caldas, Moraes Silva, José Francisco Leal, os Andradas, e, quereis saber até onde subia a florescencia intellectual da colonia? Ouvide a Latino: «Brasileiro Hippolyto da Costa, patriarcha dos jornalistas de Portugal e Brasil. Brasileiro o que podemos appellidar na ordem chronologica o primeiro economista portuguez, o bispo de Elvas, D. José Joaquim da Cunha Aze-

redo Coutinho. Brasileiro o eminente geometra e professor, antigo secretario desta Academia, Francisco Villela Barbosa, marquês de Paranaguá, um dos mais illustres cooperadores na fundação do imperio africano. Brasileiro Manoel Joaquim Nogueira da Gama, lente da academia de marinha, depois marquês de Baependy, e notavel estadista que divulgara em Portugal, vertendo-as em português, algumas obras classicas de hydraulica e applicara a chimica moderna a importantes problemas da vida industrial. Mas era sobretudo nas sciencias sociaes, que as glorias nacionaes se deviam principalmente aos que tinham nascido em terras americanas. » Fassa Latino a enumerar os nomes de Vicente Coelho, Conceição Velloso, Alexandre Rodrigues, Feijó, Araujo Camara, Mello Franco, Elias da Silveira e José Bonifacio, "homens que em Portugal reflectiam o seu luzimento, a sua gloria. Cultivavam as letras patrias. Ensinavam nas escolas, honravam as academias, resplandeciam no exercito, nas dignidades ecclesiasticas, nos officios da magistratura".

Entra e transcorre igualmente opulento de vigor o seculo XIX. Na primeira metade o grupo maranhense — Lisboa, Sotero e Odorico, mantem o fulgor dos Andradas e as glorias da eloquencia de Monte Alverne, Januario Barbosa e Romualdo de Seixas. Unem-se áquelle grupo Porto-Alegre, Lopes Gama, Joaquim Caetano da Silva, Velho da Silva, a quem se seguem, além de outros, Gonçalves Dias, Pinto de Campos, Varnhagem, Paranapiacaba, bispo do Pará e Octaviano.

E assim viemos, até que, para o copioso e castiço da linguagem de Castilho, Herculano, Camillo, Latino, Garrett, Rebello da Silva, Silveira da Motta, Pinheiro Chagas, Anthero de Quental, Thomaz Ribeiro, João de Deus... temos a linguagem soberba, rica de formas tambem brilhantes e castiças, de Ruy, Monte Alverne, Odorico, Porto-Alegre, Lisboa, G. Dias, Octaviano, Carneiro Ribeiro, Machado de Assis, Pacheco Junior, Francisco de Castro, para só referir alguns

dentre os que já desapareceram, sendo intensa a cultura linguística, que conta bons representantes por dezenas de nomes, entre os quaes muitos ha dignos de notar, alem dos actuaes paladinos que, com o seu saber, testificam á lingua o amor que lhe professam nas paginas da Revista de Lingua Portuguesa.

* * *

Delineámos este trabalho a titulo de breves subsidios para a historia da literatura philologica brasileira, não só convencidos de que, obra de utilidade e patriotismo, facilitará aos estudiosos o trato dos escriptores, modelos da boa linguagem, senão também inspirados do devotamento a esta terra, o qual nos leva até á ousadia de esforços desautorizados como o aqui empreendido. Move-nos ainda o sentimento da justiça a nomes — iniquamente conservados na poeira dos annos — de compatriotas que consagraram as suas lucubrações e o seu amor á lingua materna.

* * *

Não nos atemos aqui á estreita definição que ao vocabulo classico tem sido dada. Distinguimos no amontoado da producção os autores que, salientando-se na cultura, especialmente literaria, menearam com mais individualidade, correção, pureza, propriedade e zelo a sua lingua e, por isso, recebem o titulo de melhores escriptores, guias e exemplares do bom dizer, seja qual fôr a epoca em que tenham escripto, ou hoje, ou hontem, ou em seculos passados. (1)

Claro é que não fica só representada nos classicos a lí-

(1) Em *Bluteau*, lê-se: «*Autor classico* vale o mesmo qua autor de bom nome, de boa nota. *Autor classicus*. No lin. 19, cap. 8. Aulo-Gellio chama aos bons autores da latinidade *Classici Authores*. Não tenho visto autor grave, ou classico, (como lhe elles chamam).

Em *Moraes*: *Autor classico* — abalisado pelo bem que trata o assumpto, e pela excellencia do estilo.»

No *Diccionario da Real Academia Espanhola*: «*Classico, ca.* Diz-se

teratura philologica. Formam-na ainda, e necessariamente, os linguistas e grammaticos. Ha, porém, no Brasil, como em toda a parte, outra ordem de escriptores, a quem muito em conformidade se ajustam as palavras de Ruy Barbosa acêrca das qualidades literarias de Ramalho Ortigão: «Elegancia peregrina do estilo, a fina originalidade do espirito, vocabulario de uma opulencia ás vezes deslumbrante, de um colorido raro, de uma plasticidade maravilhosa». E entre nós é innumeravel essa especie. Quem, porventura, não admira a fluencia e belleza do estilo, para só lembrar os mortos, de um Azeredo Coutinho, de um visconde de Araguaia, de um Salles Torres Homem, de um Justiniano da Rocha, de um Alencar, de um Bellarmínio Barreto, de um Lopes de Moura, de um Bocayuva, de um Joaquim Serra, de um Nabuco, de um Lafayette, de um Ferreira de Araujo, de um Patrocínio, de um Tobias, de um Castro Alves, de um Bonifacio, o moço, de um Franklim Doria, de um Raul Pompéa, de um Manoel Victorino, de um Martins Junior, de um Euclides da Cunha, de um Valetim Magalhães, de um Fausto Cardoso, de um Nuno de Andrade... ?

* * *

Não é completa a relação nominal que adeante estampamos. (1) Vinte outros poderiam nella ser incluídos ; mas não o foram, uns por não terem sido devidamente estudados, outros porque não logramos compulsar-lhes as obras, umas por con-

do autor ou da obra que se tem por modelo digno de imitação em qualquer litteratura ou arte.»

No *Diccionario* de Littré : «Auteur, poète, ouvrage classique, celui que est regardé comme un modèle.»

Não mais, portanto, prevalece a velha definição de Quintiliano : «*Classico* é o escriptor lido ou tomado por modelo nas classes.»

(1) Em volume que em continuação deste pretendemos publicar, deverão nelle ser contemplados outros autores antigos e modernos.

stituirem já rarezas bibliographicas, e por fazerem outras ineditas ou com destinos não sabidos. A que, todavia, pomos aos olhos do leitor, posto deficiente, já é resultado de pesquisas e paciente labor. Outros, nas investigações mais aptos e venturosos, que a completem, não só em prol das letras, senão principalmente em nome da justiça que nos cumpre tributar aos benemeritos servidores e deanteiros esclarecidos da lingua nacional.

SEculo XVII

Vicente do Salvador.....	—Bahia,	1564-1636 ou 39
Antonio Vieira.....	—Lisboa,	1608-1697
Diogo Gomes Carneiro...	—Rio,	1618-1676
Antonio de Sá.....	—Rio,	1620-1678
Francisco de Sousa.....	—Bahia,	1628-1713
Alexandre de Gusmão.....	—Lisboa,	1629-1724
Eusebio de Mattos.....	—Bahia,	1629-1692
Gregorio de Mattos.....	—Bahia,	1633-1696

SEculo XVIII

Botelho de Oliveira.....	—Bahia,	1636-1711
Antonio da Silva.....	—Bahia,	1639- --
Nuno Marques Pereira.....	—Bahia,	1652-1728
Sebastião da Rocha Pita....	—Bahia,	1660-1738
Bartholomeu Lourenço....	—S. Paulo,	1685-1724
Jaboatão	—Pernambuco,	1695-1764
Mathias Aires.....	—S. Paulo,	1705-
Santa Rita Durão.....	—Minas,	1722-1784
Claudio Manoel da Costa	—Minas,	1729-1789
Basilio da Gama.....	—Minas.	1740-1795
José Francisco Leal.....	—Rio,	1744-1786
Thomaz Gonzaga.....	—Porto,	1744-1807
Moraes Silva.....	—Rio.	1755-1824
Mello Franco..	—Minas,	1757-1823
Sousa Caldas.....	—Rio,	1762-1814
José Bonifacio.....	—S. Paulo,	1763-1838

SEculo XIX

1ª METADE

Januario Barbosa.....	—Rio,	1780-1846
Monte Alverne.....	—Rio,	1784-1858
Romualdo de Seixas.....	—Pára,	1787-1860
Odorico Mendes.....	—Maranhão,	1799-1864
Sotero dos Reis.....	—Maranhão,	1800-1871
Porto-Alegre.....	—Rio Grande,	1806-1879
J. Caetano da Silva.....	—Rio Grande,	1810-1873
Velho da Silva.....	—Rio,	1810-
João Francisco Lisboa....	—Maranhão,	1812-1863

2ª METADE

Pinto de Campos.....	—Pernambuco,	1819-1887
Gonçalves Dias.....	—Maranhão,	1823-1864
Francisco Octaviano	—Rio,	1825-1889
Paranapiacaba	—S. Paulo,	1827-1915
Macedo Costa	—Bahia,	1830-1891
Carneiro Ribeiro.....	—Bahia,	1839-1920
Machado de Assis.....	—Rio,	1839-1908
Pacheco Junior	—Rio,	1842-1899
Francisco de Castro.....	—Bahia,	1857-1901
Ruy Barbosa.....	—Bahia,	1849-1923

A' succinta noticia que de cada classico passamos a dar, juntamos a indicação das obras principaes nas edições mais estimadas, e nella apenas temos em mira pôr em relevo, documentando-as, as qualidades literarias do escriptor.

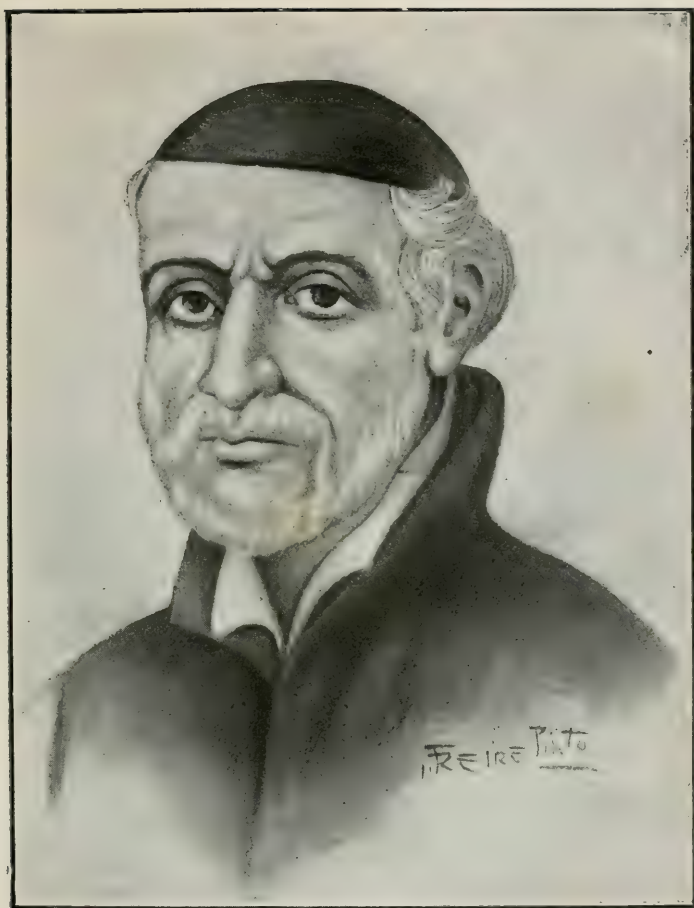
Não faltará certamente quem se esforce por patentear a inutilidade deste livro. Seja assim.

Já dizia "o grande doutor S. Jeronymo que ninguém, por bem que escreva, se livra de censuras ; porque, como adverte o inclyto Chrysostomo, as coisas não se julgam pelo que são, mas pelo affecto de quem as ajuiza : da mesma flor tira a vespa o amargoso, e a abelha o suave."

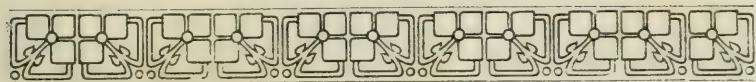
Classicos Brasileiros

Século XVII

**Antonio Vieira
Vicente do Salvador
Gomes Carneiro
Antonio de Sá
Francisco de Sousa
Alexandre de Gusmão
Eusebio de Mattos
Gregorio de Mattos**



Padre Antonio Vieira



Padre ANTONIO VIEIRA

(LISBOA, 1608—1697)

Não andariamos com acerto se na lista dos classicos brasileiros deixassemos de incluir o nome do padre *Antonio Vieira*, só porque em Lisboa, e não aqui, tivesse vindo ao mundo. Não basta o facto accidental de nascer neste ou naquelle sitio, para conferir, só por só, fóros e uso de nacional a quem quer que possa ser. A qualidade de originario de um país nem sempre importa, para quem d'elle se ausentou, o incorporar-se á vida da terra onde nasceu, ser factor do seu desenvolvimento, agente do seu progresso, instrumento da sua historia e representante da sua civilização.

Apresenta-nos a literatura, em abono destas asserções, casos contra os quaes não prevalecem argumentos. O do padre *Antonio Vieira* é perfeitamente elucidativo. Se este eminente apostolo de almas fechadas no obscurantismo das selvas é, e não ha negá-lo, um producto luso-brasileiro e, já no sentir, já no pensar, o resultado dessa formação — por que maneira considerá-lo português, ou brasileiro, no sentido exclusivo e genuino?

Assim como não é justo tê-lo só por brasileiro, havendo elle nascido em Portugal, onde passou alguns annos e em prol de cuja grandeza actuou, assim justo não é tomá-lo tambem só por lusitano. quando se elle

tornara brasileiro como os que mais souberam ser filhos desta terra.

Nas condições em que se lhe desabrochou o sentimento, formou o character, desenvolveu a intelligencia e accumulou instrucção, *Vieira* não será senão o que essas condições dizem o que elle é: — um coração luso-brasileiro, um homem luso-brasileiro, um escriptor luso-brasileiro, cujas glorias são patrimonio commum das duas patrias, que nenhuma deve querer com zelos de amor aquillo de que a outra tem direito a gloriar-se. Demais, sentira o famoso padre, e elle o declarara, que na colonia americana, para onde fôra levado no verdor dos annos, nascera segunda vez: — «Pelo segundo nascimento devo ao Brasil as obrigações de Patria.»

Que se havia por filho do Brasil, testificam-no ainda estas suas palavras estampadas no prologo da Primeira Parte dos Sermões: «Porque has de saber que havêdo trinta e sette annos que as voltas do mundo me arrebataram da minha Provincia do Brasil, e me trazem pelas da Europa, nũca pude professar o exercicio de Pregador, e muyto menos o de Pregador ordinario, por não ter Lugar certo, nem tempo...»

Onde cada um habita com o espirito e desejo, dahi é natural, dizia *Manoel Bernardes*.

Outros casos temos em nossas letras de communnidade de patrias. Ninguem se abalançaria, por exemplo, a considerar lyrico do Parnaso lusitano ao cantor da *Marilia de Dirceu* só por ter a cidade do Porto sido o seu torrão natal; do mesmo modo que ninguem terá em conta de poesia brasileira a musa de *Gonçalves Crespo*, porque aqui tivesse visto a luz da vida o fidalgo artista das *Miniaturas e Nocturnos*. Assim como por exclusivamente seu não terá Portugal ao padre *Alexandre de Gusmão*, que lá nasceu, mas ao Brasil chegou com dez annos, aqui se fez homem, jesuita e educador, aqui lutou, viveu e morreu; assim não devemos considerar nossos os nomes de *Antonio*

José da Silva, «o Plauto português», nem o de visconde de *Seabra* (Antonio Luiz Seabra), homens de subidos meritos, os quaes, posto aqui nascidos, foi em Portugal que passaram a vida e a cujo progresso se entregaram com o mais ardente devotamento á patria adoptiva.

Dir-se ha um intercambio de preciosissimos valores. Eis porque «Santo Antonio se chama de Padua, não sendo senão de Lisboa, e S. Nicolau de Tolentino, sendo de Saint-Angel.»

Nascera *Vieira* em Lisboa, mas aos sete annos já se achava na patria que lhe elegeram seus paes. Aqui lhe transcorrem puericia, adolescencia e parte da virilidade. Tornou a Portugal, mas ao Brasil consagrou ainda muito da sua madureza e a sua gloriosa velhice. Dos quasi noventa annos que viveu, deu-nos cincoenta, tendo-se devotado de corpo, coração e intelligencia á obra de formação da nacionalidade nascente. Foi aqui, portanto, que experimentou as mudanças apreciaveis no sentir e no pensar, se instruiu, se fez prégador assombroso e classico perfeito, assim no dizer como no escrever. De sorte que, quando voltou á terra onde lhe sorrira a vida, aos trinta e tres annos, grande, verdadeiramente grande, já o era. Antes de reaspirar as virações do Tejo, dera ao mundo, entre outros, um documento do seu excepcional merecimento intellectual no sermão que, em 1640, prégou em prol das armas portuguezas e contra as victorias de Hollanda. «E' um dos discursos sagrados mais eloquentes que teem sido pronunciados em todas as linguas e em todos os tempos» — dizem todos.

De que mais haviamos mister para por nosso termos tambem áquelle privilegiado engenho, em que pese á parcialidade de *André de Barros*, o mais antigo dos seus maiores biographos? A' intenção velada deste erudito jesuita contida nestas palavras — «De Christovam Vieira Ravasco e d. Maria d'Azevedo nasceu o incomparavel padre Antonio Vieira, *gloria*

de Lisboa, sua patria, esplendor de Portugal...»—contrapõe-se a imparcialidade sincera do emerito escriptor *Lucio de Azevedo*, o ultimo e quiçá mais notavel biographo de *Vieira*, a quem chama «filho genial da raça lusa, singular em tudo e, pelo que de sua vida pertence ao Brasil, quasi mais de lá que da patria nativa.»

Se destarte nosso é o grande homem, entre os nossos deve de estar; e, se entre os nossos se elle inclue, de todos foi o maior, até que, tres seculos depois, em *Ruy Barbosa* um igual veio a encontrar, nas excellencias e no rigor da vernaculidade.

A sua linguagem, modelo de correção e pureza, é a mesma dos maiores escriptores — *Camões*, *frei Luiz de Sousa*, *Bernardes*, *Ruy*, *Castilho*, *Francisco Manoel de Mello*. Não ha que a julgar, senão tomá-la por typo de perfeição. Apenas poder-se ha notar que as antitheses de que ordinariamente usava no modo de exprimir as imagens com que adornava os sermões lhe imprimiam ao estilo o vicio da repetição; mas parece que essa tautologia era intencional, e della lançava mão para, difficultando a estrutura fraseologica, comprazer-se em vencer as difficuldades com galhardia inexcédível.

Vêde, como exemplo, este passo :

«David escolheo o tempo da noyte, e assi chorava de noyte, mas de dia não chorava: porém Pedro, escolheo hũa cova escura, em que de dia, e de noyte sempre fosse noyte, para que de dia, e de noyte, sempre chorasse. Os olhos de David alternando o dia com a noyte alternavão tambem o ver com o chorar: porem os olhos de Pedro mettidos naquella noyte successiva, e continuada, nem de dia e nem de noyte vião, e de dia, e de noyte sempre choravão... Oh quem me dera fontes de lagrymas a meos olhos (dizia Jeremias) para chorar de dia, e de noyte! Vede quão discreta, e quão encarecidamête pedia Jeremias. Não só pedia lagrymas, senão fontes

de lagrymas: *Fontem lacrymarum*. E porque pedia fontes? Porque desejava chorar de dia, e de noyte: *Et plorabo die, ac nocte*. As fontes não fazem differença de noyte a dia: de dia, e de noyte sempre correm: e como Jeremias desejava chorar de dia, e de noyte; *Plorabo die, ac nocte*; por isso pedia fontes de lagrymas, ou lagrymas como fontes: *Et oculis meis fontem lacrymarum*. Taes erão as fontes dos olhos de Pedro naquella cova escura. Não havia alli differença de noyte a dia, porque não havia luz: e como a luz não interrôpia a noyte, a vista não interrôpia as lagrymas: a noyte suspendia perpetuamente o ver; as lagrimas continuavão perpetuamente o chorar. Chorava amargamente, porque vira; chorava continuamente, porque não via: fóra do Paço, onde vira, para não ver; dentro da cova, onde não via, para sempre chorar: *Egressus foras flevit amare.*» (*Sermoens*, v. I. c 883 e seguintes, ed. de 1679).

Num curioso paralelo entre fr. Luiz de Sousa e Vieira, assim julga Francisco Alexandre Lobo: — «No que diz respeito á lingua, se nella não sabia escrever, com as graças da penna de fr. Luiz de Sousa, certamente a possuia ainda melhor do que este ultimo. O conhecimento de fr. Luiz de Sousa procedia da educação cortesã, de alguma leitura e de certo instinto raro, ou duma certa felicidade de talento, que sei melhor compreender do que definir; o de Antonio Vieira era fruto do estudo, da leitura bem reflectida e vasta, e de ardente ambição de chegar aqui a um grau muito subido, a que na verdade chegou. Quanto ao bom ou ruim gosto, o de Vieira tem sido muito censurado, e não falta fundamento. Mas o gosto deste homem celebre, quando compunha, particularmente os seus sermões, era corrupto, e não o era, quando avaliava. Succedia-lhe o avesso, justamente, do que Boileau notava no poeta Pedro Corneille. As idéas proprias de Vieira sobre estilo ou modo de escrever, eram quasi contraditorias com as do seu tempo; e quando compunha sermões, deixava as suas, e seguia

as dominantes ; donde vem a differença, quasi pasmosa entre os sermões, e entre os papéis pragmaticos, as relações e as cartas. Tamanha differença é, que, a não acharmos, em toda a parte, certos rasgos que só a elle pertencem, e a mesma abundancia e correcção de linguagem, diriamos que o autor dos sermões era muito outro.» (Obras, t. II, cap. II).

As mais estimadas edições de seus sermões, cartas e outras composições estão indicadas no vol. I, letras A-B, paginas 289 e seguintes do *Diccionario Bibliographico* de *Innocencio da Silva*. Ao leitor facilitamos o conhecimento dessas indicações acêrca dos já hoje rarissimos livros do famoso padre :

— *Sermões*, XV tomos, todos publicados em Lisboa, nos annos de 1679, 82, 83, 85, 89, 90, 92, 94, 86 (com o nome Maria Rosa Mystica), 88 (id.), 96, 99, 90 (com o titulo *Palavra de Deus* etc), 1710 (postumo) e 1748 (id., com o titulo *Sermões Varios*, etc.)

— *Cartas*, em 3 tomos, todos publicados em Lisboa, nos annos de 1736 os dois primeiros, e de 1746, o ultimo.

— *Vozes Saudosas da eloquencia*..., Lisboa, 1739.

— *Ecos das Vozes saudosas*..., Lisboa, 1757, em castelhano, além de outros trabalhos.

Esses livros teem-se prestado a innumeraveis selecções, das mais bem feitas e estimadas da quaes faremos apenas menção :

Sermões Selectos, Lisboa, Typ. Rollandiana, 1852-1853. 6 tomos, escolhidos pelo patriarcha Francisco de S. Luiz.

Vieira abreviado, 1746, em 2 volumes (Vide J. Ribeiro, *Setecta Classica*).

Chrysostomo Português, 1878.

Obras Classicas. Cartas, 1885, em 2 volumes.

Cartas, revistas por Tito de Noronha, 1881, Porto.

Como melhores fontes para conhecimento das composições e engenho de *Vieira*, temos a *Vida do Padre Antonio Vieira*, de *André de Barros*, 1746; *Vida do Padre Antonio Vieira*, de *João Francisco Lisboa*, 1865; e a *Historia de Antonio Vieira*, de *J. Lucio d'Azevedo*, 1918.

Morreu o grande jesuita em 1697, na cidade da Bahia, onde descansam os seus despojos





FR. VICENTE DO SALVADOR

(BAHIA, 1564—1636 ou 39)

Elucidado está que a 20 de dezembro de 1627 concluiu fr. *Vicente do Salvador*, em Portugal, uma *Historia do Brasil*, escripta a conselho de *Manoel Severim de Faria*, que, a expensas proprias, se incumbira de a publicar. Poucos annos, porém, sobreviveram os dois. *Severim* veio a fallecer em 1655, sem que tivesse realizado a promessa. Passam-se os tempos, e vagas eram as noticias acêrca do destino que, após o desaparecimento do autor e do amigo, tiveram os originaes do livro, senão quando, em virtude dos bons esforços dos nossos compatriotas visconde de *Porto Seguro* e *João Francisco Lisboa*, delles se conseguiu uma copia, a qual, tendo ficado em poder do marquês de *Olinda*, passou a pertencer a um dos seus herdeiros, de quem, em publico leilão, a adquiriu o livreiro desta capital *João Martins Ribeiro*, que, por sua vez, a offereceu, em 1881, á *Bibliotheca Nacional*. Assim foi que se tornou possivel a vulgarização da obra, levada com effeito ao prélo pelo sr. *Capistrano de Abreu*, em 1889. Escripta, pois, em 1627, só muito mais tarde, quasi tres seculos depois, é que veio a ser conhecida do publico.

De outro lado, verificado tambem está que, no seculo de seiscentos, pouco depois de escripta aquella

obra, outro brasileiro, *Diogo Gomes Carneiro*, homem notavel e assaz conceituado na sociedade portugueza, elogiado por *Barbosa Machado*, e cuja autoridade invocaram *Bluteau* e *Moraes* na elaboração dos respectivos lexicos, publicava, em 1641, a *Oração apodixica aos scismaticos da Patria* a que logo se seguiram mais tres trabalhos seus de traducção.

A' vista desta breve exposição de factos, hoje incontrovertidos, concludente é que, se foi frei *Vicente do Salvador* o primeiro brasileiro que escreveu prosa (facto que é ainda duvidoso, supposta a hypothese da existencia anterior de outro trabalho, como o delle, tambem inedito), essa se não tornou conhecida e se conservou não publicada, como tal ainda se dá com outro trabalho da sua lavra — *Chronica da Custodia do Brasil*; ao passo que *Gomes Carneiro*, nos annos de 1641, 1657 e 1658, entregava á publicidade os seus livros. Nesses, que se tornaram vulgarizados, é que está a procedencia da prosa literaria, o inicio da nossa linguagem erudita, e não na obra de frei *Vicente*, escripta, é certo, em 1627, mas subtraída á circulação e conservada em originaes, só tardiamente descobertos. Ora, obra inedita é obra não conhecida, ou ignorada; obra ignorada é obra inexistente, que não circula e não se propaga, e, consequentemente, obra é que não pode iniciar uma literatura.

Não é, portanto, *Vicente do Salvador* o primeiro classico que no Brasil inicia a prosa literaria, como nestas palavras affirma o sr. *José Verissimo*: «O primeiro brasileiro conhecido que escreveu prosa num genero literario, qual é a historia, e de feitio a se lhe poder qualificar a obra de literaria, foi frei *Vicente do Salvador*. E' por elle que começa a nossa literatura em prosa... Se houveramos nós, brasileiros, de fazer a lista dos nossos classicos, isto é, daquelles escriptores que sobre bem escreveram a sua lingua, conforme o uso do seu tempo, melhor nos representaram o sentimento, e entendimento e a vontade que faz de

nós uma nação, o primeiro dessa lista seria por todos os titulos frei Vicente do Salvador com a sua historia do Brasil».

Não. Ha neste voto exaggeração. Não é frei *Vicente*, por todos os titulos, o primeiro dos nossos classicos. Pode ter na lista delles, como aqui, o primeiro logar, por ser de todos o mais velho. Em merito, ou importancia, não. Onde o illustre critico, arri-mando-se ao exacto merecimento literario da obra do franciscano, o julga com justeza, é quando reconhece que «a sua lingua correcta, expressiva e até ás vezes colorida, mais porventura do que o costuma ser a dos escriptores seus contemporaneos, tem sobre a destes a superioridade da singeleza e naturalidade, virtudes nelles raras. E' muito mais agradavel de ler que Gabriel Soares e para nós brasileiros ao menos do que muitos dos chamados classicos portuguezes, chronistas como elle. Tem espirito, tem chiste, quasi poderiamos dizer que ás vezes tem *humour*. Ha sobretudo nelle uma desenvoltura de pensar e de dizer que augmentam o sabor literario á sua *Historia*».

As excellentes qualidades da sua linguagem patenteiam-se nas paginas do seu livro. Tomem-se delle, á ventura, ou pelo agradavel e suggestivo do titulo, quaesquer umas. Ver-se ha que são escriptas com segura construcção vernacula, de estilo escorreito e limpo, linguagem desataviada, simples e natural. Não teem lances de eloquencia de academicismo inflammado, mas teem a suave expressão da singeleza e espontaneidade.

Iniciara a sua formação intellectual com os jesuitas da Bahia e completou-a na metropole, onde se diplomou *in utroque jure* na Universidade de Coimbra. Formado, regressou á terra e, na idade de trinta e cinco annos, fez-se frade, trocando o nome Vicente Rodrigues Palha pelo de frei Vicente do Salvador.

Homem de cultura e penetrado dos direitos do país, exerceu muita influencia, não tanto como histo-

riador, senão como moralista, que o foi reflectido e liberal. Nas suas missões e predicas, como nos seus cursos e nos seus actos, não encobria os sentimentos nativistas, posto moderados, mas repassados de suavidade attractiva do alvorecer de sua patria, que elle via não só começar a revelar-se, senão surdir e despontar para os grandes destinos que lhe preservou a fortuna, e cuja realização confiou a providencia á intelligencia e patriotismo dos naturaes.

A não ser *Capistrano de Abreu*, que delle faz breve mas curiosissimo estudo, á guisa de proemio nas edições da *Historia do Brasil*; a não ser *José Verissimo*, que, na sua *Historia da Literatura Brasileira*, lhe consagra algumas paginas, nas quaes reconhece, como vimos, os dotes da sua linguagem, já tambem apreciados anteriormente por outrem, que o considera o nosso primeiro classico, e classico em bom sentido, pois, sendo um seiscentista, não tem os defeitos communs a grande numero de prosadores daquelle tempo (V. I. p. 138 da Hist. da Lit. Brasil.), só encontrará o leitor, acêrca do frade bahiano, as referencias de *Barbosa Machado*, na *Bibliotheca Lusitana*; de *Jaboatão*, em o *Novo Orbe Seraphico*; de *Varnhagem*, na memoria que, sobre Gabriel Soares de Sousa, offereceu ao Instituto Historico, e publicada no tomo XXI, anno de 1858, da Revista daquelle Instituto, e os estudos de *Pereira da Silva* e *Balthasar da Silva Lisboa*.

Tem-se-lhe comtudo conservado o nome arredado do movimento das letras. Esquecendo-se-lhe a correcção e pureza da prosa, a naturalidade do estilo e a estreme vernaculidade da linguagem, preferimos ir buscar a outros seiscentistas, que raros lhe são superiores, aquillo que na *Historia do Brasil* temos em casa e tanto á mão. Nos livros de vulgarização, não se nos depara o seu nome, que sem duvida direito tem a nelles ser contemplado. Haja vista a magistral *Selecta Classica* de *João Ribeiro*, que não o incluiu, posto que nella tivesse dado ingresso a *Gregorio de Almei-*

da. *Antonio de Sousa e Macedo*, d. *Francisco Portugal*, frei *João Santos*, padre *Manoel Godinho*, *Duarte Ribeiro de Macedo*, classicos portuguezes, sem duvida de boa linguagem, mas que não deviam preferir aos nossos no trato da mocidade brasileira com a prosa vernacula. Essa omissão não na fizeram *Carlos de Laet* e *Fausto Barreto*, na *Anthologia Nacional*. Como representante da lingua no seculo de seiscentos, lá está o nome do frade brasileiro entre os de frei *Luiz de Sousa*, *Freire de Andrade*, *Rodrigues Lobo*, *Antonio Vieira*, *Francisco Manoel de Mello* e *Bernardes*.

Do monge bahiano nos ficou apenas um livro, mas esse não só é meritorio na substancia, mas tambem na linguagem, que reflecte algumas das riquezas do idioma, notadamente a naturalidade, a concisão, a simplicidade morphologica e a pureza vocabular. Ostenta, além disto, o merito de haver escripto a primeira historia do país. Taes virtudes assignalam os titulos do escriptor ao apreço e estima da posteridade.

São duas as edições da obra de frei *Vicente*, e ambas dirigidas por *Capistrano de Abreu*: a primeira, de 1889, publicação da Bibliotheca Nacional, na Typ. de G. Leuzinger & Filhos; a segunda, em 1918, cujos editores foram os srs. Weiszflog e Irmãos, de S. Paulo.

O texto da edição de 1889 foi revisto por *Teixeira de Mello*, e o da de 1918 por *Capistrano de Abreu*, auxiliado por *M. Said Ali* e *Rodolpho Garcia*, que nelle introduziram, com o modernizarem a orthographia, sensiveis alterações.

São vulgares essas edições.





DIOGO GOMES CARNEIRO

(RIO, 1618 — 1676)

Nome que dorme á sombra do esquecimento dos posterios e nem sequer é lembrado dos criticos e historiadores literarios. Nem *Fernandes Pinheiro*, nem *Ferdinando Wolf*, nem *Varnhagem*, nem *Eduardo Perié*, nem *Roquêtte*, nem *Caldas Aulete*, nem *José Verissimo*, nem *João Ribeiro*, nem *Solidonio Leite* o mencionam. No *Supplemento Biographico dos Varrões Illustres*, consagra-lhe *Pereira da Silva* algumas linhas, e *Sylvio Romero*, na *Historia da Literatura*, apenas duas, que, umas e outras, não encerram verdade, como adeante ficará explanado.

Não se esquecera, porém, do seu nome *Barbosa Machado*, na *Bibliotheca Lusitana*, monumento bibliographico, onde se lê : — «Natural da cidade do Rio de Janeiro, versado em todo genero de Historia, e não menos na intelligencia das linguas mais faladas, e nas sciencias das letras humanas, Poesia e Rhetorica. Foi secretario de D. Affonso de Portugal, marquês de Aguiar, que, pela nobreza de seu nascimento e capacidade de talento, o tratava com particular estimação (p. 654, t. 1). *Bluteau* e *Moraes* o incluíram no catalogo dos autores a cuja autoridade se arrimaram para a composição dos respectivos dictionarios.

No *Anno Biographico* dedica-lhe *Joaquim Manoel de Macedo* estas palavras : — «Em seus apontamentos manuscritos doados ao Instituto Historico do Brasil informa Balthasar da Silva Lisboa que Diogo Gomes Carneiro nascera no Rio de Janeiro em 9 de fevereiro de 1628; está averiguado e ninguem contesta que o Rio de Janeiro fosse o berço natal de Diogo Gomes; mas a data do seu nascimento era por todos ignorada: Balthasar da Silva Lisboa não fundamenta a sua informação, que reproduzida aqui e aceita com estas explicações, será força tambem concluir que esse notavel brasileiro morreu, contando apenas 48 annos de idade. Da vida de Diogo Gomes Carneiro na sua terra natal nada ao certo se sabe: naturalmente educou-se em Portugal, onde se tornou distinto por sua intelligencia e notaveis estudos. Nem de outra sorte este brasileiro teria sido secretario do marquês de Aguiar e depois nomeado pelo rei chronista geral do Brasil, com a pensão annual de trezentos mil réis. Esta nomeação indica que Diogo Gomes se occupava muito das coisas do Brasil, sua patria. Falleceu Diogo Gomes Carneiro em Lisboa em 26 de fevereiro de 1676.»

Entre os maioraes de quem na epoca dependia a publicação de obras, unanime fôra o voto de que *Diogo Carneiro* digno de louvor se mostrara, por escrever e traduzir conforme as verdadeiras regras. Entre as suas glorias não será a menor a de ter sido o primeiro dos filhos do Brasil que imprimiu e publicou livros em prosa litteraria. Temos por certo que o primeiro livro de brasileiro, no genero de prosa, que appareceu foi a *Oração apodixica aos scismaticos da Patria* da lavra daquelle illustre carioca.

Versadissimo no trato das linguas latina, toscana, espanhola e portuguesa, chegou a gozar de muito conceito nos circulos intellectuaes da metropole, onde desempenhou elevadas funcções publicas com notavel distincção e honra para a sua patria.

Dos seus livros, que correm impressos, aqui tras-

ladamos as noticias colhidas no Diccionario de *Innocencio* :

«— *Oração apodixica aos scismaticos da Patria*, Lisboa, por Lourenço d'Anvers. 1641, 4º de IV— 34 pag. Na livraria de Jesus vi um exemplar deste opusculo, que é raro, bem como todas as mais obras deste escriptor.

— *Historia da Guerra dos Tartaros*, etc. Lisboa, por Henrique Valente d'Oliveira. 1657. 16º E' tradução do latim do P. Martim Martinez.

— *Primeira parte da Historia do Capuchinho Escossês*, traduzido do toscano de João Baptista Rannuccio. Lisboa, por Henrique Valente d'Oliveira. 1657 12º Diz o bispo de Martyria D. Fr. Christovam de Almeida, na advertencia preliminar á obra que publicou com o titulo Segunda Parte, que desta Primeira Parte se imprimiram tão poucos exemplares, que já se não podia achar um, ao fim de dez annos.

— *Instrucção para bem crer, bem orar, e bem pedir*, em cinco tratados do P. João Eusebio Nieremberg, traduzida do castelhano, a que se juntam dois mais das regras de viver christãmente. Lisboa, por Valente d'Oliveira. 1658. 16º»

Barbosa Machado dá ainda noticia de mais dois trabalhos, o primeiro dos quaes, nos parece, se conserva em manuscripto : *Memorial da pratica do Montante*. Estava no collegio da Companhia de Evora Epigramma Latino, que anda nas *Mem. funeb. de D. Maria Ataide*.

A linguagem de *Diogo Gomes Carneiro* é notavelmente esmerada, elegante e revestida da opulencia que só possuem os escriptores de escol. A sua locução é, em regra, simples e natural, mas cheia de energia e propriedade; a frase lhe sae sempre imaginosa, sem redundancia.

Tendo affirmado *Pereira da Silva*, como acima dissemos, que *Gomes Carneiro* morreu em Lisboa,

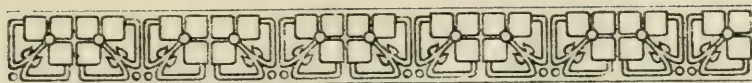
deixando obras literarias e historicas incompletas, das quaes foi apenas publicada a Historia da guerra dos Tartaros, e havendo asseverado Sylvio Romero que «elle deixou alguns fragmentos literarios e historicos ineditos»—ficam desfeitos taes erros, com a documentação, que acabamos de dar, de que *Diogo Carneiro* compôs e deu á estampa não só trabalhos originaes, mas tambem traducções do latim, toscano e castelhano.

Esse varão illustre, honrando a patria em terras estranhas, no exercicio de elevadas funcções que lhe haviam sido commetidas, foi tambem o primeiro em revelar no colono aptidão e qualidades de escriptor. Não importa que na metropole tivesse concluido a sua instrucção. Certo é que, no ambiente aureo do classicismo lusitano, attraíu para as suas obras a attenção e apreço dos doutos e mostrou-se prosador de estilo dos mais elegantes, tersos, correctos e opulentos de que podia glorificar-se naquelle seculo o idioma commum.

A divulgação que dos seus trabalhos tencionamos fazer na *Estante Classica* antolha-se-nos util serviço ás boas letras, que nelles passarão a ter novos modelos por onde regulem, dirijam, exemplifiquem e pratiquem a boa prosa vernacula. Insistiremos em dizer que, se bem advertirmos a precedencia ou a preferencia que indevidamente nos habituamos a dar a escriptores estranhos, nos convenceremos, salvo o caso dos grandes mestres, de que ella não é determinada por pobreza ou indigencia nativa. O phenomeno aqui se opera como em varios outros casos: sem alguma explicação plausivel. Não raro ficamos na ignorancia dessa especie de deliberação volitiva, que nos impelle a preferir o mau ou soffrivel estranho ao bom ou optimo nativo. Temos ainda, como traços remanescentes de defeituosa formação moral, o mau vizo de repellirmos tudo que nos é exclusivamente proprio.

Oxalá que este desautorizado esforço, a que nos estamos dando, sirva ao menos para trazer ás nossas letras e incorporar nellas, não só o nome tão illustre quão injustamente ignorado de *Diogo Gomes Carneiro*, senão tambem os de outros insignes representantes da nossa literatura classica.





Padre ANTONIO DE SÁ

(RIO, 1620 — 1678)

Que significação terá este nome, raro proferido, deante da posteridade de que já se elle distancia num passado de mais de dois seculos?

A mais autorizada e completa fonte de noticias acêrca dos grandes vultos antigos da literatura e lingua portuguesa continúa a ser a *Bibliotheca Lusitana* de *Barbosa Machado*, abade e critico, que viveu a prégear e enaltecer os meritos de varões illustres. Nella depa-ram-se-nos estas palavras attinentes ao nosso preclaro compatriota: «A viveza do juizo competindo com a tenacidade da memoria, felizmente conspiram para que, ou cultivando as musas amenas ou severas, fosse julgado pelos mestres e condiscipulos por — milagre dos engenhos. Com a mesma agilidade com que voou ao cume do Parnaso e colheu as flores da eloquencia, penetrou, sendo-lhe conductoras a philosophia e a theologia, o santuario das escripturas, não havendo nellas mysterio recondito que não fosse patente á sua aguda investigação. Ornado com esses singulares dotes, nos quaes excedia todos os maiores talentos da sua idade, passou a Portugal, donde, por ordem dos superiores, assistiu alguns annos em Roma com a occupação de escrever as cartas para a provincia do

Brasil. Restituído ao Reino começou a exercitar o ministerio de orador evangelico tendo por theatro a côrte de Lisboa, e por ouvintes a seus monarcas e toda a nobreza que, pendentes da sua elegante energia, com o silencio mais eloquente do que a voz, o acclamaram — Príncipe da Oratoria Ecclesiastica. O ornato das palavras, mais filho da natureza que da arte, a viveza das acções reguladas pela veemencia do espirito, a expressão da voz clara e sonora, a delicadeza dos discursos sempre solida, a profundidade dos textos nunca imperceptivel e a novidade das idéas immutavel conciliaram taes applausos ao seu sublime engenho que chegou a brilhar com toda a intensão na presença do primeiro astro da esphera concionatoria, o grande Vieira, que muitas vezes affirmou não ser sensivel a sua ausencia quando tinha por substituto a Antonio de Sá! Toda esta fama merecida por seu insigne talento desprezou heroicamente, e veio para o Brasil a tomar parte nas missões.»

Muito honroso para o engenho brasileiro é este elogio. Não podia *Antonio de Sá* cingir-se de coroa mais refulgente e de mais vívida eloquencia tessida, do que essa vibrante exaltação dos seus merecimentos que lhe faz o abade português,

Em 1712, reconhecendo-lhe autoridade de vernaculista, incluiu-o *Bluteau* no *Catalogo* dos autores citados no seu *Vocabulario*. Todos os criticos, diz *Innocencio*, são acordes em o considerar como orador de linguagem mui pura, de estilo correcto e elegante. e finalmente, como um dos que mais se aproximam de *Vieira*, ou antes, como o seu melhor discipulo. No seu por muitos titulos apreciavel trabalho *O Pulpito no Brasil*, consagra-lhe *Ramiz Galvão* magnifico estudo mediante o qual chega até nós engrandecida e muito bem retratada a figura do notavel prégador, cujo engenho oratorio, nos extraordinarios triumphos do pulpito, não raro competiu com o daquelle varão eminentissimo e um dos maiores escriptores em todos os

tempos. Quando, com o brilho da palavra, esses dois homens deslumbravam os seus ouvintes, a literatura portuguesa estava em declínio, o que mais surpreendente tornava a revelação de meritos tão subidos. «Como não serão realmente admiraveis,» pergunta *Ramiz Galvão*, «esses dois grandes athletas do pulpito, que, para assim dizer, tiram do nada a eloquencia sagrada, ramo que entre nós permanecia sem cultivo, para collocá-la em tão elevado grau? Como não serão dignos de admiração os architectos que levantam os capitéis de um edificio majestoso no meio de ruinas e de destroços?» «A despeito do nosso catholicismo consuetudinario, escreve *J. Verissimo*, na sua *Historia da Literatura*, os sentimentos que o inspiraram não teem mais a virtude de interessar-nos e commover-nos. De modo que é hoje *Antonio de Sá* apenas um nome que se encontra nas anthologias didacticas e cuja obra ninguem mais lê e quasi todos ignoram inteiramente.»

Não é só o sentimento que porventura inspira a obra a unica condição que a faz interessar-nos. Antes do sentimento ha, acima d'elle, ou primeiro que elle, a forma, o estilo, a linguagem, que a perpetúa. Não chegaria até nós e nem se immortalizaria, na lingua portuguesa, a obra do padre *Bernardes*, nem a de *Francisco Manoel de Mello*, se, penetradas, como são, do mais profundo mysticismo, que hoje nos não interessa, não nas escreveram os grandes classicos na linguagem correcta e pura, harmoniosa e doce, em que as insculpiram. Do padre *Antonio Vieira* refugariamos *Sermões* e *Cartas*, porque o inspiraram a elle sentimentos que, de nós hoje não sentidos, não teem a virtude de commover-nos. São, no entanto, taes obras monumentos que nos legou a sua penna immortal. Não quereríamos a *Castilho Antonio*, nas paginas suavissimas e magístreaes, quando as ditasse o aulicismo exagerado.

Como padrões de linguagem, as obras desses

homens não teem epoca : são viventes e sempiternas nos resplendores da expressão.

Duradoura pelas suas qualidades será a obra oratoria de *Antonio de Sá*, Nos seus *Sermões* reconhece o proprio sr. *J. Verissimo* reaes meritos e a boa qualidade da sua lingua e estilo. Os que lemos, são como os de *Vieira*, notaveis pela pureza da dicção e estilo correcto, e assim já os julgara *Ramiz Galvão*; mostram tambem como aquelles a vasta erudição que possuia o prégador e o conhecimento das sagradas escripturas, que lhe eram familiares como ao Chrysostomo Português; abundantes de idéas sãs e elevadas, teem mais colorido ás vezes que os sermões de *Vieira*.

E' *Antonio de Sá* natural da cidade do Rio de Janeiro, e nascido aos 26 de julho de 1620. Padre da Companhia de Jesus, foi secretario geral dos jesuitas, em Roma. Depois que voltou para o Brasil, consagrou os ultimos annos de vida á catechese do gentio. Falleceu na cidade natal no 1º de janeiro de 1678.

Possuimos delle uma collecção de varios sermões (1) publicados na sua maioria em vida do autor :

— *Sermão* prégado á Justiça na Sé da Bahia, etc. Lisbôa, 1858. 5º Teve mais duas edições : uma, em 1672 ; outra, em 1686.

— *Sermão* no dia em que Sua Majestade fez annos em 21 de agosto de 1653. Coimbra, 1665. 4º

— *Sermão* no dia de Cinza, na Capella Real. Lisboa, 1668. 4º Teve outra edição em 1673.

— *Sermão* na primeira sexta-feira da quaresma, etc. Lisboa, 1674. 4º Teve nova edição em 1690,

— *Sermão* dos Passos, etc. Lisboa, 1675, 4º Teve outra edição em 1689.

— *Sermão* da Conceição etc., em Pernambuco. Coimbra, 1675. 4º

(1) Dadiva captivante do grande poeta Alberto de Oliveira.

— *Sermão* da Quarta Dominga da Quaresma, etc. Coimbra, 1675.

— *Sermão* do glorioso S. José, etc. 1675. 4.^o Nova edição em 1692, Coimbra.

— *Sermão* de S. Thomé, etc. 1675. Nova edição em 1686, Coimbra.

— *Sermão* de N. S. das Maravilhas, na Sé da Bahia em 1660. Lisboa, 1732.

— *Oração* funebre nas exequias da Rainha de Portugal, etc. em 1666. Lisboa, 1735. 4.^o

Informa *Innocencio* que a maior parte destes sermões foram impressos, e alguns por mais de uma vez. Reunidos, porém, todos, e accrescentados de cinco, que sem o nome do autor andavam incorporados na terceira parte dos Sermões do Bispo de Martyria D. Fr. Christovam de Almeida, saíram em volume, por industria de Manoel da Conceição, livreiro, com o seguinte titulo :

— *Sermões Varios* do Padre Antonio de Sá, da Companhia de Jesus. Lisboa, por Miguel Rodrigues, 1750. 4.^o de XIV — 312 pag.





Padre FRANCISCO DE SOUSA

(ITAPARICA, BAHIA, 1628 — 1713)

Autor da obra «*Oriente Conquistado a Jesus Christo*», que mereceu da aristocracia portuguesa da epoca o melhor acolhimento, segundo se lê nos termos de aprovações e licenças, estampadas nas suas paginas iniciaes, o qual, assim na limpidez da linguagem, como na propriedade dos termos e segurança do estilo, confere este livro ao escriptor um dos primeiros logares entre os classicos brasileiros. Ou porque desse livro não chegassem a ter conhecimento, em virtude da rareza dos seus exemplares, ou porque não vissem nelle os merecimentos reconhecidos e proclamados de varias autoridades, como adeante se verá, estranhavel é que os nossos principaes e mais argutos autores literarios não no estudassem e nem sequer alguns lhe tivessem referido o nome, como se verifica nos trabalhos de *Wolf*, *Fernandes Pinheiro*, *Sylvio Romero* e *José Verissimo*.

No *Anno Biographico* consagra-lhe *Macedo* estas palavras: — «Frei Francisco de Sousa illustrou-se notavelmente, brilhou na tribuna sagrada, recebendo universaes applausos, diz *Barbosa*... Foi em sua vida objecto de estima e veneração de quantos o conheceram, e que exaltaram tanto as suas virtudes, como a

sua sabedoria, sendo ainda exemplar pela humildade. Deixou para perpetuar o seu nome a obra intitulada : *Oriente Conquistado a Jesus Christo pelos padres da Companhia de Jesus na provincia de Goa*, em tres partes, das quaes as duas primeiras foram publicadas em Lisboa e a terceira se conservou em manuscripto do collegio de S. Antão de Lisboa, e que, com a extinção da Companhia, não se sabe o fim que levou. O illustrado sr. Innocencio Francisco da Silva diz no seu Diccionario Bibliographico Português: A obra é, nem mais nem menos, a Chronica dos feitos da Companhia de Jesus nas partes da India ; e em pontos de linguagem não cede em pureza e elegancia as que temos de maior estima.» Que falte ao *Oriente Conquistado* outro maior merecimento, não bastaria esse do abalisado classico da lingua portuguesa para gloria e renome do brasileiro Frei Francisco de Sousa ?»

Foi um jesuita celebre, theologo excellente e optimo chronista, diz *Pereira da Silva*. *Eduardo Perié*, na *Literatura Brasileira*, refere-se brevemente ao *Oriente Conquistado* e delle faz algumas citações. Dahi em deante não mais se falou de tão insigne varão. Resgatou-o, porém, do injusto olvido *Solidonio Leite*, que nos *Classicos Esquecidos* estuda longamente o frade bahiano, cujos meritos de escriptor põe em evidencia. «A' Bahia», escreve *Solidonio*, «cujos filhos illustres seria empenho impossivel se quisessemos enumerá-los, coube a gloria de vos dar esse classico seiscentista, que emparelha com os melhores dos nascidos em Portugal».

O vezo de repetirem-se, uns aos outros, extingue nos historiadores literarios o estimulo da investigação.

Francisco de Sousa é prosador de tão alto porte, que o ser conservado em esquecimento importa profunda injustiça. Nada justifica que as nossas tautologicas historias literarias, as quaes nem sequer poderão defender-se com a escassez de noticias, lhe omittam o

nome. Já em *Barbosa Machado* se nos deparam referencias que deveriam acordar-nos o desejo de estudar a grande obra que nos legou a robusta intelligencia do padre brasileiro.

Rematou o erudito *Antonio Pereira de Figueiredo* a sua dissertação academica acêrca de *João de Barros*, estampada no vol. IV das *Memorias da Literatura Portuguesa*, com a lista dos autores classicos «por onde os eruditos da lingua devem julgar e decidir o que é falar bem, ou falar mal portuguez», e na qual entre os 36 mestres apontados, incluido vem o nome de *Francisco de Sousa*, que destarte ficara eleito e sagrado modelo entre os que devem ser imitados pelos que quisessem falar bem a lingua portuguesa.

Por sua vez, *Candido Lusitano*, tratando, nas *Reflexões*, da autoridade de classicos, e entre elles havendo contemplado o nome do padre *Sousa*, escreveu: «Temos lido e observado a locução deste escriptor, e raro é o vocabulo, ou frase, que não sejam proprios da lingua, ou já no seu tempo naturalizados pelo uso constante». «Seu nome» accrescenta *Innocencio*, «é tido pelos nossos criticos como um dos que mais de perto souberam aproximar-se, quanto a este ponto, dos nossos primeiros classicos».

Assim julgado e exaltado na mais elevada esphera literaria, esse nome, no entanto, nenhum apreço mereceu dos nossos autores de historias de literatura, em regra maus escriptores e corruptores da sua lingua.

Acêrca ainda do notavel patricio, em cuja penna tão energica e majestosamente soou a nossa lingua, trasladámos o artigo bibliographico do abade *Barbosa Machado*; «Natural da ilha de Itaparica, celebre pela pescaria das baleias, situada tres leguas defronte da cidade de S. Salvador da Bahia, capital da America portuguesa. Pela viveza do engenho de que logo na puericia deu evidentes signaes recebeu em o novi-ciado de Goa a roupeta de Jesuita, e passando logo a

Portugal, partiu no anno de 1647 com outros compa-
nheiros deste sagrado instituto para a India, onde
aprendeu sciencias amenas e severas, em que saiu
egregiamente versado, e se occupou no ministerio do
pulpito, que lhe conciliou universaes applausos. Se-
gunda vez voltou a este reino, donde embarcado em
a nau *S. Pedro d'Alcantara*, se restituiu no anno de
1665 ao Oriente. Havendo administrado por alguns
annos com fervoroso zelo a vigararia da igreja de
Nossa Senhora das Neves na ilha Salsete, foi propo-
sito da casa professa de Goa, em cujo logar mostrou a
summa prudencia de que era ornado, e deputado da
inquisição da mesma cidade, de que tomou posse a 9
de agosto de 1700. Cheio de merecimentos e annos,
que excediam de 81, falleceu no Collegio de S. Paulo
de Goa no anno de 1713. Compôs obrigado da obe-
diencia imposta pelo geral o padre Tyrso Gonçalves :
«Oriente Conquistado a Jesus Christo pelos padres da
Companhia de Jesus da provincia de Goa. Primeira
parte na qual se conteem os primeiros vinte e dois
annos desta provincia. Lisboa, por Valentim da Cos-
ta Deslandes, impressor de Sua Majestade, 1710. fol.

«Oriente Conquistado, etc. Segunda parte, na
qual se contem o que se obrou desde o anno de 1564
até o anno de 1585. Lisbôa, pelo dito impressor, 1710
fol.

«Oriente conquistado, etc., Terceira parte. Con-
serva-se o ms. no collegio de S. Antão desta Corte :
fol.»

Nesta obra se admiram felizmente unidas a cla-
reza do methodo, a elegancia do estilo, e a sciencia
da geographia e chronologia, partes constitutivas de
uma perfeita historia, merecendo o seu autor pela
exacta observancia com que praticou os seus precei-
tos ser collocado entre a classe dos seus mais insi-
gnes professores»,

Teve a tribuna sagrada no padre *Sousa* um dos
seus mais brilhantes ornamentos; os seus sermões,

porém, não foram publicados, havendo delle impresso sómente o *Oriente Conquistado*, que é a sua unica obra, já hoje rarissima.

Foi-lhe attribuida pelo visconde de *Porto Seguro*, no *Florilegio da Poesia Brasileira* (v. I. p. 153) a authoria do poema sacro e tragi-comico intitulado *Eustachidos*. Demonstrou, porém, *Jaboatão*, em o *Novo Orbe Seraphico* que o verdadeiro autor do poema é o frade bahiano *Manoel de Santa Maria Itaparica*.

A obra, porém, que nos deixou, perpetua na posteridade o vigor, a correcção e excellencias da sua penna magistral.





Padre Alexandre de Gusmão



Padre ALEXANDRE DE GUSMÃO ⁽¹⁾

(LISBOA, 1629 — 1724)

Nascido na metropole, por brasileiro deve ser tido esse homem, pelo muito que fez em prol do desenvolvimento social e moral da colonia e significantes serviços que lhe ficamos a dever. Contando apenas dez annos de idade, transportou-se para o Brasil, onde fez todos os seus estudos e vestiu a roupeta de jesuita. E foi como jesuita que aqui passou toda a sua vida, consagrada com verdadeiro fervor á missão de educar e instruir a juventude. Exerceu, além disso, muitos e importantes cargos. De todos os seus feitos, porém, culmina a fundação do *Seminario de Belém*, na villa de Cachoeira, na Bahia.

As primeiras e porventura mais completas informações acêrca deste seminario e do seu fundador, encontramos-las em *Rocha Pita*, na *Historia da America Portuguesa*, onde se nos ministra o seguinte:

«Quatorze legoas da Cidade da Bahia está a Villa de Nossa Senhora do Rosario da Cachoeira, que toma o nome do rio, em cujas ribeiras fôra edificada; huma

(1) Não confundir o padre *Alexandre de Gusmão* com o seu homonymo paulista, irmão de *Bartholomeu Lourenço*, e nome brilhante como poeta, diplomata e ministro, mas não prosador de boa linguagem como aquelle modesto padre.

de distancia pelo seu terrestre continente se eleva grande porção de terra, cujo cume se estende em dilatadissima, campina fertilmente amena pela frescura, e suavidade dos ares, pela alegria, e distancia dos horizontes, pela producção, e fecundidade do terreno, e finalmente pelo concurso de muitas e cristalinas aguas.

Neste sitio fundou no anno de mil e seis centos e oitenta e seis hum Seminario o Padre Alexandre de Gusmão, Religioso da Companhia de Jesus e hum dos mayores talentos da sua Provincia do Brasil, onde foy repetidas vezes Reytor, Provincial, Lente de Philosophia, Theologia e Moral, e sobre tudo insigne Mestre do espirito, cuja virtude, e doutrina são veneradas como de Varão Santo. Com algumas esmolas, e com o seu laborioso cuidado, fabricou pelo seu dissenho sumptuosa Igreja, a que deu titulo de Nossa Senhora de Bellem, e fez os excellentes artefactos do retabolo, fabricado de fina, e manchada tartaruga, e de varias pessas da Sacristia, e muitos Presepios de diferentes materias pelas suas mãos. Em proporção do Templo edificou casas para peregrinos, e hospedes authorizados, que naquelle sitio são frequentes e formou um capacissimo, e perfeito Seminario, em que recolheo meninos para lhes ensinar as primeiras letras, e a Grammatica, e para os instruir, e criar nas virtudes, e exercicios Christãos, sendo Mestre de todos, e sogeitando-se a ler nos bancos os primeiros rudimentos aos discipulos aquelle, que em profundas sciencias nas cadeiras admirara aos Mestres. O tempo, que lhe sobejava, applicava á composição de varios livros, que sahirão á luz com grande exemplo, e proveito das almas. Foy crescendo com o fervor da doutrina o concurso dos Seminaristas, de forma, que de todas as partes do Brasil lhe enviavão muitas pessoas principaes filhos, e parentes, a quem assistião com huma annual moderada congrua para a sua commoda sustentação arbitrada desde o principio do Seminario pelo seu Fundador.

Com o culto Divino, que alli sumptuosa, e piamente se consagra a Deos, e á Virgem Santissima sua Mãe, se augmentou tanto a devoção dos fieis, que de muito longe vão áquelle Santuario; e foy preciso ao Collegio da Bahia acudir-lhe com muitos Religiosos, assim Sacerdotes para administrarem os Sacramentos, como Irmãos para ajudarem ao Padre Alexandre de Gusmão na educação e estudos dos Seminaristas, dos quaes tem já sahido muitos, e virtuosos sogeitos para o habito de S. Pedro, e para os das outras Ordens Claus-traes, e até para o seculo perfeitos Varoens. A Casa he hoje huma das Reytorias da sua Sagrada Religião, residindo nella Communidade competente a tanto em-prego, e continuando nelle o seu Instituidor Alexandre de Gusmão, que viveo até o anno de mil e sete centos e vinte e quatro, assistindo no Seminario com a mes-ma promptidão, e actividade, ensinando, pregando, e administrando os Sacramentos em noventa e seis an-nos de idade; maravilha, que se attribuhio á poderosa disposição Divina.” (p. 444.)

Quanto de singeleza descriptiva contém esta pa-gina, tanto de informes curiosos nella se nos deparam acêrca da vida quasi secular que entre nós viveu o no-tavel jesuita.

A *Barbosa Machado* não escapariam, na “*Biblio-theca Lusitana*”, os pormenores da vida, pessoa e obra de tão insigne varão; e, com effeito, elle nos subministra esclarecimentos que em grande relevo põem a acção que exercera o fundador do *Seminario de Belém*. Ouçamo-lo:

“Nascido em a cidade de Lisboa a 14 de Agosto de 1629. Na tenra idade de 10 annos passou com seus paes ao Brasil, onde instruido com as primeiras letras abraçou o Instituto da Companhia de Jesus, quando contava 17 annos, em o Collegio da Bahia, a 28 de Outubro de 1646. Aprendidas com grande credito da sua applicação as sciencias ecclesiasticas, e tendo ensi-nado humanidades no Collegio do Rio de Janeiro onde

foi Prefeito dos Estudos, como tivesse particular genio para o governo, o promoverão os Superiores a todos lugares da Religião, sendo Ministro do Collegio da Bahia, Reytor dos Collegios de Santos, Capitania do Espirito Santo, e Bahia, companheiro do Provincial, e ultimamente por duas vezes Provincial, deixando saudosos os subditos da sua natural benevolencia mais propria da ternura do Pay, que da severidade de Prelado.

Pelo largo espaço de oito annos exercitou assim no Collegio do Rio de Janeiro, como da Bahia, o officio de mestre dos Noviços devendo-se á sua vigilante cultura frutificarem em beneficio da Religião as tenras plantas que erão cometidas ao seu cuidado. Para amparo, e boa educação da puericia fundou em a Villa de Nossa Senhora do Rosario do Lugar da Cachoeira, distante 14 legoas da cidade da Bahia, hum Seminario, que intitulo de Belem, pelo cordeal affecto, com que venera ao menino Deos nascido no Presepio, ao qual edificio se lançou a primeira pedra em 13 de Abril de 1687 e delle foy duas vezes Reytor, de cuja saudavel doutrina instruidos os Seminaristas sahirão muitos a illustrar diversas Religioens. Foy ornado de insignes virtudes, sendo exactissimo na observancia religiosa, e pobreza evangelica; constante nas adversidades, e incansavel em conduzir almas para o Ceo, usando para este effeito de tanta brandura, que muitos peccadores dos Certoens mais remotos movidos da sua fama vinhão aos seus pés detestar culpas inveteradas. Como tinha firmemente collocada a sua confiança em Deos, experimentou prompto e favoravel o seu auxilio em os maiores perigos, escapando huma vez da insolencia dos piratas, e outra da furia das ondas. Cumulado de tantos merecimentos, e cheyo de annos, pois contava 95 de idade e 78 de Religião, prognosticada a sua morte passou á eterna vida em 15 de Março de 1724. Foi innumeravel o concurso do povo, que concorreo a venerar o seu Cadaver, do qual levarão grande parte

dos vestidos como reliquias de Varão Santo, e para se evitar o tumulto foi occultamente sepultado.»

Depois de *Rocha Pita* e *Barbosa Machado*, caíra no esquecimento o prestante jesuita. Só de espaço a espaço, dahi para deante, se nos apresentam referencias ao seu nome e á sua obra.

No *Ostensor Brasileiro*, tomo I, 1845-1846, p. 326, num estudo do visconde *S. Leopoldo*, acêrca da vida e dos feitos do egregio paulista *Alexandre de Gusmão*, lê-se este passo :

“Uma particularidade nos transmittiu seu panegyrista ; de que lhe viera o nome do venerando jesuita Alexandre de Gusmão, o qual na pia baptismal fôra instrumento da sua regeneração, desempenhando com a doutrina a obrigação, que era de esperar de um Varão, cujas virtudes ainda rescendem entre nós, deixando monumento do seu zelo pela educação da puerícia no Seminario que fundou na *Villa da Cachoeira*, quatorze leguas distante da Cidade da Bahia, cujo appellido, em signal de reverencia, adoptaram alguns membros desta familia”.

O dr. *Mello Moraes*, no tomo I, p. 26, anno de 1866, do seu excellente *Brasil Historico*, escreveu o seguinte :

“Possuindo em grande copia documentos historicos a respeito da fundação e progressos da formosa cidade da Cachoeira, procurei visitá-la, bem como a povoação de Belém, para ver e descrever o celebre Seminario fundado pelo famoso jesuita Alexandre de Gusmão, tio, ao que se suppõe, do jurisconsulto paulistano Alexandre de Gusmão.”

A historia desse Seminario encerraria sem duvida a historia do seu fundador. Infelizmente, porém, não logramos conhecer os documentos a que se refere *Mello Moraes*, inclinando-nos a suppor que jamais tivessem elles vindo á publicidade.

Mais tarde, o commendador *José Luiz Alves*, no seu longo estudo acêrca dos Claustros e o Clero do

Brasil, estampado no tomo LVII, parte 1^a, 1894, da *Revista do Instituto Historico*, faz a referencia seguinte:

“Alexandre de Gusmão, Manoel da Nobrega e José de Anchieta são distintos ornamentos da famosa Companhia de Jesus. O primeiro, tio do grande diplomata do mesmo nome, que em Portugal foi ministro e conselheiro de D. João V, fundou o Seminario de Bellem, na villa hoje cidade de Cachoeira, da Provincia da Bahia, onde outrora se admiravam os bellos ornatos dos altares, feitos de tartarugas por suas proprias mãos!”.

Não temos por averiguadas as circumstancias que ahi se inculcam, nem logramos verificar se realmente do jesuita receberam os celebres Gusmões paulistas o sobrenome, ou se de facto aquelle fôra tio destes ou ainda se do Alexandre de São Paulo fôra padrinho o Alexandre português. Do que ha certeza é que homem foi grande servidor do país, summo educador e factor valiosissimo na formação da cultura, quer moral, quer intellectual, das primeiras gerações dos naturaes da colonia.

E é por isso que se nos antolha injusto o esquecimento que lhe amortalha o nome, o qual nem sequer referiram os benemeritos brasileiros *Joaquim Manoel de Macedo*, no *Anno Biographico*; *Pereira da Silva*, nos *Varões illustres*, e *Sacramento Blake*, no seu *Diccionario*. *Pereira da Silva*, que no *Supplemento dos Varões Illustres* chega a recordar dezenas de padres e frades, que vicejaram no seculo XVII e cujos nomes segundo declara, seria clamorosa injustiça esquecer, não lembra, no entanto, o de *Alexandre de Gusmão*, que, como aquelles, e mais do que muitos delles, pela acção social e moral que exercera, incorporado está á vida, ao progresso e cultura da terra que elegera para nella viver, trabalhar, lutar e morrer. E outra não fôra a existencia do grande jesuita: viveu no Brasil, trabalhou pelo seu progresso, lutou pela sua instrucção,

e aqui morreu, deixando um nome envolto em refrações de benemerencia e celebridade. Não lhe foram superiores nos serviços e dedicação aquelles que, como elle, tendo visto a luz na metropole, deram de si e do seu amor á patria adoptiva provas integraes de patriotismo ; não no excedem nem *Thomaz Antonio Gonzaga*, nem *João Fernandes Vieira*, este da ilha da Madeira e aquelle do Porto, para serem, como o foram, incluídos, aliás com justiça, entre os varões illustres desta terra, e não o ter sido *Alexandre de Gusmão*, que pelo bem do Brasil, dominado do mesmo espirito e ungido de iguaes sentimentos, fez em prol do ensino o que *Gonzaga* pelas conquistas do liberalismo e *Fernandes Vieira* por libertar o territorio da sujeição estrangeira. Deante destes, se a figura do padre apparentemente diminuia, é porque elle viveu abnegando-se a si proprio para propugnar o progresso moral e espirital da colonia. Chegou a ser um dos maiores educadores do seu tempo. De tão sympathica quão olvidada personalidade só queremos aqui tratar de uma das suas muitas excellencias. Deixamos de parte as virtudes abnegadas do jesuita, a rigorosa disciplina do pastor espirital, as severas qualidades do benedictino, os esforços do pedagogo e a piedosa bondade do mestre de meninos, para sómente pôr em relevo as notaveis qualidades de expressão e merecimento do escriptor. No varão austero e eminente que elle foi está o prosador esmerado e puro entre os que melhor o foram no seu tempo : está um classico e um modelo de vernaculidade.

A' semelhança de *Eusebio de Mattos*, serve para mostrar que já naquelle tempo era a Bahia meio proprio á formação e desenvolvimento da cultura litteraria. Sem jamais dahi se haver ausentado, logrou, com os seus livros, celebridade que se reflectira nas côrtes européas, e logrou fazer-se mestre da sua lingua, que versava como os que mais castiçamente o fizeram. Por isso todas as suas obras, como reconhece

Innocencio, são estimadas pela pureza da dicção e, no estilo, é escriptor menos desaffectedado que a maior parte dos seus contemporaneos.

Possuimos tres dos seus melhores trabalhos : a *Historia do Predestinado Peregrino* (edição de 1685) : a *Eleiçam entre o bem e o mal* (edição de 1720) : e a *Escola de Belem* (edição de 1736), hoje rarissimos, os quaes são modelos de linguagem, simples, desataviada, polida e esmeradissima.

E' digno de notar o apreço em que os representantes do Santo Officio tinham não só as obras senão ainda a propria pessoa do autor. Diz um delles :

«O livro em pequeno volume, mas grande na substancia, que com o titulo de *Eleiçam entre o bem e o mal* compoz o Padre Alexandre de Gusmão, da Sagrada Companhia de Jesus, no seu mesmo titulo, e nome do seu Autor, já bem conhecido, trás a mais segura e qualificada approvação. O Autor depois que nos abrio a sua nunca assaz louvada escola de Belem se deu a conhecer no mundo, neste, e em outros livros, por hum dos homens insigneiramente pios, e sabiamente devotos»... (*Eleiçam*, etc. in princ.)

Na photographia em que o contemplamos edificando tres dos seus discipulos com a brandura humilde do seu gesto, a qual vae aqui reproduzida, lê-se esta expressiva inscripção : *Vera Effigies Servi Dei P. Alexandri de Gusmão Soc. I E S U, Authoris Seminarii Bethlehemici in Brasilia et bis ejusdem Provinciae Provincialis, notis, ac praeclaris virtutibus Singulariter instructi et Infantuli I E S U in praeseptio jacentis Cultoris Studiosissimi in daemones mirifice formidabilis, prodigiis ante et post obitue insignis, mirisque apparitionibus celebris. Obyit in Seminario Bethlehemico eadem qua praedixerat die 15 Marty. Anno 1724 Aetatis Suae 95. Vitae Religiosae 78, Cujus Sepulchrum magno omnium Concursu ac devotione frequentatur.*

No alto da mesma photographia, dispostos em fileira na primeira prateleira de uma estante, vemos as suas obras, sob os titulos seguintes, e na seguinte ordem: *Escolla de Bellem, Roza de Nazareth, o Corvo e a Pomba, Compendium perfect., Predest. e Precito, Eleic. ent. obê e mal, Meni. Christ, Meditações, Noviço instru., Arvore da vida.*

Ministra-nos *Innocencio*, acêrca destes livros, os esclarecimentos biographicos seguintes :

— *Escola de Belem*, Jesus nascido no presepio, na off. da Academia, 1678, 1.º com um frontispicio, além do rosto de impressão. Segunda edição ibi 1735. 4.º XIV — 319 pag.

Menino Christão. Lisboa, por Miguel Deslandes, 1695. 8.º

— *Sermão* na Cathedral da Bahia de Todos os Santos, nas exequias do Illmo. Sr. D. Fr. João de Madre Deus, primeiro arcebispo da Bahia. Lisboa, por Miguel Menescal, 1686. 4.º de IV, 19 pag.

— *Historia do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito, etc.* Lisboa, 1682, 8.º de VIII, 254 pag. Evora, na off. da Academia, 1685. 8.º — Lisboa, por Felippe de Souza Villela, 1724. 8.º (Saiu traduzida em castelhano. Barcelona, 1696. 4.º)

— *Arte de crear bem os filhos*. Lisboa, por M. Deslandes, 1685, 8.º de XVI — 387 pa.

— *Meditações, etc.* Ibi, por M. Deslandes, 1689. 8.º de XVI — 272 pag.

— *Rosa de Nazareth, etc.* Ibi, 1715. 4.º de XVI — 472 pag.

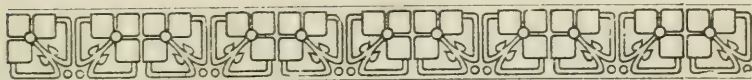
— *Eleição entre o bem e o mal eterno*. Ibi na off. de Musica, 1720. 6.º de XXVIII — 256 pag.

— *O Corvo e a Pomba, etc.* Obra postuma. Ibi por Bernardo da Costa, 1734. 8.º de XXIV — 221 pag.

— *Arvore da Vida, etc.* Ibi pelo mesmo, 1734. 4.º

Temos por certo que a vida desse homem foi uma vida de santo. Passou a praticar o bem, consagrado á piedosa missão de induzir a mocidade brasileira á virtude pelo exemplo, edificando-a com a pureza dos seus costumes.





EUSEBIO DE MATTOS

(BAHIA, 1629 — 1992)

Ao leitor que porventura queira conhecer nos seus pormenores a vida cheia de virtudes e serviços deste preclaro brasileiro, recommendamos como melhores fontes de estudos — a *Bibliotheca Lusitana*, de *Barbosa Machado*; o *Florilegio da Posia Brasileira*, do visconde de *Porto Seguro*; o *Anno Biographico*, de *Joaquim Manoel de Macedo*; o *Resumo da Historia Literaria*, de *Fernandes Pinheiro*; O *Pulpito no Brasil*, de *Ramiz Galvão*; e o *Diccionario Bibliographico* de *Sacramento Blake*. Reconhecem e salientam estes autores os subidos merecimentos do frade bahiano, já qualificado aliás por frei *João de Santa Maria*, em publicação, a que nos temos de referir, «de engenho singularmente fecundo e em todo genero de letras divinas e humanas a todas as luzes grande... cujos applausos em sua vida voaram desde a America até a Europa, sendo a meu ver abono assaz realizado merecer as mais vivas atenções do maior orador do nosso seculo o padre Antonio Vieira».

De *Barbosa Machado* mereceu *Eusebio de Mattos* estas tão dissertas quão eloquentes palavras: — «Insigne pregador, assim em subtileza dos discursos como na veemencia dos affectos; poeta vulgar e latino,

cujos versos eram tão discretos como elegantes; musico por arte e natureza, compondo as letras que accommodava aos preceitos da solfa; arithmetico grande, sendo sempre eleito para arbitro das maiores contas; pintor engenhoso do qual se conservam com estimação particular muitos debuxos; discreto, jovial na conversação; e ultimamente tão consummado em todas as partes que constituem um homem perfeito, que affirmava delle e P. Antonio Vieira, que Deus se aposentára em o fazer em tudo grande, e não fôra mais por não querer».

«Professando de quarto voto na Companhia em 1664», informa *Porto Seguro*, «leu philosophia tres annos e humanidades uns dez — «E não só nestas sciencias foi singular (diz o P. Manoal de Sá) mas excellente latino, e bom poeta. Foi grande pregador: a ponto que a Bahia, então acostumada só a apreciar os sermões do grande Vieira, e de seu rival no estilo, o P. Antonio de Sá, seguia unanime voto que era superior este ultimo aos outros na voz e accionado, Vieira na logica e clareza das provas, mas que a ambos excedia Mattos em polimentos da frase e subtileza. Se bem que não possamos decidir-nos em assumpto tão arriscado, é certo que o *Ecce Homo* de Mattos, isto é, as suas Praticas dos Espinhos, da Purpura, das Cordas, da Canna, das Chagas, e do Titulo do Homem, são bellos e correctos modelos de estilo sublime, e cheio de uncção religiosa. Lástima é que este livro, digno de estudar-se como bom modelo, seja hoje tão raro, por se haver apenas impresso uma vez».

Além do *Ecce Homo*, publicado em Lisboa em 1677, e que é formado daquellas praticas religiosas pregadas no Collegio da Bahia nas sextas feiras á noite, e nas quaes o orador mostrava o *Ecce Homo*, ha de *Eusebio de Mattos* mais o seguinte: — *Sermão da Soledade e Lagrimas*, pregado na Sé da Bahia, e publicado em Lisboa, em 1681; *Sermões*, 1.^a parte, uma collecção de 15, publicados tambem em Lisboa,

em 1694, que é um volume de 434 pa. in 4º São discursos oratorios, informa *Sacramento Blake*, colligidos por um companheiro do autor, frei João de Santa Maria, que, entretanto, não continuou a publicação encetada, como projectava. A collecção compor-se-ia de 4 partes ou volumes. *Oração funebre* nas exequias do Illmo. e Revmo. Senhor D. Estevam dos Santos, bispo do Brasil, celebradas a 14 de julho de 1672; Lisboa, 1735. E' publicação postuma como a pcedentee.

De outros sermões seus, como das suas poesias, não ha noticias, senão da parodia, em estancias, estampada no *Florilegio* de *Varnhagem*. O que, porém, ahí fica indicado, são optimas fontes de vernaculidade, principalmente a collecção *Ecce Homo*.

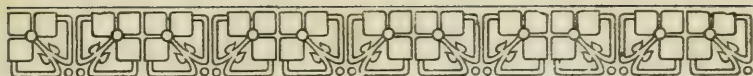
No menear a lingua, com todas as virtudes da correcção, propriedade, elegancia e polidez, não fôra *Eusebio de Mattos* inferior a nenhum dos seus contemporaneos, inclusive os grandes mestres *Vieira* e *Antonio de Sá*. Em tudo que lhe saiu da penna sôa formossima a linguagem nativa.

Advirtamos que o ser elle o que foi sem nunca ter saído de sua patria, deixa patenteado que para se instruir nem sempre se sentiria obrigado o colono a ir buscar na metropole aquillo que a Bahia lhe podia dar. Já *Vieira*, por si, é exemplo de que a velha cidade, no seu tempo, fôra meio intellectual sufficiente de excellentes engenhos; e com outros exemplos, como o padre *Alexandre de Gusmão*, poderíamos abonar a uberidade intellectual do capital brasileira.





Gregorio de Mattos



GREGORIO DE MATTOS

(BAHIA, 1633 — 1696)

O mais conhecido dos seiscentistas brasileiros, e o que ha sido mais estudado, não tanto, parece-nos, pelo valor da sua poesia, senão principalmente pelos excessos da sua vida, pela acção originalissima que soube exercer ao impulso do seu genio galhofeiro, burlesco e satirico, que não raro o lançara á vida airada e envolvera em baixas intrigas e incidentes escandalosos.

Quem primeiro contou a vida de *Gregorio*, e dos seus versos chegou a formar collecção, foi o licenciado *Manoel Pereira Rebello*, contemporaneo e admirador do poeta, segundo informa *Innocencio*. Deixaram-nos tambem bons estudos a respeito delle, entre outros, *Januario Barbosa*, na *Revista do Instituto Historico*», t. 3, p. 333; *Costa e Silva*, no *Ensaio Biographico*; *Varnhagem*, no *Florilegio*; *Valle Cabral*, nas *Obras Poeticas*; *Araripe Junior*, em livro á parte; *José Verissimo* e *Sylvio Romero* nas suas *Historias de Literatura*. São as melhores fontes para quem queira conhecer tão singular personagem da fase colonial. Aqui, a nós não interessa senão o escriptor nas suas qualidades de expressão, as quaes lhe dão a elle sem duvida ingresso na lista dos classicos brasileiros.

«Foi Gregorio de Mattos um talento original, e um dos alumnos que entre nós fizeram mais honra á escola espanhola, posto que ás vezes demasiadamente picante; a sua versificação fluida e correcta; a linguagem é rica especialmente em termos e frases populares e familiares. E' pena que ás vezes respeite pouco a modestia e descáia em expressões e palavras indecentes». Essa a summula do juizo de *Costa e Silva*. E' poeta classico e dos mais autorizados na linguagem portuguesa, e, como linguista, traz innumeraveis acrescentamentos ao lexico de vocabulos e expressões populares, adeanta *Valle Cabral*. E' o escriptor, cuja linguagem porventura nos ministra idéa mais exacta do modo de falar e escrever, no Brasil, no XVII seculo. O seu vocabulario é riquissimo, principalmente em locuções e termos propriamente nossos, sem exceptuar, já os de origem indiana, já os derivados da lingua africana, e é o unico documento daquelle seculo que possuímos nesse genero de estudos. Confirma *J. Verissimo* estes conceitos; e para este critico a lingua de *Gregorio*, que julga poder classificar de classica «tem modalidades, idiotismos, adagios, fraseados e alguns certamente já brasileiros. O seu vocabulario, que está a pedir estudo especial, é abundante em termos castiços, arcaicos e raros, espanholismos e brasileirismos. As suas paginas «são modelos de boa poesia do genero, em que podemos admirar imaginações, chiste e conceito, além da belleza metrica e da excellente lingua, numerosa e propriíssima.»

Possuímos o I volume (unico publicado) das *Obras Completas* do autor, dado á luz da publicidade por *Alfredo do Valle Cabral*, funcionario da Bibliotheca Nacional, em 1889, e lemos os seus manuscriptos ahi existentes. Não só o volume como os manuscriptos formam já material bastante para que formemos o nosso voto acêrca da sua linguagem e estilo, independentemente das sugestões que pudessemos receber das opiniões supra exaradas. Acreditamos que

não será erro julgar que, do grupo dos classicos seus contemporaneos, é elle o menor. Tendo apenas em seu pró a opulencia do vocabulario, não raro, porém, recheado de termos chocarreiros, chulos e plebeus, no mais a sua lingua, aliás sempre correcta, não ostenta como a dos outros o cunho accentuadamente vernaculo da velha, bôa e inviolavel prosa portugueza. Faltam-lhe, ou, se o quizerem, são-lhe escassas as qualidades da elevação, do atticismo, da suavidade, da brandura, da elegancia e eloquencia, que abundam, por exemplo, nas paginas de admiravel encanto das praticas religiosas de seu irmão *Eusebio*. Ao passo que a linguagem do *Ecce Homo* nos sôa ao ouvido como sons dulcissimos, a poesia de *Gregorio* nos atordoa a orelha numa expressão harmonometrica, arrojada, desacorde, terrifica, acerba e aspera. Ha, sem duvida, nella correcção vernacula, novidade de palavras, naturalidade de locuções e modos de dizer populares; mas falta-lhe a ella a harmonia para a tornar encantadora, fluencia para a fazer estimavel, atticismo para a ennobrecer, plasticidade esthetica para a erigir em modelo digno de imitação. Raro lhe saía da penna coisa que não na expressasse em estilo faceto e em satira. Só de espaço em espaço, nos breves momentos em que o espirito se voltava para as coisas sérias, escrevêra em tom elevado e nobre.

No *Soneto* que compôs numa sexta feira santa, tem o leitor amostra dos desvios momentaneos da sua musa visceralmente galhofeira :

Que hes terra, Homem, e em terra has-de tornarte
Hoje te lembra Deos, por sua Igreja,
Do pó te faz o Espelho, em que se veja
A vil materia, de que quiz formarte.

Lembrate Deos, que hes pó, para humilharte,
E como teu Baixel sempre franqueja
No mar da Vaidade, em que peleja,
Te pôz á vista a terra onde salvarte.

Alerta ! alerta, pois ! que o Vento berra,
Que assopra a Vaidade, e que incha o panno ;
Na prôa a terra tens, amaina e ferra.

Todo o lenho mortal, baixel humano,
Si busca salvação, tome hoje terra;
Que a terra de hoje he porto soberano.

As poesias de *Gregorio*, segundo informa *Costa e Silva*, conservam-se em seis volumes manuscritos.

Numa visita que, em companhia e por convite do illustre dr. Homero Baptista, fizemos á Bibliotheca do dr. Antonio Moreira da Fonseca, em Petropolis, tivemos occasião de ver um volume manuscrito, e ainda inedito, de poesias do satirico brasileiro, copiado na Bibliotheca de Lisboa, por aquelle conceituado clinico. Pena é que o dr. Moreira da Fonseca não vulgarize as inestimaveis rarezas bibliographicas que lhe opulentam a encantadora collecção de obras classicas e estimadas.

Damos ao leitor dois sonetos copiados daquelle manuscrito, os quaes nos foram offerecidos pelo distinto moço dr. Decio Alvim.

Ao curço do mar

Seis horas enche e outras tantas vaza
a maré pellas margens do Oceano,
e não larga a tarefa hum ponto do anno,
pois quanto o mar rodea, o sol abraza.

Desde a esphera primeyra oppaca, ou raza
a alva com impulso soberano,
simcopa o mar por hum secreto cano
enflama o mar com uma ardente braza.

Mudaçe o tempo, e suas temperanças
athe o ceo se muda, a terra, os mares,
e tudo está sugeito a mil mudanças,

So eu, que todo o bem de meus pezares
eram de algum menguante as esperanças
uunca o menguante vi de meus azares.

Ao primeiro braço do menino Jezus quando se achou

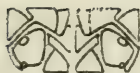
Soneto

O todo sem a parte, não he todo,
a parte, com o todo, não he parte,
mas se a parte fez todo, sendo parte,
não se diga, que he parte sendo todo ;

Em todo o Sacramento está Deus todo.
e todo assiste inteiro em qualquer parte,
e feito em partes todo, cada parte,
em qualquer parte, sempre fica todo,

O braço de Jezus não seja parte,
pois que feito Jezus em partes todo,
estando cada parte em sua parte ;

Não se sabendo parte deste todo
hum braço, que lhe acharão, sendo parte,
nos diçe as partes todas deste todo .



Século XVIII

**Botelho de Oliveira
Antonio da Silva
Nuno Marques
Rocha Pita
Bartholmeu Lourenço
Jaboatão
Mathias Aires
Santa Rita Durão
Claudio M. da Costa
Basilio da Gama
J. Francisco Leal
Gonzaga
Moraes
Mello Franco
Sousa Caldas
José Bonifacio**



MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

(BAHIA, 1636 — 1711)

Um seculo depois da publicação da *Prosopopéa*, de *Bento Teixeira Pinto*, tido por iniciador da literatura brasileira, foi que appareceu a primeira collecção de versos dados á estampa por brasileiro. A *Prosopopéa* é de 1601 e o trabalho de *Botelho de Oliveira* é de 1705, acerca do qual temos estas informações :

«*Musica do Parnaso* em quatro côros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas com seu descante comico reduzido em duas comedias, offerecida ao Excellentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, por Manoel Botelho de Oliveira, Fidalgo da casa de sua Majestade. Na officina de Miguel Menescal, Impressor do Santo Officio, Anno de 1705, in 4º 240 pags.»

A *Musica do Parnaso* e a *Prosopopéa* são livros que, se não fôra a linguagem correcta, corrente e pura em que estão vasados, outro interesse para nós não teriam que o de assignalarem marcos-iniciaes da nossa bibliographia chronologica. Cumpre observar, todavia, que se a obra de *Bento Teixeira Pinto* foge dia a dia á curiosidade em razão do insulso e do parco, que a cacterizam, injusto seria affirmar o mesmo da *Musica do Parnaso*, a qual, embora com pobreza, en-

cerca algo apreciavel, como formas rudimentares das nossas primeiras manifestações poeticas. A *Ilha da Maré*, por exemplo, será sempre em qualquer epoca uma poesia digna de apreço, e, por isso, tem sido bastante vulgarizada nas collectaneas didacticas, nas selectas e nos livros de historia da literatura, cujos autores, entretanto, parece que não leram o poeta senão nos breves trechos escolhidos daquelle producção. E isto é perfeitamente explicavel em virtude de ser rarissima a *Musica do Parnaso*.

Foi Botelho de Oliveira considerado e declarado autor classico pela Academia de Lisbôa, a qual, no entanto, com manifesta injustiça, não fez o mesmo a *Antonio de Sá*, *Eusebio de Mattos*, *padre Alexandre de Gusmão*, *Francisco de Sousa*, autores notaveis, pro-sadores insignes, segundo testificam as suas obras, todos incomparavelmente superiores áquelle.

Natural da Bahia, ahi fez os seus primeiros estudos ; seguiu para a metropole e tirou o curso de jurisprudencia em Coimbra. Aperfeiçoou-se no estudo das linguas. Tornou-se companheiro e amigo de *Gregorio de Mattos*, posto a differença de seus temperamentos, amizade que conservou até á morte. Depois de formado em jurisprudencia, e ter tomado o capello de doutor, regressou á Bahia, onde exerceu a advocacia com talento e notoria probidade, qualidades que lhe gran-jearam a estima e respeito do publico.

Zeloso do credito e gloria literaria de sua patria, escreve *Costa e Silva*, e vendo que a maior parte dos poetas seus contemporaneos, como Gregorio e Eusebio de Mattos, o padre Francisco de Sousa, João de Brito Lima e Bernardo Vieira Ravasco, irmão do padre Antonio Vieira, haviam fallecido sem dar á luz as suas obras, expondo-as assim a perderem-se ou ficarem em manuscripto, resolveu, se bem que já muito entrado em annos, a entregar as suas á publicidade. E assim foi que publicou a *Musica do Parnaso*.

Não é Botelho de Oliveira poeta de primeira or-

dem. Está longe disso. Assim opina *Costa e Silva* e opinarão todos os que lerem as suas parcas, insulsas e desenxabidas poesias; mas é escriptor puro, diz aquelle critico, posto que nem sempre elegante, menos eivado de gongorismo do que o geral dos seus contemporaneos, e muitas vezes não desprovido de originalidade.

Na descripção da *Ilha da Maré*, porventura o melhor dos seus trabalhos, terá o leitor, como bem diz *Costa e Silva*, quanto basta para fazer idéa dos defeitos e bellezas do estilo do poeta, o qual, segundo informa o conego *Januario da Cunha Barbosa*, falleceu, na Bahia, sua terra natal, aos 5 de Janeiro de 1711.





ANTONIO DA SILVA

(BAHIA, 1639...)

Prosador de esmeradíssima linguagem. Da sua vida o obra pouco se sabe.

Natural da Bahia, nascido, segundo informa *Blake*, em 1639, foi no celebre Collegio dos Jesuitas dessa provincia que estudou as humanidades. Presbytero secular e licenciado em canones. Posteriormente foi vigário da freguesia do Corpo-Santo, em Recife. Suppõe-se que tivesse fallecido nos fins do século XVII.

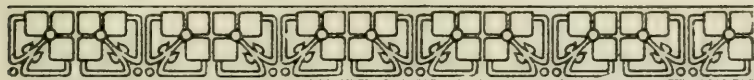
A sua obra impressa cifra-se aos *Sermões das tardes das domingas de quaresma* e do Mandato, pregador na matriz de Recife em Pernambuco, Lisboa, 1675; á *Oração Funebre* das exequias da sereníssima princesa do Brasil D. Izabel Luiza Josepha, pregada na Igreja da Misericórdia da cidade de Olinda aos 5 de fevereiro de 1691. Lisboa, 1691, e ao *Sermão das exequias* do bispo de Pernambuco, etc.

Consta que deixou em manuscrito as *Memorias* da vida e acções de Dom Estevam, bispo do Brasil.

Destes trabalhos só conhecemos o primeiro, do qual fizemos extrair copia de um exemplar que possui a Bibliotheca Nacional. Só por si dá elle idéa do

prosador, que assim na correcção e pureza, como na elegancia e segurança da linguagem rivaliza com os grandes escriptores. Nessa qualidade comparam-no com o proprio *Antonio Vieira* e *Antonio de Sá*, sermonistas notaveis, como elle tambem o fôra.





NUNO MARQUES

(BAHIA, 1652 — 1728)

O Peregrino da America, de Nuno Marques Pereira e *a Historia da America Portuguesa*, de Rocha Pita—são os livros de maior importancia nas duas primeiras decadas do seculo XVIII. Reaffirma-se com elles a lingua na cultura classica, e são aquelles autores os continuadores dos primeiros e maiores classicos, que vicejaram no seculo anterior: *Francisco de Sousa*, *Antonio de Sá*, *Gomes Carneiro* e *Eusebio de Mattos*.

Correm escassas as noticias acêrca do autor do *O Peregrino da America*. Sabe-se apenas que nasceu em 1652 na Bahia e falleceu em Lisbôa em 1728. Foi presbytero secular. Parece que só deixou aquelle livro, em cuja folha de rosto se lê:

«*Compendio Narrativo do Peregrino da America*, em que se tratam varios discursos espirituaes e moraes, etc. Autor Nuno Marques Pereira. Primeyra Parte. Lisbôa Occidental. Na Officina de Manoel Fernandes da Costa. Impressor do Santo Officio. Anno de MDCCXXXI. Com todas as licenças necessarias. 4º XLVI — 476 pags.» O exame cuidadoso desta edição, escreve *J. Verissimo*, auctoriza a crer que esta é a primeira, e não tem fundamento a versão da exis-

tencia de uma anterior. A ultima das advertencias, a Supplicação ao Senhor Mestre de Campo, Manoel Nunes Vianna, é datada da «Cidade da Bahia, 28 de Junho de 1725», era em que porventura foi a obra concluida. As licenças do Santo Officio trazem a data de 1728, e dellas se infere claramente ser esta a primeira edição. Conhecem-se-lhe mais quatro, todas do mesmo seculo e todas de Lisbôa: a de 1731 — 476 pags; a de 1752 — 436 pags; a de 1760 — 475 pags; e a de 1756 — 474 pags. Engana-se pois o dr. *J. C. Rodrigues*, conclue *J. Verissimo*, dando na *Bibliotheca Brasileira*, a de 1731 como a primeira edição.

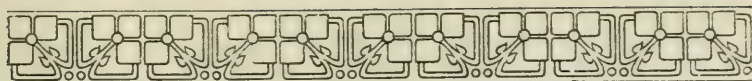
Li alhures, parecendo que se trata de uma opinião de *Felix Ferreira*, que *O Peregrino da America*, como vulgarmente é conhecido a obra de *Nuno Marques*, sobre distituido de valor historico e literario, tem estilo confuso e difuso. E' de suppor que *Felix Ferreira* não tivesse feito exame da linguagem do autor, visto que esta para logo se nos mostra vernaculisima, desaffectedada e elegante, segura no frasear e pura no vocabulario. Essa impressão confirmaram-na autoridades da ordem de fr. *Vicente das Chagas* e padre *Manoel Consciencia*. Diz o primeiro: «... em tudo mostra o Autor Peregrino ser douto, elegante e engenhoso; e assim bem merece esta obra por peregrina que se imprima...» Accrescenta o segundo: «Supposto que o Autor nos não declare a Provincia, que tem por Patria, ou lhe serve de residencia; e ainda que não as insinuarão muito as reflexões, que faz na presente obra, a sua grande erudição só bastava para o reputarmos por Nacional do Brasil: porque só em terra, Officina propria de engenho, se podia fabricar Obra com tanto, e aonde se achão as prerogativas do mayor. Na fabrica daquelles acha-se junta a utilidade com a doçura, e neste Livro une-se tambem de maneira a doçura do estilo com a utilidade das materias, que pode gabar-se de ter acertado em todo o alvo da eloquencia persuasiva, que a essa

aponta o Poeta Lyrico : *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci...*»

Outra opinião erronea é esta de que se fez eco *Innocencio*, no seu *Diccionario* : «... e a dedicatoria (do livro Peregrino) é escripta com tão desmesurada lisonja, que chega a enjoar, pela baixeza das suas expressões !» Infundada esta apreciação. Aquella dedicatoria é, pelo contrario, pagina de singela e communicativa eloquencia e escripta com inexcedivel rigor vernaculo ; tão nobre e elevada nos sentimentos que a inspiram, quão discreta e respeitosa na expressão.

Oxalá que os modernos escriptores assim escrevessem, para que o que lhes saísse da penna mantivesse o cunho tradicional da lingua.





ROCHA PITA

BAHIA (1660 — 1738)

No anno de 1724 houve a idéa de fundar-se uma Academia, organizada nos moldes das *Academias dos Generosos e Singulares*, de Portugal. Bem acolhida de Vasco Fernandes Cesar de Menezes, depois Conde de Sabugosa, então vice-rei do Brasil, veio a effectivar-se tendo-se realmente criado a *Academia dos Esquecidos*, formada de sete membros principaes, que tomaram os pseudonymos de *obsequioso*, *nubiloso*, *occupado*, *laborioso*, *infeliz*, *venturoso* e o de *vago*. Coube a *Sebastião da Rocha Pita*, um dos sete academicos, este ultimo pseudonymo. Assertaram logo por materia geral dos estudos a historia do Brasil, já a natural, já a militar, já a ecclesiastica e a politica.

Enthusiasta dessa criação e, certamente, della estimulado, empreendeu *Rocha Pita* escrever a historia do seu país.

Deu-se, para tal fim, ao trabalho de examinar attentamente as livrarias e archivos dos conventos e camaras da Bahia, Rio e S. Vicente. Partiu para Lisboa, onde pesquisou tudo que lhe pudesse servir ao seu intento. “Estudou as linguas francesa, italiana e hollandesas, que, alem da propria e da castelhana, lhe dariam perfeito conhecimento das obras sobre a sua patria, em-

pregou emfim quasi metade de sua vida na missão de historiador de sua patria e em 1730, aos setenta annos de idade, publicou a *Historia da America Portuguesa*, desde o seu descobrimento até o anno de 1724.” (*Macedo*, Anno Biogr.).

“A nossa Portuguesa America e principalmente a provincia da Bahia”, escrevia *Rocha Pita*, em 1724, “que na producção de engenhosos filhos pôde competir com Italia e Grecia, não se achava com academias introduzidas em todas as republicas bem ordenadas para apartarem a idade juvenil do ocio contrario das virtudes e origem de todos os vicios, e apurarem a subtileza dos engenhos. Não permittiu o vice-rei que faltasse no Brasil esta pedra de toque ao inestimavel ouro dos seus talentos de mais quilates do que os das minas. Deram-lhe forma as pessoas de maior graduação e entendimento que se achavam na Bahia tomando-o por seu protector. Teem presididos eruditissimos sujeitos. Houve graves e discretos assumptos, aos quaes se fizeram elegantes e agudissimos versos; e vae continuando nos seus progressos, esperando que com tão grande protecção se deem ao prélo os seus escriptos em premio das suas fadigas.”

Deve-se, pois, á *Academia dos Esquecidos* a publicação desse grande livro, cujos merecimentos são de tal vulto que levam o nome de *Rocha Pita* á altura de um dos maiores dos nossos prosadores. Todos os encantos ajustam-se na sua linguagem; immenso é o seu poder descriptivo, que não fôra prejudicado pela inspiração que lhe ungia a penna. A vida do historiador da *America Portuguesa*, diz *Pinheiro Chagas*, correu toda placida e sem nuvens, e o seu estilo sereno e limpido parece resentir-se da tranquillidade da sua existencia.

Em razão de erroneo juizo, chama-lhe *J. Verissimo*, repetindo de outros não fundados julgamentos, obsoleta, perluxa, emphatica e inchada, quando o que nella se nos patenteia é uma lingua correcta, correctis-

sima, elegante e pura, com os requisitos de lidima prosa classica, posto seja, ás vezes, repleta de imagens, que se amoldam ao academicismo, apanagio da linguagem que contrasta com a linguagem aspera e retorcida, secca e insipida de alguns dos nossos escriptores modernos, os quaes teem o vexo de condemnar os nossos primeiros classicos, onde, em regra, se nos mostra a lingua na sua maior casticidade e pureza no dizer. Pensamos com *Pereira da Silva*: — “Claro, facil, elegante e bello, é de certo o estilo da *Historia da America Portuguesa*; tem descripções admiraveis e eloquentes pinturas. O estilo de Sebastião da Rocha Pita o colloca sem duvida na primeira linha dos escriptores portugueses.” A *Historia da America Portuguesa* é monumento de que o Brasil se deve ufanar, accrescenta *Joaquim Manoel de Macedo*. Do seu trato com as musas, escreve o conego *Fernandes Pinheiro*, guardou Rocha Pita um estilo grandiloquo, uma pompa de dicção que o fazem rival de João de Barros.

Os clérigos e grandes personagens incumbidos de dizer acerca da *Historia*, para o fim de lhe sêrem dadas as necessarias licenças de publicação, cercam de elogios o nome do nosso compatriota, o qual com o publicá-la engrandeceu sem duvida o nome da patria. Veja-se como a seu respeito se expressou *D. José Barbosa*:

“Esta Historia está escrita com tanta elegancia, que só tem o defeito de não ser mais dilatada, para que os Leitores se pudessem divertir com maior torrente de eloquencia. Todos os successos estão escritos com tão artificiosa brevidade, que se percebem sem defeito das noticias necessarias, porque de outra sorte occuparião muitos volumes os negocios politicos, e as acçoens militares de tão grande numero de naçoens; como são as que habitão o dilatadissimo Certão da nossa America. Parece-me, que Vossa Illustrissima lhe deve dar a licença que pede, para se imprimir esta

Historia, não só porque não offende a Fé, ou bons costumes, senão também para que veja Europa, que lhe não cede o Brasil na qualidade dos Escriitores.”.

Fez *Rocha Pita* os primeiros estudos no collegio dos jesuitas da Bahia. Com 16 annos seguiu para Coimbra, em cuja Universidade se formou em Canones (1682). Applaudido, festejado, considerado, mereceu do rei D. João V ser nomeado fidalgo da sua casa e cavalleiro da Ordem de Christo, “o que era muito notavel distincção naquelles tempos.” A Academia Real da Historia conferiu-lhe o titulo de socio supra-numerario.

Terminou *Rocha Pita* os seus dias no Brasil, recolhido á sua fazenda nas margens do rio Paraguassú, vindo a fallecer em 1738, oito annos depois da publicação da obra que lhe tornara o nome immortal.

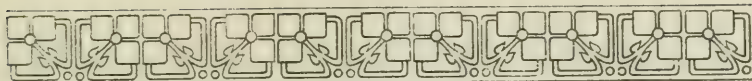
Passamos a ministrar as indicações precisas dos seus trabalhos:

— *Historia da America Portuguesa*, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro. Etc., etc. Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real. MDCCXXX.

Deste livro ha mais tres edições: 2ª, de 1878, impressa na Bahia. e mandada publicar pelo barão *Homem de Mello*; 3ª, de 1889, estampada em Lisboa, revista e annotada por *J. G. Góes*, trazendo a nota de ser «Segunda Edição», no que ha engano: e 4ª, edição Garnier, publicada sem menção de data, que supponho ser de 1910.

— *Breve Compendio* e narração do funebre espectáculo. Etc. Lisboa, por Valentim da Costa Deslandes, 1709.

— *Summario* da Vida e Morte da Exma. Senhora D. Leonor Joseph de Villena. Etc. Lisbôa, por Antonio Pedroso Galvão, 1721.



BARTHOLOMEU LOURENÇO

(S. PAULO, 1685-1724)

Natural da cidade de Santos, S. Paulo, e irmão de *Alexandre de Gusmão*.

Do *Breve Diccionario de autores Classicos* que na *Revista da Lingua Portuguesa* publicou *Chichorro da Gama*, extractamos as seguintes notas relativas áquelle benemerito compatriota :

“Cabe-lhe a gloria da invenção dos aerostatos, cuja experiencia fez em Lisbôa, no anno de 1709. Era doutor em cânones pela Universidade de Coimbra. Fidalgo capellão da Casa Real, foi tambem encarregado por D. João V de missões diplomaticas na Curia romana. Ao inaugurar-se a Academia Real de Historia Portuguesa (1720), entrou em o numero dos primeiros academicos, que a constituiram. Morreu em Toledo, tendo, pouco antes, deixado Portugal, onde, por seu invento, fôra alvo de motejos e zombarias deste quilate :

Com que engenho te atreves, brasileiro,
A voar pelo ar, sendo pateiro,
Desejando ave ser, sem ser gaivota ?
Melhor te fôra na região remota
Onde nasceste, estar com siso inteiro.

O sobrenome de “Gusmão”, por que é conhecido esse padre scientista, não é de sua familia. Seu pae, que era cirurgião-mór, chamava-se Francisco Louren-

ço e sua mãe, Maria Alvares. Seu irmão, Alexandre de Gusmão, era afilhado do jesuita (de igual nome) Alexandre de Gusmão, natural de Lisboa (1). Desse padre lhe vieram nome e sobrenome, sendo este também adoptado por Bartholomeu».

Não tratamos aqui das glórias scientificas, nem do renome, conquistados pelo notavel brasileiro, senão do escriptor na revelação das suas qualidades de expressão.

Estas lhe conferiram logar entre os autores considerados de linguagem classica pela Academia das Sciencias de Lisbôa.

A sua inclinação fôra sem duvida para o estudo das sciencias physicas e da mathematica, o que, porém, não o privara de tornar-se versadissimo nos conhecimentos literarios e linguisticos. Além da sua lingua, de que era um dos mais autorizados representantes, sabia o latim, conhecia e falava correntemente o francês e o italiano, e traduzia o grego e o hebraico.

A sua dicção, além de correcta, é inspirada, imaginosa, fluente, não raro eloquente e cheia de pompa. Alguns dos seus sermões são modelos de taes labores, como o que proferiu sobre o Corpo de Deus, em 1771, na igreja de S. Nicolau, de Lisbôa.

«Bem depressa,» escreve *Eduardo Perie*, «adquiriu o padre Bartholomeu nomeada como pregador de primeira plana, quer pela vastidão de conhecimentos e admiravel eloquencia de que era dotado, quer pela dicção correcta e frase castigada com que revestia os seus sermões e panegyricos.»

Singular destino o desse homem : foi grande para ser martyr ;perseguido fôra da patria e na propria patria esquecido.

Os livros entre nós de historia da literatura brasileira, não raro incompletos em varios pontos de que se deveriam occupar, não julgaram que *Bartholomeu*

(1) De quem já falamos.

lhes merecesse senão, de uns o silencio e de outros algumas paginas inexpressivas.

O visconde de S. Leopoldo, *José Feliciano Fernandes Pinheiro*, em memoria offerecida ao *Instituto Historico*, de que era presidente, escreveu longamente acêrca da vida e feitos de *Bartholomeu* e de seu irmão *Alexandre de Gusmão* (tomo 53).

De outros, se nos deparam tambem em revistas e jornaes, varios estudos acêrca dos notaveis paulistas; e no *Diccionario* de *Blake* temos uma bem recommendavel noticia bio-bibliographia de *Bartholomeu*.

E' lamentavel que no que respeita á origem, filiação e desenvolvimento da lingua, ainda esteja por fazer a historia da literatura brasileira. Dos prosadores e poetas que são modelos representativos da boa linguagem, nada se tem dito e nada se diz. Em nenhuma literatura, onde se traçasse a historia das letras, deixariam, por exemplo, de nella ser incluídos e devidamente estudados, vultos do porte de um *Bartholomeu Lourenço*.

Para corresponder a injustiça que em vida amargou, não lhe faltou, na morte, a indiferença da patria.

As suas obras, hoje muito raras, são as seguintes :

— *Varios modos* de esgotar sem gente as naus que fazem agua, etc. Lisboa, 1710.

— *Sermão* da Virgem Maria, etc. Lisboa, 1712.

— *Sermão* na ultima tarde do triduo, etc. Lisboa, 1721.

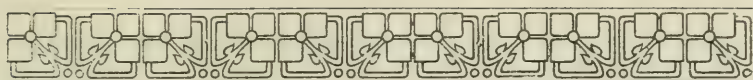
— *Sermão* na festa do Corpo de Deus, etc. Lisboa, 1721.

— *Conta* dos seus estudos academicos, etc. Num. 3º, vol. da Collecção dos Docs. e Memorias da Academia Real de Lisboa, 1723.

— *Petição*. Obra postuma. Lisbôa, 1774.

— *Historia do Bispado do Porto*. Escripta em 1770.

— *Descripção* do novo invento, etc., Lisboa, sem data.



JABOATÃO

(PERNAMBUCO, 1695 — 1764)

Fr. *Antonio de Santa Maria Jaboatão*.

«Adoecia Jaboatão de achaque gongorico e re-
cumbra em suas paginas o mau gosto seiscentista. Pura
e escoreita é a sua linguagem, que ao mais escrupulo-
so purista não repugnará o fôra de classico. Confessa-
mos, porém, que pouco amena se faz a leitura de tal
obra (*Orbe Seraphico*) pela demasiada extensão dos
periodos, e infindas digressões, que complicam o sen-
tido do texto e geram o tédio.» Assim julgara *Pereira
da Silva*, naturalmente inspirado no parecer que, em
1840, perante o *Instituto Historico*, dera o conselheiro
Diogo Bivar, no qual assim se expressa, referindo-se á
segunda parte da obra do chronista franciscano: —
«O estilo do Autor peca algum tanto no mau gosto
dos seiscentistas: e se bem que a sua dicção seja
portuguesa, no que guardára escrupulosa castidade,
de força é confessar que de tal arte a trava elle com
periodos extensissimos e frases mal cadentes, que na
leitura cansa e descompassa...»

Não é licito acoimar a linguagem do *Orbe Sera-
phico* de gongorica, senão de singela, desataviada, na-
tural e simples, visto que, alem de possuir as qualida-
des essenciaes de correcção e pureza e ser nimiamente

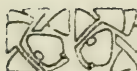
vernacula, se caracteriza por expressivo poder descriptivo, o qual se não chega a levar-nos ao encantamento, nos dá todavia a impressão do agradável. Somente nos seus sermões é que poderíamos accusá-lo daquelle exagero; mas no *Orbe Seraphico* não, porque elle o vasara intencionalmente em linguagem discreta, segundo o declara e como se passa a ver: «A frase e estilo», escreve *Jaboatão* no Antiloquio do *Novo Orbe Seraphico*, «pelo que se deixa ver, parece clara, e corrente, e sem affectação natural, attendendo a que escrevemos Historia, e não Panegyrico; e por isso, correndo para o mais commum, e perceptivel, fugimos de palavras exquisitas, termos peregrinos, e orações fraseadas, buscando as mais proprias, e naturaes vozes, e com que melhor se explique, e entenda uma Historia, que ha de servir para todos; porque assim, nem os menos sabios a deixem de perceber por mui elevada, e culta, e nem os mais entendidos a desgostem por muito humilde a rasteira.» Não é, pois, fundada a censura de *Pereira da Silva*.

A leitura do *Orbe Seraphico* não dá a impressão de nenhum gongorismo. Em logar de trocadilhos e tropos, metaphoras e pensamentos demasiadamente affectados, o que nelle avulta é a frase desvestida, persuasiva, não raro elegante, de pureza modelar e sempre correcta. Onde, porem, vamos encontrar o exagero seiscentista é, por exemplo no *O Sermão* que elle pregou na Sé de Olinda, em 1731 e no qual celebrava a restauração de Pernambuco do dominio hollandês. Ahi já se elle mostra do estilo elevado, eloquente, imaginoso, cheio de vida, energico e vibrante, sem contudo ser muito affectado. Sabia *Jaboatão* ajustar o estilo ao assumpto, e consoante o aphorismo classico jamais no que escreveu deixou de mostrar-se senhor dos segredos e difficuldades da lingua.

O Novo Orbe Seraphico Brasilico, ou *Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil*, que é a sua obra principal, foi publicado em Lisbôa pela pri-

meira vez em 1761. Teve segunda edição accrescentada de uma segunda parte inedita, feita pelo *Instituto Historico*, em 1859.

Segundo informa *Innocencio da Silva* no *Diccionario Bibliographico* deixou ainda *Jaboatão* varios discursos, praticas e sermões impressos. Possuimos tambem de tão notavel varão a obra — «*Jaboatão Mystico*», dada á estampa em Lisbôa, no anno de 1758.





MATHIAS AIRES

(S. PAULO, 1705 ...)

Excellent prosador, que permaneceria ignorado ainda se o não tivesse *Solidonio Leite* tirado do esquecimento, no seu livro acêrca dos classicos.

A sua porventura mais valiosa obra é a que se intitula *Reflexões sobre a vaidade dos homens*. Alem della, igualmente digno de todo o encarecimento, é o *Problema da Architectura Civil*, dado á luz da publicidade no anno de 1770, em Lisboa, pelo filho do autor, *Manoel Ignacio Ramos da Silva de Eça*, sobre a qual diz *Innocencio*, no *Diccionario*, «que é obra escripta com notavel erudição, e que ainda póde sob alguns respeitos servir de materia para estudos, quando menos philologicos.»

Na sua *Historia da Literatura*, ajuiza *José Verissimo* em breves linhas, que o *Mathias Aires* seria o melhor dos nossos moralistas se de facto a sua obra não valesse principalmente ou quasi sómente como curiosidade literaria daquelles tempos, seria tal superioridade de pensamento ou de expressão que lhe determine a integração nas nossas letras, e menos qualquer repercussão ou influxo nellas (p. 114).

A este julgamento, no ponto que se refere ao

merecimento intrinseco do moralista, oppõe-se, quiçá com melhor reflexão e justeza, o de *Solidonio Leite*, que considera as *Reflexões* como discursos moraes dignos de todo o apreço, as quaes lembram trabalhos de *Emilio Faguet* e levam vantagem no confronto com aquelles. Nestes esboços, porém, em regra, não nos interessa o merito ou substancia das obras. O que nellas procuramos ver é a linguagem, o estilo, as qualidades superiores de expressão e os merecimentos de escriptor, como escriptor, e não como autor, pensador, moralista, ou poeta, etc. Já dissemos que o pensamento desvestido de qualquer elevação, pôde ser todavia vasado em lingua modelar. Não raro disso servem de exemplo as estiradas misticas do padre *Manoel Bernardes*, as quaes nem por isso deixaram de perpetuar-se como padrões de imitação de linguagem. Não está nesse caso *Mathias Aires*, cujos livros hão de ficar pelo valor das idéas; mas se assim não fosse, se elles nada merecessem como obras, ficariam como linguagem e integrar-se-iam na parte mais valiosa do patrimonio das letras, com a segurança vernacula em que são expressas. Foram sem duvida as grandes qualidades do escriptor e não de certo as do pensador e moralista que o elevaram até ao grupo eleito de classicos incluídos, no seu Catalogo, pela Academia das Sciencias de Lisbôa, por guias exemplares da composição do Diccionario. Se, portanto, *Mathias Aires*, pelo conhecimento do idioma e revelados meritos literarios, chegou ao cume daquella distinção, por que affirmar como faz *José Verissimo*, que a sua obra não se reveste «de superioridade de expressão que lhe determine a integração nas nossas letras, e menos qualquer repercussão ou influxo nellas»? Pois então, livro que serve de modelo para o diccionario da lingua, não terá por ventura influxo ou repercussão entre os que falam essa mesma lingua? Tomassem a *Mathias Aires* por modelo os nossos criticos, outra fôra sem duvida a au-

toridade com que poderiam ajuizar da linguagem e estilo dos autores.

Alludamos por pertinente a outra erronia do illustre critico paraense. E' sem contestação o *Diccionario de Sacramento Blake* a nossa maior fonte bibliographica. Em Portugal só lhe é superior a *Bibliotheca Lusitana* de *Barbosa Machado*. Não se ha forrado, no entanto, aquelle esforçado compatriota ás exigencias e remques dos que não foram capazes, como elle, de fazer obra de igual vulto. No mesmo passo em que *José Verissimo* sem fundamento julgou mal de *Mathias Aires*, lê-se : «Sacramento Blake tambem o noticia com especies novas, mas para mim duvidosas» Por que duvidosas? Mostrou o critico que não leu o abade *Barbosa Machado*, cuja obra ainda hoje é a mais copiosa fonte de informações literarias, nos primeiros seculos da nossa historia. As especies novas a que se refere *Blake* são a — *Philosophia nacionalis*, *Lettres Bohemienses* e *Discours panegyriques*, e acham-se indicadas pelo grande bibliographo portuguez. Em que fundamento, pois, se estriba a impertinente duvida? Em não ter lido o critico certamente o que devera, e no levantar conjecturas desfavoraveis á veracidade e importancia da obra.

Completa *Solidonio Leite* as informações bibliographicas do autor dadas não só por *Barbosa Machado* como por *Sacramento Blake*, e ellas cifram-se nas seguintes, além dos trabalhos escriptos em latim e francês.

— *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, publicada em 1752.

— *Problema da Architectura Civil*, obra postuma.

— *Carta sobre a fortuna*.

— *Discursos Congratulatorios* etc., publicado em 1759».

As *Reflexões* tiveram mais quatro edições: a 2.^a,

em 1761 ; a 3.^a, em 1778 ; a 4.^a, em 1786 ; e a 5.^a, em 1921, feita por *Solidonio Leite*.

O dr. *Mathias Aires*, nasceu em S. Paulo a 27 de março de 1705. Ignora-se o dia de seu fallecimento. Estudou humanidades em Portugal e na Universidade de Coimbra recebeu o grau de mestre em artes. Formou-se em ambos os direitos em Bayona. Alem de muito versado na lingua portuguesa, sabia o latim, o francês e o hebraico.





SANTA RITA DURÃO

(MINAS, 1722-1784)

Grande epico que tem no poema *O Caramuru* padrão de gloria literaria a immortalizar-lhe o nome. No que concerne á linguagem é esse poema copiosa revelação das qualidades do poeta, ha muito sagrado um dos nossos melhores classicos.

Nas descripções da natureza, no referir circumstancias e logares que concorram para maior belleza da scena ou paisagem, no entremear comparações nas suas estrophes, parece que a *Frei José de Santa Rita Durão* sempre sobrava o poder descriptivo, a abundancia de imagens, o genio da eloquencia, virtudes essas que não raro fazem resplandecer aquellas paginas, em esboços, pinturas, quadros, comparações, as quaes certamente não comporia quem, como elle, dotado de inspiração, não soubesse ainda desvendar os segredos da lingua. Houve quem dissesse que o *Caramuru*, já na concepção, já na execução, o vasara o poeta nos moldes camonianos. Mas que importa a imitação, se, como o poema do epico portuguez, é o do vate brasileiro primor de vernaculidade e correção ?

«Uma verdade ha», sentencia Ruy Barbosa, «que me não assusta, porque é universal e de universal

consenso : não ha escriptor sem erros. Dos classicos mais antigos aos mais modernos, todos os perpetraram. Não ha Camões, Sousa, Bernardes, Herculano, Vieira, ou Castilhos, de quem não hajam apontado muitos os melhores aquilatadores». (n. 10).

No seu estudo, talvez ainda hoje o melhor trabalho critico acêrca de *Durão, José Maria da Costa e Silva*, descendo ao exame minucioso do poema, não deixou de encontrar o que diz haver *Ruy* em todo escriptor. Aqui está, por exemplo, uma infracção das leis da flexão verbal, por elle apontada :

“Quando na rede encosta o tenro Infante
Pinta-o de negro todo, e de vermelho,
Hum pequeno arco poêm, frecha volante,
E hum bom cotello ao lado, e em tom de Velho

Em discurso pathetico, e zelante,
Vae-lhe inspirando o paternal conselho,
Que seja forte (diz como se o ouvisse),
Que se saiba vingar, que não fugisse

Que não fugisse, diz *Costa e Silva*, é um barbarismo ; a Grammatica exige *que não fuja*. Essa falta, accrescenta, não pode deixar de apontar-se em autor, que de ordinario escreve em linguagem mui correcta. Ora, a insignificancia do erro, colhido em tão minudenciosa pesquisa, revela o grau de correcção e vernaculidade do poema, que, destarte levado á retorta e desbatamento, pouco nelle teve o polidor que apontar. Outra insignificancia de linguagem, notou-a o critico no ultimo verso da estrophe :

«Não que o crêsse ainda assim, mas por toada» .

«*Por toada* é descuido do estilo do autor, pois não é frase digna da majestade do poema epico. Mas não nos occupemos só com os defeitos do primeiro epico brasileiro,» escreve *Costa e Silva* ; «elle tem no

seu poema bellezas que compensam com usura a somnolencia momentanea ; elle sabe, quando lhe apraz, ou quando o assumpto o favorece, desenhar e colorir, como os grandes mestres, e pode dizer-lhe affoitamente, como Correggio, *son Pittor anch'io* (p. 214).

Assignala *Almeida Garrett*, no estilo de *Santa Rita Durão*, aqui e ali, seus gongorismos. Mas, perguntariamos, em que poema epico se forraria o seu autor a tal ou qual exaggeração de ornatos, e lograria subtrair-se aos trocadilhos e metaphoras, já não diremos demasiado affectadas, mas dessas a que, á revelia, soem entregar-se os surtos da imaginação ? Eleva-se, todavia, *Garrett* na admiração ao poeta, e circumda-lhe a fama dessas palavras, as quaes proferidas por quem o são, valem loiros: «Muito havia que a tuba epica estava entre nós silenciosa, quando Fr. José Durão a embocou para cantar as romanescas aventuras de Caramurú. O assumpto não era verdadeiramente heroico, mas abundava em riquissimos e variados quadros, era vastissimo campo sobretudo para a poesia descriptiva. O autor atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a harmonia de seu canto ; mas de leve o fez: só se estendeu em os menos poeticos objectos ; e dahi esfriou muito do grande interesse que a novidade do assumpto e a variedade das scenas prometia. Notarei por exemplo o episodio de Moema, que é um dos mais gabados, para demonstracção do que assevero. Que bellissimas coisas da situação da amante brasileira, da do heroe, do lugar, do tempo não pudera tirar o autor, se tão de leve não houvera desenhado este, assim como outros paineis ? O estilo é ainda por vezes affectado: lá surdem aqui ali seus gongorismos ; mas onde o poeta se contenta com a natureza e a simples expressão da verdade, ha oitavas bellissimas, ainda sublimes. (Bosq. da Hist. da Poesia e Ling. Port. — Parnaso Lusitano).

«Cultor desvelado dos classicos, conseguiu Durão ser mais correcto do que Basilio da Gama, que o excedia em delicadeza de gosto», julga o conego *F. Pinheiro*.

De todas essas grandiosas construcções ideaes do engenho humano — os grandes poemas, tiram-se syntheses conclusivas, que consubstanciam a idéa ou sentimento que as inspirou. «Se da *Iliada* se colhem estimulos de valor; se a *Eneida* commove á piedade; se o *Orlando* inspira sentimentos de cavalheirosa abnegação; se os *Lusiadas* exaltam o patriotismo, e a *Jerusalem* é um modelo de prudencia e conselho, o poema *Caramuru*, escreve *Varnhagem*, offerece um typo de resignação christã e de virtudes conjugaes. Por isso ganhará, de dia para dia, mais partido, e chegará talvez a ser popular». (p. XXXIX, Florilegio).

A correcção da linguagem do *Caramuru* resiste á analyse do mais exigente aquilatador, e o seu estilo, sempre polido, por vezes sublime, ostenta o sabor caracteristico da velha linguagem, sem, no entanto, descambar para arcaismos, já hoje pouco toleraveis. O episodio de *Moema*, e assim outros passos do poema, ficará na literatura como pagina admiravel :

Copiosa multidão da não Franceza
Corre a vêr o espectáculo assombrada;
E ignorando a occasião da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada:
Huma que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella, do que irada :
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha á não se apega ao leme.

«Barbaro (a bella diz) tigre, e não homem...
Porém o tigre por cruel que breme,
Acha forças amor, que enfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio, e asco...
Ah que o corisco és tu...raio...penhasco.

«Bem poderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano ;
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que he favor, dado a tempo, hum desengano ;
Porém, deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte ?

«Tão dura ingratidão menos sentira,
E esse fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triunfar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora :
Por serva, por escrava te seguira,
Senão temera de chamar Senhora
A vil Paraguaçu, que, sem que o creia,
Sobte ser-me inferior, he nescia e feia.

«Emfim, tens coração de ver-me afflita,
Fluctuar moribunda entre estas ondas ;
Nem o passado amor teu peito incita
A hum a' sómente com que aos meus respondas :
Barbaro, se esta fé teu peito irrita,
(Disse vendo-o fugir) ah não te escondas ;
Dispara sobre mim teu cruel raio...»
E indo dizer o mais, cahe n'hum desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
Pallida a cor, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo :
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo ;
«Ah Diogo cruel!» disse com magoa,
E sem mais vista ser, sorveo-se n'agoa...

Chorarão da Bahia as Nynfas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavão ;
E vendo que sem dor navegão dellas,
A' branca praia com furor tornavão :
Nem pode o claro Heroe sem pena vellas,
Com tantas provas, que de amor lhe davão ;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

Menos feliz que a *Ariadne mythologica* foi a *Moema brasileira*: aquella, depois de passar o auge de sua dor, foi sacerdotisa e princesa, e ascendeu ao numero das constellações; *Moema* bebe todo o calice da sua desgraça e é sorvida nas salsas escumas, posto chorassem «... as *Nynfas bellas*

Que nadando a *Moema* acompanhavão.»

Além do *Caramurú* deixou *Santa Rita Durão* alguns escriptos impressos. Do *Caramurú* conhecemos as edições seguintes: a de 1781, que é a 1ª, de Lisboa; a de 1836, Lisboa; a de 1837, na Bahia; a de *Varnhagem*, em 1845, com o titulo *Epicos Brasileiros*; e a de 1878, no Rio.

Apraz-nos rematar estas notas com o eloquente juizo que traçou a penna de *Urbano Duarte*, na *Gazeta Literaria* de 24 de janeiro de 1884, data commemorativa da morte do grande epico:

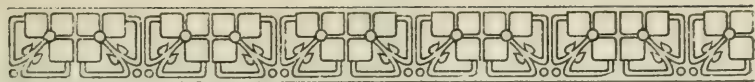
«O *Caramurú* é o poema mais brasileiro que possuímos; mais brasileiro do que o *Uruguay* de Basilio da Gama, do que a *Confederação dos Tamoyos* de Magalhães; do que o *Colombo* de Porto-alegre; do que os *Tymbiras* de Gonçalves Dias. O talento de Durão era de feição genuinamente brasileira, com as grandes qualidades e defeitos inherentes. Imaginoso, exuberante, cheio de vigor, ardente, apaixonado, possuido e dominado das impressões do bello, não sabia ou não podia comedir-se, deixando-se arrastar pelas garras da inspiração fogosa e desordenada. Era como uma destas gigantescas arvores medradas nas invias florestas do seu paiz, cuja seiva excessiva extravasa pelo caule, formando excrescencias e asperezas ao longo deste... O seu estilo tem a ductilidade camoniana e presta-se admiravelmente ás mais delicadas nuanças. Cantando a fereza despiedada e brutal dos bugres cannibaes, o poeta soube mitigar os efeitos daquella rude poesia, entremeando pequenos,

numerosos e bem escolhidos episodios, graciosos, muito felizes e bem acabados... O nome de Santa Rita Durão ha de crescer com o tempo».





Claudio Manoel



CLAUDIO MANOEL DA COSTA

(MINAS, 1729 — 1789)

Dos maiores poetas lyricos é *Claudio Manoel da Costa* um dos que teem sido objecto de mais longos estudos. As feições que lhe salientam a personalidade foram, por critica profunda e sensata, posta em julgamentos, acordes em reconhecê-lo grande não só como patriota, senão tambem como poeta e classico na linguagem.

Depois dos melhores mananciaes bibliographicos, nomeadamente os de *Joaquim Manoel de Macedo*, *Innocencio* e *Sacramento Blake*, não vacillamos em indicar ao leitor por melhores fontes de estudos acêrca do poeta os de *João Ribeiro*, nas *Obras Poeticas* (ed. Garnier, 1901); de *Varnhagem*, no *Florilegio*; de *J. Veríssimo* e *S. Romero*, nas respectivas *Historias de Literatura*; de *Joaquim Norberto*, no *Bosquejo* da historia da poesia brasileira; de *Januario Barbosa*, no *Parnaso*; de *Pereira da Silva*, nos *Varões illustres*, e, por ultimo, o que se contem no tomo 53 da *Revista do Instituto Historico*.

Occupa *Claudio da Costa* na lista dos nossos classicos um dos primeiros logares. Se não nos deparasse porventura o estudo directo das suas obras fundamentos bastantes para assim o classificarmos,

bastaria lembrar a sagração que lhe fez a Academia de Sciencias de Lisboa com o considerar classico e re-commendar-lhe o nome como escriptor exemplar, tanto elle se possuira da linguagem portuguesa e tão bem versado nella se mostrara. Não são muitos os brasileiros que mereceram esse voto de distinção, posto nisso tivesse havido inadvertencia, omissão ou injustiça. Já tivemos occasião de referir que, no seculo XVIII, a colonia dera á lingua e ás letras cultores notaveis, que sem duvida saberiam honrar as tradições da velha Academia.

Não só pela Academia senão por todos fôra o poeta mineiro proclamado mestre da lingua. A sua, sempre correcta, tem algo evocativa e muito de melodiosa. Conhecia e praticava a italiana e chegou a compor sonetos ao gosto de *Petrarca*. «Foi philologo de vastissima erudição, tanto na literatura antiga, como na moderna», escreve *Januario Barbosa*. Dos seus merecimentos disseram autorizados criticos brasileiros e estrangeiros. «Sem que fosse o seu estilo, diz o dr. *Paula Menezes*, isento de exagerações e caisse de quando em quando em requintes de gongorista, sua frase tinha a pureza e a correcção que o collocam entre os escriptores classicos da lingua que fallamos. Para *Pereira da Silva* é indubitalmente um dos poetas mais illustres, que produziu o solo americano; para *Joaquim Manoel de Macedo* avulta como notavel homem de sciencia juridica e social, como patriota martyr e como poeta, a quem no mundo civilizado poucos teem excedido e não muitos teem igualado. Os seus sonetos, julga *Camillo Castello Branco*, são petrarchistas e na contextura teem o sinête arcadio da escola de *Garção*. Será demais, continua *Camillo*, equipará-los ás explosões bocagianas; porém no respeitante ao luzimento e selecção dos vocabulos *Bocage* foi menos primoroso artista. «Poeta mimoso e delicado,» acrescenta *Pinheiro Chagas*, «classico em linguagem, amenissimo em estilo e primoroso na for-

ma. Os seus sonetos são talvez, depois dos de *Bocage*, os mais perfeitos da lingua portugueza. Moldava-os pela forma de *Petrarca*, e sabia dar-lhes uma indizivel suavidade melancolica. Vestia de galas encantadoras o pensamento delicado e a commoção sincera».

São as seguintes as suas obras :

— *Manusculo metrico*, etc. Romance heroico. Coimbra, Luiz Secco Ferreira, 1751, in 4º

— *Epicedio*, etc. Coimbra, 1753, in 4º

— *Labyrintho de amor*, poema. Coimbra. A. Simões, 1753, in 8º

— *Numeros armonicos*, etc. Ibi, idem. 1753, in 8º

— *Obras*, de Claudio Manoel da Costa, etc. Luiz S. Ferreira, 1768, in 8º

— *Villa Rica*, poema, etc. Ouro Preto. Typ. Univ., in 4º (1839 — 1841). Teve 2ª ed. Ouro Preto, 1897, in 8º

— *Obras Poeticas* de Claudio Manoel da Costa. (Glauceste Saturnio). Com um estudo de *João Ribeiro*. H. Garnier, Rio, 1903. Nesta edição estão reimpressas as obras publicadas na collecção de poesias ineditas (Lisboa, 1809 — 1811); no *Parnaso*, de *Januario da Cunha Barbosa*; no *Florilegio*, de *Varnhagem*; no tomo 53 da Revista do Instituto Historico, e na Revista Brasileira (1895).

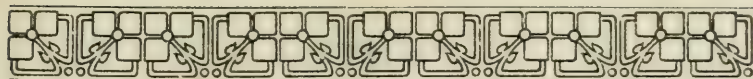
— *Fundamento historico*, 1813, no *Patriota* do Rio de Janeiro.

— *Sonetos*. Ed. do Estado de Minas.





Basilio da Gama



BASILIO DA GAMA

(MINAS, 1740—1795)

Sem o esmero vernaculo de frei *Santa Rita Du-rão*, é, comtudo, *José Basilio da Gama* escriptor a quem se não negam os titulos de classico. A sua linguagem, de ordinario, correcta e pura, caracteriza-se pela singeleza e simplicidade no dizer. Firmou-lhe o renome o poema *Uruguay*, com o qual se intregou nas letras patrias.

«Justo elogio merece o sensivel cantor da infeliz Lindoya que mais nacional foi que nenhum de seus companheiros brasileiros», escreve *Almeida Garrett*, que acêrca do *Uruguay* proferiu o seguinte juizo: — «O *Uruguay* de José Basilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; frase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nelle é verdadeiramente nacional, e legitima americana. Mágoa é que tão distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não desse mais amplidão, e quadro tão magnifico o acanhasse tanto. Se houvera tomado esse trabalho, desapareceriam algumas incorrecções de estilo,

algumas repetições e um certo desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito (Parnaso Lusit. cit.)

Nos seus principaes biographos, nomeadamente o visconde de *Porto Seguro*, colhe-se a noticia de que elle fizera a sua instrucção literaria no convivio e trato dos classicos. Dahi a permanencia desse caracter de linguagem em tudo quanto, ungido da sua fina inspiração, lhe saía da penna, de modo que aquella falta de lima e aquelles deslises que lhe foram notados pelo visconde de *Almeida Garrett*, só os aquilatadores de apurado faro linguistico lograrão descobrir.

Custa acreditar como, levando vida tão atribulada, compusesse obra de tamanha significação literaria. Rompendo as muralhas chinesas do classicismo e do arcadismo em voga, o *Uruguay* fôra o prenuncio do romantismo. Era elle já expressão de puro romantismo antes que essa escola penetrasse os espiritos. Na forma e no estilo, pondera muito bem um dos seus criticos, na intenção indianista e americana, no colorido sem tintas arcaicas, na poetica sem mythologia, na lingua mui singela, mais livre, menos apurada, sem deixar de ser castiça, na familiaridade das expressões e sentimentos, na mistura do comico e do grotesco com o grave, no gosto da discrição pitoresca, o *Uruguay* é já romantico, antes do romantismo.

Esse livro é, como dissemos, a sua obra capital; e basta para perpetuar o nome do autor, que o tem por pedestal do seu renome. Com elle, se não conseguiu dar á lingua nova feição, logrou todavia imprimir-lhe, ou fazer resaltar-lhe a limpidez classica, a polidez, a expressão de inviolavel casticidade, sem as metaphoras e affectações puristas. Dir-se ha a lingua moderna, a lingua do seculo de *Castilho*, a qual se não deixou contaminar dos vicios e corrupções de que foi mar cheio o periodo romantico.

Os versos soltos do *Uruguay* são expressões do que a lingua pode ter mais correcto, sem levarmos á

conta a melodia delles e a sua belleza esthetica. Como amostra de uma das scenas mui bem pintadas e de grande e bella execução, a que se refere *Garrett*, aqui temos a descripção do Canto III, que assim começa :

Foram ganhando, e descobrindo terra
Inimiga e infiel ; até que um dia
Fizeram alto, e se acamparam onde
Incultas varzeas, por espaço immenso,
Enfadonhas e estereis, acompanham
Ambas as margens de um profundo rio.

O episodio de *Lindoya* pode emular com o de *Moema*, que apenas lhe é superior no sentimento e intensidade de commoção. Como este, é igualmente expressão de suavidade e ductilidade da lingua, que raro tem produzido paginas iguaes a essas dos dois epicos. Nunca será demasiado sentir a belleza de um idioma quando soa ao impulso de grandes inspirações :

Um frio susto corre pelas véas
De Caitetú, que deixa os seus no campo,
E a irmã por entre as sombras do arvoredó
Busca co'a vista e treme de encontral-a.
Entram, enfim, na mais remota e interna
Parte do antigo bosque, escuro e negro,
Onde, ao pé de uma lapa cavernosa,
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
Lá, reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores ;
Tinha a face na mão e a mão no tronco
D'um funebre cypreste, que espalhava
Melancolica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados
E param cheios de temor ao longe ;

E nem se atrevem a chamal-a, e temem
Que desperte assustada e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.
Porém o dextro Caitetú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira e o temor. Emfim sacode
O arco e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya e fere
A serpente na testa, e a bocca e os dentes
Deixa cravadô no visinho tronco.
Açoita o campo com a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos gyros
S'enrosca no cypreste, e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao despertal-a
Conhece (com que dor!) no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito ;
Os olhos em que o amor reinava um dia,
Cheios de morte ; e muda aquella lingua
Que ao surdo vento e aos echos tantas vezes
Contou a larga historia dos seus males.
Nos olhos Caitetú não soffre o pranto
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já tremula gravado
O alheio crime e a voluntaria morte,
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de magoado e triste,
Que corações mais duros enternece :
Tanto era bella no seu rosto a morte !

Nasceu *Basilio da Gama* em S. José do Rio dos Montes aos 22 de julho de 1740, e falleceu em Lisboa aos 31 de junho de 1795. Cavalheiro da Ordem de S. Tiago, fidalgo da casa real, official da secretaria do reino, e socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lutou com sorte adversa,

mas gozou da protecção do marquês de *Pombal*, facto que teve muita significação na sua vida.

Dos innumeros estudos de que tem sido objecto, temos por um dos mais bem feitos o de *J. Verissimo*, o qual serve de introdução ás *Obras Completas*, editoradas pela Livraria Garnier, edição que não traz data.

Bibliographia :

O Uruguay, poema. Lisboa, na Regia Off. etc., em 1769. E' a 1.^a edição. Teve mais: 2.^a, em 1811, Rio; 3.^a em 1822, Lisboa; 4.^a em 1844, Rio; 5.^a em 1845 — *Epicos brasileiros* por *Varnhagem*, Lisboa; 6.^a e 7.^a em 1855, Rio; 8.^a em 1895, Alves, Rio; 9.^a em 1900, por occasião do 4.^o Centenario do Brasil, e 10.^a, a do Garnier, acima referida.

— *Epithalamio*, etc. Lisboa, 1769.

— *A Declamação Tragica*, poema, etc. Lisboa, 1722.

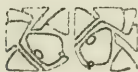
— *A Liberdade*, etc. Lisboa, 1773.

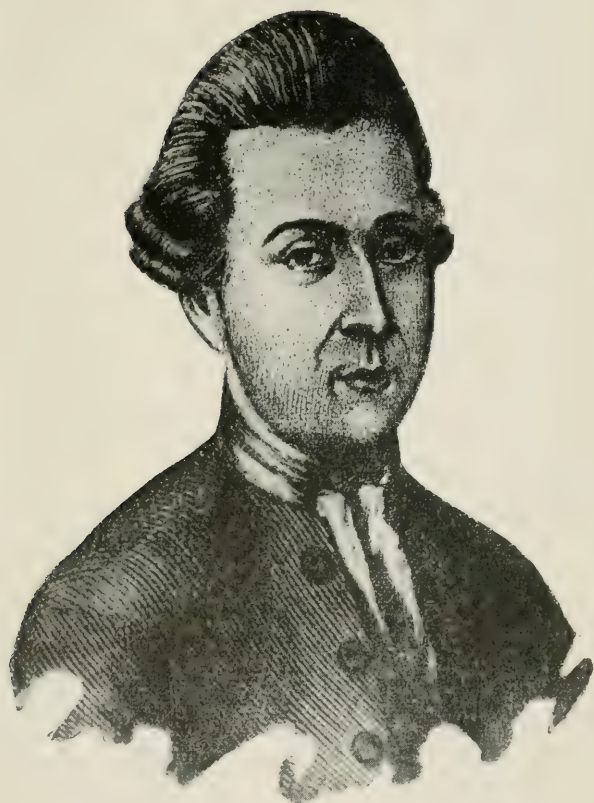
— *Os Campos Elyseos*. Lisboa, 1776.

— *Lenitivo da Saudade*. Lisboa, 1788.

— *Quitubia*, Lisboa, 1791,

além de sonetos, odes e outras poesias esparsas em jornaes, collecções, anthologias e parnasos.





J. Francisco Leal



JOSÉ FRANCISCO LEAL

(RIO, 1774—1786)

Sabio medico e uma das glorias nacionaes injustamente ignoradas. Breve e curta foi a sua vida, mas apesar disso honrou o nome do Brasil nos centros scientificos e literarios do velho mundo, onde soube fazer-se notavel, já pela vastidão e profundeza dos seus conhecimentos, já pela lisura de sua vida immaculada, unicamente votada ao estudo e ao magisterio.

Das suas obras, que certamente teriam desaparecido no transcurso do tempo em que mergulha toda tradição verbal, nada saberíamos, se o seu nome não chegasse até nós por conducto da amizade dedicada, ou dessa alliança que naturalmente traz unidos os homens de intelligencia, saber e distinção moral.

Veio a fallecer esse illustre brasileiro quando a vida lhe sorria na plenitude dos quarenta e dois annos sem ter dado nenhum livro á publicidade. Seis annos, porém, depois da sua morte, o dr. *Manoel Joaquim Henriques de Paiva*, seu collega e amigo, fez imprimir e publicar a obra que deixara inedita o jovem e infeliz medico, com os seguintes dizeres de frontispicio:

— *Instituições* ou Elementos de Farmacia, Extraídos dos de Baumé, e reduzidos a novo methodo pelo Doutor José Francisco Leal, Lente de Materia Medica, e de Instituições Medico-Cirurgicas na Universidade

de Coimbra, para uso das suas Prelecções Academicas, e em beneficio dos Alumnos de Medicina e Farmacia da mesma Universidade, illustrados e accrescentados com a vida do sobredito Professor, e publicada por Manoel Joaquim Henriques de Paiva, Medico em Lisboa, etc. Lisboa. Na Officina de Antonio Gomes. Anno M. DCC. XCII. Com licença, etc. — Vem precedida essa obra de uma noticia da vida do autor, subscripta por *Francisco Luiz Leal*, professor regio de philosophia, onde se inspirara *Velho da Silva* para traçar-lhe, no Instituto Historico, a biographia, que foi estampada no tomo 60 da Revista, de onde trasladamos o magnifico retrato que condensam estas linhas :

«Era o nosso compatriota versadissimo nas linguas: italiana, franceza, inglesa e allemã, as quaes falava e escrevia com tal perfeição como se vernaculas lhe fossem e tinha em seu conhecimento tanta perspicacia que notava momentaneamente se os naturaes desses paises eram, ou não correctos na pureza. Falava e escrevia o latim com admiravel facilidade; amava a poesia; porém sua predilecção era pela musica; a rabeca era seu instrumento favorito, cultivando na Allemanha com os grandes mestres uma delicadeza e gosto, que encantavam. Longe de ensoberbecer-se com os conhecimentos e prendas que possuia, era lhano, desaffectedado e simples em suas maneiras e costumes. Enunciava-se com a maior clareza explicando com simplicidade o que de mais difficil se apresentasse na sciencia. A graça, a elegancia e o aceio eram qualidades instinctivas do nosso illustre conterraneo. Fazia-se desejado e querido nas sociedades; era chão e simples na conversação commum, fecundo e veemente quando explanava os pontos das doutrinas scientificas...» (p. 70).

Nascera o insigne compatriota nesta cidade do Rio de Janeiro de 1744 e falleceu em Coimbra no dia 3 de janeiro de 1786. Viveu, como se vê, apenas 41

annos. Seu pae, dr. *Francisco Correia Leal*, fôra também famoso medico na cidade natal.

Merecera o dr. *Leal* a confiança e estima do marquês de *Pombal*, que em acto de reforma na Universidade de Coimbra, fê-lo lente de *materia medica e pharmacia*, disciplina que pela primeira vez era ali ensinada, passando a leccionar simultaneamente a cadeira de physiologia. Com tal brilho se houve no magisterio, que foi tido por sabio e respeitavel mestre, e o instituidor de novas cadeiras naquella Universidade.





GONZAGA

(PORTO, 1744 — 1807)

Poeta que, encerrando toda a sua gloria num poema de amor, do qual muito se devem ufanar as letras luso-brasileiras, nesse poema tambem se mostrou classico da sua lingua.

Não se faz mister aqui examinar a originalidade e exalçar os merecimentos das lyras que celebrizaram o nome do cantor de Marília. Proclamando-lhes a suavidade, enaltecendo-lhes os encantos estão as pennas de *Almeida Garrett*, *Ferdinando Diniz*, *Januario Barbosa*, visconde de *Araguaya*, *Dutra e Mello*, *Pereira da Silva*, *Joaquim Norberto*, *Fernandes Pinheiro*, *Joaquim Manoel de Macedo* e outros.

Depois dos *Lusiadas*, informa *Sacramento Blake* repetindo o conego *Fernandes Pinheiro*, não ha livro que mais edições tenha tido do que a *Marília de Dirceu*, e, em regra, a popularidade de um livro é a mais eloquente confirmação do seu valor.

Em obra inedita do philologo portuguez *Nuno Alvares Pereira Pato Moniz*, citado por *Innocencio*, lê-se: «A nossa melhor collecção de poesias eroticas é a do magistrado *Thomaz Antonio Gonzaga*: as suas lyras a *Marília* de jus lhe alcançaram o titulo de *Luso Anacreonte*. Nada temos que mais suave seja e

gracioso. Por ellas achamos continuamente unidas a erudição, o ingenho e a amenidade; são escriptas em uma frase pura, elegante, e muitas vezes rigorosa; e se de quando em quando lhe notamos alguma laxidão de estilo, é isso desculpavel naquelle genero de composições, e mais o devemos desculpar ao inventor de uma nova e bellissima especie de poesia, como bem é que se digam as lyras de Dirceu, que seguem uma carreira media entre Anacreonte e Theocrito, isto é, entre as odes eroticas e os idyllios pastoris, sendo aliás rigorosamente algumas dellas excellentissimas odes ao modo de Anacreonte, e outros participando da horaciana elevação. Emfim, torno a dizer, o seu estilo em geral é tão suave e gracioso, tão facil e corrente, tantas vezes elegante e vigoroso, e tem tão fundamento impresso o cunho de originalidade, que nenhum dos nossos poetas, e bem raro conheço entre os estranhos a quem o possa comparar.» Accrescenta *Innocencio* que o poeta tinha muita lição e estudo dos bons autores.

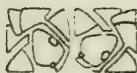
O culto da forma em *Thomaz Antonio Gonzaga* era preocupação empolgante, e tão accentuada fôra que, não raro, lhe sacrificava a originalidade. Nunca, porém, desapareceram das suas lyras as qualidades que fazem o estilo seductor. O verso sae-lhe naturalmente suave, gracioso, harmonico, sobrio, ingenuo, correcto e com natural propriedade vocabular.

Observou *Pinheiro Chagas* que «os seus amores com uma senhora de Villa-Rica, d. Maria Joaquina Dorothea Seixas Brandão, inspiraram-lhe em formosa collecção de lyras, que, com o titulo de *Marilia de Dirceu*, lhe deram a immortalidade.

Um inexcédível mimo de forma, um grande encanto de melodia distinguem a primeira parte desse livro, composto durante os annos de ventura, e em que, a par de felizes intenções de Anacreonte, não faltam as agudezas da poesia do tempo. A desgraça, quando

o fulminou antes de o amargar, alteou-lhe o espirito, e na segunda parte da *Marília de Dirceu* ha toques de melancolia e saudade, sublimidades de pensamentos, que, envolvendo-se ainda nas menos opulentas roupagens de linguagem e de metro, nos revelam que alma de poeta se escondia debaixo de veste madri-galesca do galanteador Dirceu.»

São hoje já innumeraveis as edições do magnifico poema. Sabemos de trinta e quatro, desde a primeira, cuja data parece ser de 1792, até a de 1900, feita pela Livraria Garnier. Qual a melhor, ou quaes as mais autorizadas? Seria inexequivel o confronto dellas para chegar-se a uma conclusão. Todavia aconselhamos a 1^a, de 1792, publicada em vida do autor; as edições Nunesianas: — 2^a, de 1800 e 3^a, de 1802; as Lacerdinas: — 4^a, de 1804 — 6^a, de 1811 — 10^a, de 1819 — 11^a, de 1820; as Rollandianas: 12^a, de 1820 — 16^a, de 1827 — 21^a, de 1840; a de Laemmert, em 1845, que é a 24^a; e a de Garnier, em 1862, que é a 28^a, dirigida por *Joaquim Norberto de Sousa Silva*.





ANTONIO DE MORAES SILVA

(RIO, 1755-1824)

Não tem o tumulo poder de occultar e delir a memoria de um homem, quando esse homem ha ligado o nome a monumento de gloria immortal, que nos herdou a acção fecunda do seu genio.

Deu *Moraes* á sua patria o primeiro dictionario da lingua. Isso, tão de breve assim dito, parece pouco, mas foi muito: foi tudo; e tanto se levanta, exalça e sublima a sua obra que, deante do sarcophago que lhe guarda os despojos no igrejorio da Conceição dos Militares, em Recife, tem a gratidão nacional o dever de, penetrando a serenidade das naves, dizer áquelle tumulo: «Não apagarás a memoria do nome que tragaste.»

Emquanto o Brasil começava de vislumbrar as primeiras alvas da sua independencia e, na metropole, se entretinham os philologos no amanho e meneio do idioma que nós, ainda mal caldeados ethnicamente, principiavamos a balbuciar, um brasileiro havia, alma benedictina, que lá compunha, elaborava e escrevia um livro, que veio a ser, e é, e continua a ser o mais importante lexico da lingua.

Obra que só do esforço, engenho e locubração de muitos costuma a ser, elle a fez sozinho; trabalho que, só por si, promove a criação de academias, elle,

ilhado de recursos, o levou ao cabo. Dizer-se ha que lhe anticipara e facilitara a execução o vocabulario de Rafael Bluteau. E por que não? E por que, como elle, não escutaram outros a Bluteau para compor obra congenera?

Não teve *Moraes* por bastante o vocabulario do benemerito padre. Por o muito que esse vale, nelle inspirou-se e d'elle utilizou-se, mas no grau que indicam estas palavras: «— Entendi tambem que conversando muito os taes Autores é que poderia fazer alguns progressos, e fui continuo em os revolver por mais de seis annos. Acompanhei este estudo com os auxilios de Bluteau, que achei muitas vezes em falta de vocabulos e frases; e mui frequentemente sobejo em disertações desapropositadas e estranhas do assumpto, que fazem avolumar tanto a sua obra. Este ultimo reparo me animou a escolher para meu uso tudo o que elle traz propriamente Português... Do que recolhi das minhas leituras fui supprindo as faltas e diminuições que nelle achava; a quem tiver lido o Bluteau e conferir com o seu este meu trabalho, achará que não foi pouco o que ajuntei, e mais pudera accrescentar, se as minhas circumstancias me não levassem forçado a outras applicações mais frutuosas.»

Certo é que pôde *Moraes* levar a termo, no seu tempo um cometimento que não logrou dar a Academia de Lisboa, posto o tivesse iniciado, cinco annos mais tarde com a publicação do tomo correspondente a letra *A*, e no qual ficou.

Andam mão por mão *Bluteau* e *Moraes* intimamente unidos na pratica da grande obra que conceberam e realizaram. Seus nomes crescem na posteridade e envolvem-se de igual benemerencia, assim como, inspiradas do mesmo espirito, se completam as suas obras. Ainda hoje, após transcurso mais que secular, são os seus dictionarios as fontes de maior autoridade, os melhores repositorios e archivos mais dignos de fé,

em que se conserva parte do thesouro da lingua portuguesa.

Quanto particularmente ao do nosso insigne compatriota, são concordes mestres, não só brasileiros, como lusitanos, em reconhecê-lo e proclamá-lo o mais importante dos lexicos vernaculos: *Ruy Barbosa, João Ribeiro, Carlos de Laet, Ramiz Galvão, Cardeal Saraiva, Filinto Elysio, Gonçalves Vianna, Epiphânio Dias, Julio Moreira, Camillo Castello Branco* e outros, entre os quaes *Leite de Vasconcellos*, em cujo autorizado parecer é o diccionario do grande brasileiro «instrumento imprescindivel de quem quizer saber a lingua e escrevê-la com acerto.»

Advirta-se mais em que, além de tão subido titulo, não se gloria só *Moraes* de ter sido autor do mais importante diccionario, que é, do mesmo passo, «o mais importante livro de uma lingua», senão ainda escriptor distinto, modelo de correcção e exemplar do bom dizer. Pouco conhecidas que são as suas paginas, julgamos prestar serviços ás boas letras, organizando com algumas dellas, o volume V da *Estante Classica*, e ás quaes ousamos a accrescentar, tendo em vista a feição mais característica que lhe releva o nome, annotações meramente lexicographicas.

Não nos foi facil a factura deste volume, em virtude da rareza e dispersão do que deixou o notavel carioca, e certo não o teriamos elaborado, se não se nos deparassem a excellente *Noticia Biographica*, de Pereira da Costa, o *Brasil Historico*, de Mello Moraes, o *Archivo Pitoresco* e a *Historia de Portugal*, de que foi elle o traductor da edição franceza.

A' memoria de homens que valem tanto, nunca são bastante as homenagens que se lhe prestam.

Deixou *Moraes* as seguintes obras impressas :

— *Diccionario da Língua Portuguesa*, que já conta nove edições: a 1ª, de Lisboa, em 1789; a 2ª, ibi, correcta e augmentada. Lisboa, 1813. Dois to-

mos. Vem enriquecido do *Epitome da Grammatica Portuguesa*. E' a mais estimada e conceituada.

Como a 1ª foi por elle exclusivamente feita e dirigida. Della fez a *Revista da Lingua Portuguesa* uma reproducção photographada, em 1922, commemorativa do Primeiro Centenario da Independencia do Brasil. A 3ª. ed. foi dirigida por Pedro José de Figueiredo. Lisboa, 1823. A 4ª, por Theotonio de Oliveira Velho, em 1831, Lisboa. A 5ª, de 1844, por Antonio José da Rocha. A 6ª, pelo desembargador Agostinho de Mendonça Falcão, em 1858. A 7ª, de Lisboa, 1877-1878. A 8ª teve por Editora a Empresa Literaria Fluminense de A. A. da Silva, Rio, 1889. A 9ª, que é a ultima.

Estas edições não são conceituadas.

— *Historia de Portugal*, composta em inglês. Traducção e notas de *Moraes*. Lisboa, 1788. 3 volumes. Segunda edição em 1802, 4 volumes. Terceira, com additamentos de Hippolyto José da Costa Pereira. Londres, 1809, 3 volumes. Quarta, Lisboa, 1828, 5 volumes.

— *Recreações do homem sensivel*, etc. Trad. de Mr. Arnaud. Lisboa, 1788-1792, 5 volumes. Segunda edição em 1821, Lisboa.

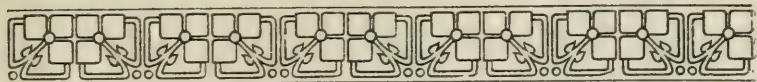
— *Epitome da Grammatica da Lingua Portuguesa*, Lisbôa, 1806.

— *Gramatica Portuguesa*, Rio, 1824. Rarissima.





Mello Franco



FRANCISCO DE MELLO FRANCO

(MINAS, 1757-1823)

Tendo iniciado os estudos no seminário de São Joaquim, transferiu-se aos 14 annos de idade para Portugal, onde concluiu os preparatorios e se graduou em medicina na Universidade de Coimbra.

Homem notavel pelas suas virtudes, independencia e saber, e medico de grande fama. Accusado de irreligioso, colheu-o a Inquisição, que o deteve durante quatro annos. «Em meio das angustias e martyrios, infligidos pela *mansidão* dos que se diziam discipulos e defensores de Christo», escreve um dos seus biographos, «compôs elle as suas elegias intituladas—*Noites sem somno*—nas quaes com talento raro descreve as misérias do genero humano, a degeneração dos defensores da Fé, e a crueldade desses algozes sagrados, que sacrificavam a innocencia a seus vãos caprichos».

Restituído á liberdade, ficou em Lisboa e ahi se consagrou á sua profissão.

Escreveu um *Tratado de Educação Physica*, para meninos, o qual foi publicado em 1790 pela Academia Real das Sciencias. Depois, tambem, dados á publicidade pela Academia em 1814, escreveu *Elementos de Hygiene* ou dictames theoricos e praticos para conservar a saude e prolongar a vida. Antes deste trabalho,

houvera publicado, em 1794, a sua *Medicina Theologica*, ou supplica humilde feita a todos os senhores confessores e directores sobre o modo de procederem com seus penitentes na emenda dos pecados, principalmente da lascivia, colera e bebedice.

Em 1817, fôra escolhido para, na qualidade de medico, acompanhar ao Brasil a archiduquesa d. Maria Leopoldina, que houvera sido eleita para consorte do principe real. Tendo regressado, como aconteceu, á sua terra, cercado de admiração, cheio de gloria e riqueza, aqui, no seio da côrte emigrada de Portugal, lhe urdiram tamanhas intrigas, sob o pretexto das suas idéas liberaes e democraticas, que não só o privaram de tudo, como até do proprio paço fôra expulso.

Ao mesmo tempo, amigo desleal e ingrato, negociante em Lisboa, a quem confiara os seus haveres, lhos devorara mediante fallencia fraudulenta.

Não resistira o espirito de Mello Franco a golpes tão brutaes. Enfraqueceu-se-lhe o animo, desgostou-se, definhou-se e veio a morrer em extrema pobreza, no anno de 1823, em Ubatuta, São Paulo.

A' sua instrucção scientifica alliou a de humanidades. Era versado em varias linguas e fôra escriptor classico de primeira ordem.

Socio da Academia das Sciencias, ahi substituiu José Bonifacio, de quem fôra amigo, no cargo de secretario.

Do Brasil enviara á Academia, «como ultimo adeus a seus antigos collegas», um *Ensaio* sobre as febres com observações analyticas acêrca da topographia e clima do Rio de Janeiro. A Academia imprimiu á sua custa esse trabalho, em 1836, «dando mais um testemunho solenne do apreço em que tinha os seus escriptores, e de reconhecimento aos serviços que em outros tempos elle prestara».

E' o notavel mineiro o verdadeiro autor do celebre poema — *O reino da Estupidez*.

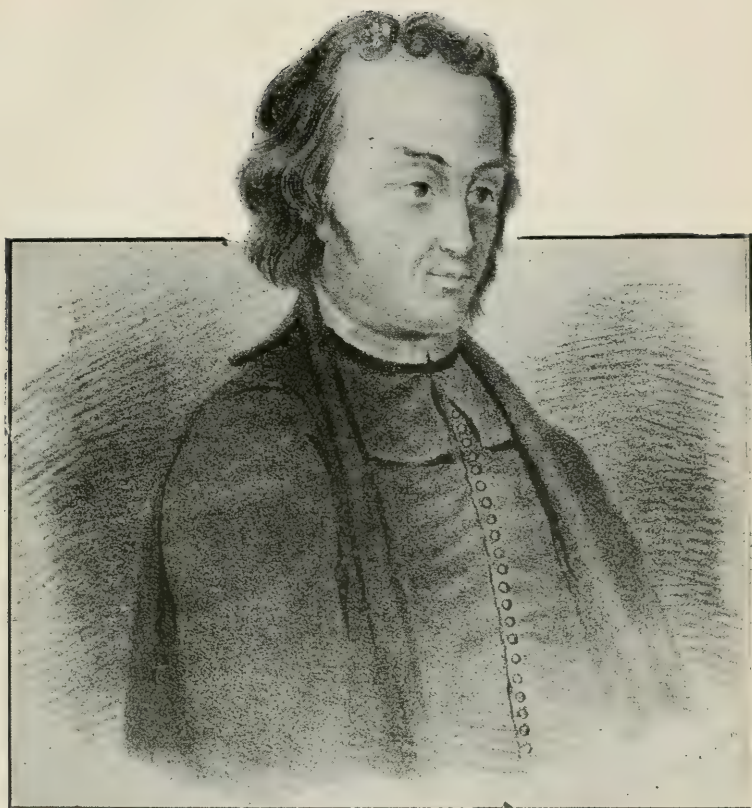
Vejamos a seu respeito as curiosas noticias que nos ministra Blake :

«*O reino da estupidez* : poema heróe—comico em quatro cantos. Paris, 1819, em — 16 — Segunda edição correcta. Paris, 1821. — Terceira edição, Lisboa, 1833 — Quarta edição no *Parnaso Lusitano*, tomo 6º, Paris, 1834. Este poema foi escripto e appareceu em Coimbra em 1785, fulminando com a satira mordaz diversas pessoas, incluidos alguns lentes da Universidade, sem que nunca se soubesse quem era o verdadeiro autor, e, como é natural, deu-se a autoria da obra a diversas pessoas, que por isso vieram a soffrer. Escreveu *Mello Franco* este poema ao deixar a Universidade, á qual maior dose coube da satira. Em quinze dias foi elle escripto, copiado e espalhado pelos logares mais publicos, quando se celebrava uma festa da nossa Universidade... Só José Bonifacio sabia quem era o autor. E' escripto no estilo do *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz e Silva».

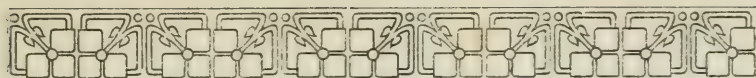
Em summa, o grande brasileiro que foi o dr. *Francisco de Mello Franco* «escrevia o portuguez com muita elegancia e pureza ; era bom poeta, distinto humanista, e conhecia a fundo, além da lingua da sua terra, o latim, o italiano, o inglêz e o francês».

São palavras do dr. Cruz Jubin, que se lêem no Tomo V. da *Revista do Instituto Historico*.





Souza Caldas



ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS

(RIO, 1762-1814)

Nome que tem por pedestal da sua celebridade literaria os *Salmos de David*, vertidos em rythmo português, e dados á luz, após o fallecimento do poeta, por seu sobrinho, o sr. Antonio de Sousa Dias, com observações e notas do tenente-general Francisco de Borga Garção Stockler.

Attraíra para o traductor essa publicação tão fartos, enthusiasticos e singulares louvores, que para logo fôra *Sousa Caldas* considerado o maior lyrico da lingua portuguesa. Não sabemos quem primeiro lhe tecera essa coroa, senão que foram muitos, e gente da melhor estofa, os que lha compuseram, entrelaçando-a de fulgidos lauréis.

Seis annos após o desaparecimento do poeta era publicado o trabalho, e já em 1826 *Almeida Garrett*, julgando-o um dos melhores lyricos modernos, accrescentava que a poesia biblica, apenas encetada de *Camões* na paráfrase do salmo *super flumina Babylonis*, foi por elle maravilhosamente tratada; e desde Milton e Klopstock ninguém chegou tanto acima neste genero. (Bosquejo, p. LXIV). Nota *Januario Barbosa* que algumas de suas poesias, tanto sacras como profanas, inculcam assaz a vivacidade do seu genio, a riqueza da sua imaginação, o seu gosto literario e a originali-

dade com que em muitos rasgos excedeu os poetas de seu tempo. (Rev. do Inst. Hist., t. 2, p. 131).

No *Plutarco Brasileiro* consagra-lhe *Pereira da Silva* carinhoso elogio, do qual extratamos alguns passos, que com eloquencia exalçam os meritos do notavel padre :

«Em nenhum país, e em nenhuma lingua, poesia mais rica e mais adornada de majestosos e gigantes-cos pensamentos appareceu ainda, (refere-se o A. á ode Existencia de Deus). Ovidio, descrevendo na sua primeira metamorphose o caos e a criação, não reúne um complexo tão perfeito de imagens altanadas... Qualquer que seja a maior ou menor divergencia das vestes exteriores, a poesia de Sousa Caldas é uma faísca de fogo escapada da poesia hebraica, e que leva a luz mais penetrante ao coração e á alma do homem... Ha tantas traducções poeticas dos *Salmos* !

A França, a Alemanha, a Italia, a Inglaterra, a Espanha possuem-nas em grande numero. Nenhuma ha, porém, por mais bella e perfeita, que possa exceder em merito literario a que terminou Antonio Pereira de Sousa Caldas ; elle estudou a poesia hebraica, e a traduziu na lingua portuguesa, como Phidias estudou Homero, e o traduziu com o seu cinzel, ou como Miguel Angelo estudou o poema de Dante, e o traduziu na Capella Sextina do Vaticano ; a harpa do rei de Israel não perdeu nenhuma de suas harmonias, passando-se da lingua hebraica para a portuguesa... com perfeito conhecimento de suas bellezas, com alma foga e convencida, com espirito enthusiastico, — com verdade, — propriedade de termos e majestade de expressão : Sousa Caldas escreveu em portugûes, como escreveria o proprio rei David». (p. 87 e seguintes, t. I.).

Não são menos ungidos de profunda admiração os conceitos formulados por *Sotero dos Reis*, no tomo 4º do seu *Curso de Literatura*. «Este grande poeta», diz elle «que foi segundo o attesta o seu dialecto poe-

tico e apurado gosto, um dos mais genuínos representantes da escola de Camões, foi contemporaneo de Francisco Manoel e Bocage, aos quaes igualou em talento e excedeu em instrucção. A' sua soberba traducção dos Salmos de David nenhuma outra se iguala em lingua alguma viva, de que eu tenha conhecimento». Referindo-se ao salmo *Coeli enarrant gloriam Dei*, continua Sotero : «Este bellissimo salmo é pela ventura a composição mais sublime do engenho humano, que parece haver nelle tocado a ultima meta no engrandecer os louvores de Deus. Não ha em lingua alguma coisa que no seu genero lhe seja comparavel em elevação do pensamento ; e é para notar que a lingua, a mais nobre no material das vozes, seja a que apresente a producção mais rica em sublimidade. Em todo elle o grandioso do conceito do autor é realçado pela magnificencia do estilo do traductor. A *Cantata de Pigmalião* é em minha opinião uma obra tão prima, como o pode ser a de *Dido* por Garção e a de *Leandro e Hero* por Bocage, a nenhuma das quaes cede em belleza e primor ; pois se a de Garção é inimitavel em perfeição de estilo, a de Bocage em jogo de affectos, ella o é em novidade, movimento e vida, sem excluir nem a perfeição de estilo, nem o pathetico mais bello.» Carlos de Laet, nas suas breves notas da *Anthologia Nacional*, tambem é de parecer que Sousa Caldas, na poesia sacra, não tem rival na lingua portuguesa.

Nenhuma coroa mais formosa, porém, lhe cingiu a fronte do que a que lh' entrelaçou a penna de Camillo nestas lindas palavras : «Eis o nome de um poeta superior, e o maior que tiveram portugueses na poesia sacra, mais que todas de difficil prova, — em que a philosophia se ala até Deus sem se ajudar das asas da ascese mystica. O padre Sousa Caldas desferiu canticos religiosos de tanta uncção, veemencia e majestade, que parecem preluzir algumas das Meditações de Lamartine. O rythmo amolda-se-lhe á idéa com uma flexibilidade que de certo não era imitada dos exem-

plares da Arcadia. Ahi ha genio, ha criação, ha betas deluz que relampejam da espontaneidade inopinada como a dos cantores dos profetas. As Odes são irrepreensivelmente grandes de belleza eterna, do primor immortal da arte, e intitulam-se: *Sobre a existência de Deus*; *Sobre a virtude da religião christã*; *Sobre a necessidade da revelação*. Pode ser que dahi se vislumbrem estros do autor da *Messiada*, de Milton e Ioung. Seja como for, o *Paraíso Perdido*, as *Noites* e *Kopstock* não nos exalçam pela simples commoção do intimo sentir ás reconditas verdades do dogma. Entre as poesias profanas, a cantata *Pigmalião* é extremamente classica pelo adorno das pompas mythicas. No perpetuo diadema de Sousa Caldas a memoria de sua virtude e do seu desapego das glorias terrenas acrisola e justifica os quilates da sua poesia, e a alta e sincera inspiração do orador sagrado». (Curso de Lit. Port. II, p. 253.)

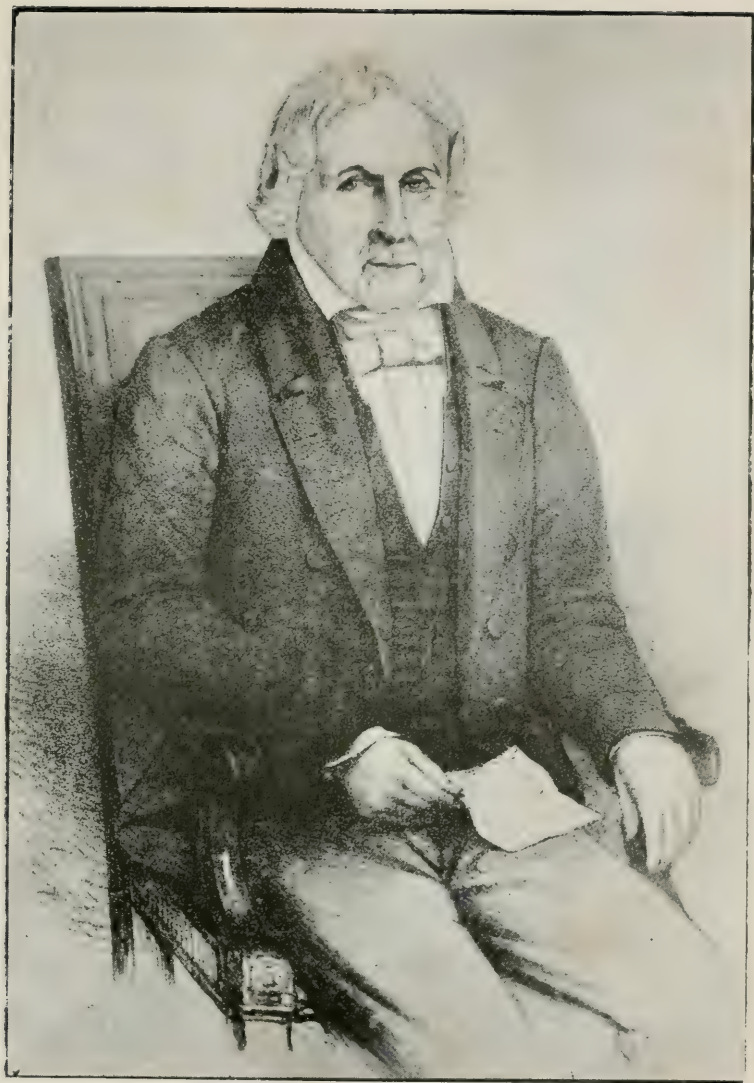
A figura veneranda do padre avulta entre os escriptores exemplares, ostentando a sua linguagem apuro vernaculo, segurança na propriedade dos termos, elegancia e pureza. Pode em varios passos e imagens ceder a outrem a realleza da forma, o que, porém, não lhe tira a ella a condição, indole e caracter verdadeiramente modelar.

Os seus trabathos impressos, são :

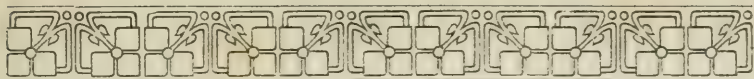
— *Salmos de David*, vertidos em rythmo portugêz, com notas e observações de Garção-Stockler, publicados por Antonio de Sousa Dias, etc. em dois tomos — o 1º em 1820, e o 2º, em 1821, Officina Rougeron, Paris.

— *Duas cartas* estampadas na Rev. do Instituto Historico.

— Edição escolar de suas poesias, Rio, 1872.



José Bonifácio



JOSÉ BONIFÁCIO

(S. PAULO, 1763—1838)

Faz um seculo que o nome de *José Bonifácio* — que já se vinha levantando muito alto nas conquistas da sciencia, brilhando nos cenaculos da aristocracia européa,— ainda mais avultou, cresceu, sublimou-se e, excedendo-se a si mesmo, ungido das santas commoções do patriotismo, penetrou o seio da immortalidade, sagrado o *patriarca* da independencia da sua patria.

Ha nomes assim: nascem predestinados para missões altissimas. Nelles concretiza o determinismo social a efficiencia das realizações. Fôra *José Bonifácio* o eleito para, consubstanciado tres seculos de aspirações á liberdade, ser o instrumento da historia na realização da vontade, que enchia e dominava todo coração brasileiro e nelle pulsava com o impeto dos supremos anhelos, de vermos o Brasil, terra grandiosa, «quebrar as algemas de colonia para cingir o diadema de nação». E foi o que fez o genial estadista: desatar os pulsos do colosso e pô-lo sob a égide de si mesmo, para por si mesmo viver, lutar, prosperar e vencer.

José Bonifácio é nome que o sentimento civico nacional, convertendo em symbolo de patriotismo e de

gloria, venera profundamente e a que tem prestado o culto da sua gratidão.

Vicejara o egregio *patriarca* numa epoca de opulencia intellectual, revelada por innumeraveis compatriotas. A sua efflorescencia espiritual vinha já encontrar engrandecidas, não só as letras e sciencia brasileiras, senão tambem o nome brasileiro. Soava-lhe a fama e renome do restaurador do theatro, Antonio José da Silva, «o malaventurado christão-novo», como lhe chamou Latino Coelho, «a quem a natureza consagrou os loiros de poeta, a intolerancia a coroa do martyrio», e na poesia, soavam-lhe os cantos epicos de Basilio da Gama, com o *Uruguay*, e de Santa Rita Durão, com o *Caramurú*; o lyrismo de Gonzaga, na *Marília de Dirceu*, de Claudio Manoel da Costa e dos Alvarengas. Produzira o grande lexicographo Moraes Silva o mais abundante dictionario da lingua, ainda hoje reputado o melhor. O seu tempo, a sua epoca, o seu momento de exuberancia fôra o mesmo de Azeredo Coutinho, José Francisco Leal, Sousa Caldas, Mello Franco, José Eloy Ottoni, Hippolyto da Costa, Francisco Villela Barbosa, Nogueira da Gama. Vicente Coelho, Conceição Velloso, Alexandre Rodrigues Ferreira e outros.

Varões eminentissimos, esses homens, como reconhece Latino Coelho, reflectiam em Portugal o seu luzimento, a sua gloria. Cultivavam as letras patrias. Ensinavam nas escolas, honravam as academias, respaldavam no exercito, nas dignidades ecclesiasticas, nos officios da magistratura. Entre elles era certamente o primeiro pela sciencia, pelo engenho, pela funcção que devia desempenhar na historia do seu povo, o doutor *José Bonifacio de Andrada e Silva*. (*Elogio Historico*, p. 5).

Não é, porém, do patriota, do estadista, do *patriarca*, e homem de sciencia, senão do poeta, do literato, do escriptor de polida e esmerada linguagem, que aqui nos occupamos. E não é, entre tantos e tão

grandes títulos ou feições que lhe relevam a insigne personalidade, a de escriptor, propriamente dito, a menor e de menos intenso brilho.

Tiremos de nós a faculdade de um juizo pessoal, haurido directamente na leitura de suas poesias e demais trabalhos literarios, e entreguemos a missão de julgador áquelle que, com pena de oiro e estilo de arminho e purpura, lhe fez a elle, perante a Academia Real das Sciencias de Lisboa, aos 15 de março, de 1877, o elogio historico. Unem-se ahi duas grandezas: a da projecção polymorphica de uma personalidade, guiando, illuminando e conduzindo um povo ás conquistas dos seus ideaes de liberdade, e a da eloquencia, que encanta e arrebatá, inflamma e enleva, assombra e atordoa. Dir-se-ia que para os feitos, nome e gloria de um *José Bonifacio*, só o sublime, o fasto, o magnifico do estilo de um Latino.

Vejamos como lhe desfiam ao longo do cantante panegyrico as perolas do seu estilo. «*Bonifacio* era ao mesmo passo um pensador, profundamente iniciado na sciencia do seu tempo, um poeta por vezes varonil, sempre correcto, e um espirito versado largamente nas antigas e modernas literaturas. Das letras classicas, hoje tão desamparadas de cultura em Portugal e no Brasil, injustamente havidas por avessas ao positivo saber dos nossos tempos, patenteiam os escriptos do grande mineralogista a sua boa e copiosa erudição. Bastariam como irrecusavel testemunho as regras, que num seu discurso academico estatue discretamente, para que, trasladados ás modernas linguagens os escriptores da antiguidade, conservem na versão o estilo e a graça do original. Bastariam as elegantes paginas, onde o eruditissimo philologo, em substancial é rapido painel, bosqueja em traços vigorosos a historia intellectual desde as primitivas civilizações até os principios do seculo presente. Deste seu empenho em cultivar a antiga literatura é documento o escripto valioso, em que *Andrada* se

propunha explanar a *Historia Natural de Plinio*, e de que dá conta á Academia em um dos seus publicos discursos annuaes. Versava principalmente aquelle trabalho de philologia e de sciencia na douta commenção dos cinco ultimos livros, em que o romano compilador trata da mineralogia e da arte metallurgica entre os antigos. Na primeira entre as memorias de que deveria compagnar-se esse tratado, extractava e traduzia do livro XXXII o sabio naturalista o que era conveniente ao seu proposito, illustrando com philologicas e criticas annotações o parallelo entre a sciencia dos antigos e a moderna comprehensão do reino mineral. Das novas literaturas é *Andrada* erudito apreciador. Shakespeare é lhe tão familiar como o Dante ou o Camões. (*El. Acad.*, p. 29.)

Vivia o grande homem no trato assiduo com os classicos na nossa lingua, que os sabia distinguir, e apontar os de maior autoridade. Entendia onze linguas, das quaes falava seis. Numa das *Cartas Andradinas*, aconselhava a um amigo que queria traçar um quadro de historia literaria, além de outros subsidios, «e mais que tudo, a lição do immortal Camões e de outros poetas do seu tempo, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, Jeronymo Corte Real, Fernão Alvares de Brito, Sá de Miranda e Francisco Rodrigues Lobo, que apesar de não terem a belleza de Camões, teem muita cousa boa e conservaram o genio da lingua e a graça de estilo; entre os historiadores do seculo de 1500 e principios de 1800, merecem ser lidas as *Decadas* de João de Barros, os *Commentarios* de Albuquerque a *Vida de S. Francisco Xavier* por Lucena, Fernão Mendes Pinto, Antonio de Castilho, e sobre todos a *Historia de S. Domingos*, e a *Vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres*, que, apesar da mesquinhez do assumpto, não teem rivaes modernos quanto á belleza do estilo e a pureza da lingua; como oradores e moralistas teem muito merecimento Fr. Heitor Pinto,

Fr. Amador Arráiz, Paiva de Andrade e Fr. João de Ceita; e do seculo 1600 o pasmoso Padre Antonio Vieira, que é um grande mestre da nossa lingua e tem muita viveza de espirito, apesar de algum gosto de agudezas. Todos estes escriptores, ou a maior parte, se acham, como creio, na Bibliotheca Real de Paris. Entre os modernos merecem ser lidas as obras do Padre Theodoro de Almeida, do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, varios sermões, entre os quaes teem merecimento alguns do Padre José Agostinho de Macedo. Entre os poetas modernos teem bellas coizas o Garção, José Basilio da Gama e Diniz, Tolentino, Francisco Manoel do Nascimento, os dois Alvarengas, Brasileiros, as lyras de Dirceu de Gonzaga, Domingos Maximiano Pires, Bocage em certas peças, etc. Esqueci-me de recommendar entre os Autores do principio do seculo 16º: *As Saudades* de Bernardim Ribeiro e os dois Romances de cavallaria, o *Palmeirim de Inglaterra* de Vasco de Lobeira, e o *Clarimundo* do celebre historiador João de Barros; e do tempo do ultimo Felippe — as obras de d. Francisco Manoel (p. 12.)

Citação é esta que patenteia a erudição classica de *José Bonifacio*, largamente por elle revelada nas vigorosas paginas de prosa e nos seus versos harmoniosos, em dicção castiça, escorreita e pura. Nelle as formas classicas da poesia portugueza tiveram um insigne continuador.

Na frente, potente, desse homem, por todos os titulos notavel, não reluz apenas a coroa immortal do estadista da *Independencia*. Homem de sciencia, verdadeiro sabio, de cuja cultura deixou copiosa documentação; poeta imaginoso, elevado nas idéas, de suavissima doçura e rigorosa metrificacão, foi tambem cultor devotado de sua lingua, escriptor elegante, correcto e modelar.

Juntando em volume as suas producções literarias, se não todas, mas a maioria dellas, ter-se ha

uma silva de leitura deliciosa, em que os labores da forma se entremesclam ás excellencias de subtil, viva inflammada e fecunda imaginação.

Por incompletas e deficientes as que existem, parece-nos andar por fazer a bibliographia integral das suas obras. Tentaremos esboçar a referente aos seus trabalhos de natureza literaria. Deixando de parte as suas muitas memorias scientificas, acham-se publicados :

— *Discursos historicos*, proferidos na Academia de Lisboa, nos annos de 1813 a 1819. Publicados na Hist. e Mem. da Acad.

— *A Primavera*. Idyllio traduzido do grego em portugûes. Lisboa, 1816. Reproduzido no Parnaso Brasileiro, de Januario Barcosa, caderno 4º p. 51.

— *Representação* sobre a escravatura, Paris, 1825. Possuimos outra edição feita aqui no Rio, em 1840.

— *Poesias Avulsas de Americo Elysio*. Bordéus, 1825. Teve 2ª edição augmentada de outras poesias e de um esboço biographico, Rio, Laemmert, 1861.

— *Ode aos gregos*. Mem. da Academia. Reproduzida no Parnaso Brasileiro, cad. 4º p. 22.

— *Elogio* da Sra. D. Maria, recitado na Academia em 1817. Rio, Typ. Paula Brito, 1839. Teve 2ª ed. em 1857.

— *Manifesto* do G.: O.: B.: etc. Rio, Typ. Austral, 1837.

Ainda podem ser enumerados :

— *Apontamentos* para a civilização dos Indios bravos do Imperio do Brasil, Rio, 1823.

— Necessidade de uma Academia de Agricultura no Brasil. Trabalho pela 1ª vez publicado na Revista Popular, tomo 16º, 1862, pag. 290.

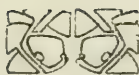
— *Testamento*. Idem. Revista Popular, tomo 12. p. 279.

— *Representação* ao Principe Regente, do governo, camara, clero, e povo de S. Paulo, etc. Rio, 1822. Reproduzida no Brasil Historico, de Mello Moraes, pae, n. 31, 1864.

Citaremos como cabivel nesta relação, o Capitulo I — Da necessidade do plantio dos Bosques em geral, e suas utilidades — da sua *Memoria* sobre o mesmo assumpto. Lisboa, Anno 1815.

— *Cartas Andradinas*. Rio. 1890.

Alguns destes trabalhos são hoje rarissimos.



Seculo XIX

PRIMEIRA METADE

Januario Barbosa
Monte Alverne
Romualdo de Seixas
Odorico Mendes
Sotero dos Reis
Porto-alegre
J. Caetano da Silva
Velho da Silva
João Francisco Lisbôa



Januario Barbosa



JANUARIO DA CUNHA BAREOSA

(RIO, 1780-1846)

Tinha *Araújo Porto-alegre* o dom sobrenatural da inspiração: a penna empunhasse ou manejasse o pincel, tudo quanto produziu a sua intelligencia, versos, artigos, folhetins, critica, discursos, panegyricos, elogios, poemas, dramas e quadros, vinha esculpido em lavor esmeradamente artistico.

Num dos seus elogios annuaes, recitados no Instituto Historico, ao enaltecer os meritos de *Januario da Cunha Barbosa*, vêde como se lhe amolda o estilo ás pompas e galas da imaginação.

E' breve o quadro, mas a arte de orar e a ductilidade verbal ahi se sublimaram. Dir-se-ia que o artista, a um tempo, tomara a si preparar o pedestal para sobre elle já deixar modelada a figura com o exacto relevo do merecimento.

Fala *Porto-alegre* aos seus consocios do Instituto do vulto venerando do seu presidente e o emmolda em frases que valem por engaste de lavor numa coroa triumphal: «No apostolado das letras o seu fervor foi como a traita do condor; majestosa, progressiva e igual, desde o seu começo até a sepultura. Nenhum braço, lavado nas aguas melodiosas do Carioca, roteou esta terra com mais afinco e procurou semear nella idéas civilizadoras, elementos grandiosos. Os

annos, á proporção que lhe podavam o brilho da juventude, pareciam roborar sua actividade, e alentar seu nobre fanatismo pelas letras da patria: parecia que cada ruga, que o tempo burilava na sua fronte, era a inscripção de um monumento que elle erigia á gloria do Brasil». (Rev. do Inst. t., 4. p. 151).

Depois disto, nenhum discurso, panegyrico ou loa em louvor dos meritos do insigne brasileiro, equivale, na justeza dos conceitos, na polidez do dizer, no acerto dos juizos, no senso da critica, no criterio das conclusões e na elegancia do estilo, ao elogio que delle fez, perante tambem o Instituto Historico, o dr. *Francisco de Paula Menezes*.

Essa oração magistral põe em notavel relevo a personalidade do prosador versadissimo nos segredos da nossa formosa lingua. «O que ha para admirar com toda a justiça no illustrado conego Januario da Cunha Barbosa», diz o dr. *Paula Menezes*, «é, sem duvida a correcção e pureza do estilo ; são os seus vigorosos esforços para depurar a lingua dos vicios que uma educação descuidada tinha deixado medrar com toda a largueza.» Verdadeiro philologo, fizera a sua educação no trato dos classicos, e as suas traducções são modelos de segurança de estilo e linguagem.

Fora trabalhador que não sentia fadigas em pro do engrandecimento da literatura. Actuou na tribuna e na cathedra, evangelizou no jornalismo, batalhou como vernaculista, investigou e esclareceu como biographo, esmaltando toda essa multiplice actividade com as refulgencias do poeta.

Mais de quatrocentos sermões deixou a fecundidade do seu espantoso engenho, muitas dos quaes são hoje ignorados e quiçá lamentavelmente perdidos. Do que produziu somente conhecemos o que nos indicam *Innocencio s Sacramento Blake*, e mais o que se nos depara na *Revista do Instituto*, na *Minerva Brasiliense*, no *Auxiliador*, no *Diario do Governo*, no *Ostensor Brasileiro* e outras revistas.

O seu poema *Nicteroy*, no qual tão bem sabe pintar os nossos homens e as bellezas nativas, basta para engrandecer o artista do verso. Poder-se-ia applicar-lhe o que ahi de outrem diz :

«..... Um sabio.....
..... Da patria amigo...
.....seu nome
Na lembrança dos bons fulgura e vive.»

Cantando-lhe a eloquencia e o saber, escreve
Joaquim Norberto :

« E' elle ! Eu lhe ouço ainda
De seus labios trovejar
A dicção tão pulchra e linda,
Dando vida a seu pensar.

E' elle ! — Na sua frente
Serena agora transluz
Coroa, que antigamente
Foi de espirito, e hoje é de luz.»

Se para o incluirmos entre os classicos não fossem bastantes as autoridades já invocadas, em outras nos poderíamos estribar. Basta a de *Ramiz Galvão*, que, não considerando o talento oratorio de *Januario* á mesma altura do de *Sousa Caldas*, *Francisco de S. Carlos*, fr. *Jesus Sampaio* e *Monte Alverne*, distingue, porém, nos sermões «dicção correcta, pura e castigada», «estilo simples e elegante, raramente guindado e sublime». «Muito applicado e até versadissimo no estudo da lingua vernacula, falava uma lingua correcta e pura, como não é hoje commum.» (O Pulp. no Brasil, p. 167 e 193).

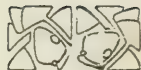
Infelizmente o muito que produziu o incansavel compatriota não se acha em livros. Apenas logramos conhecer o que se segue :

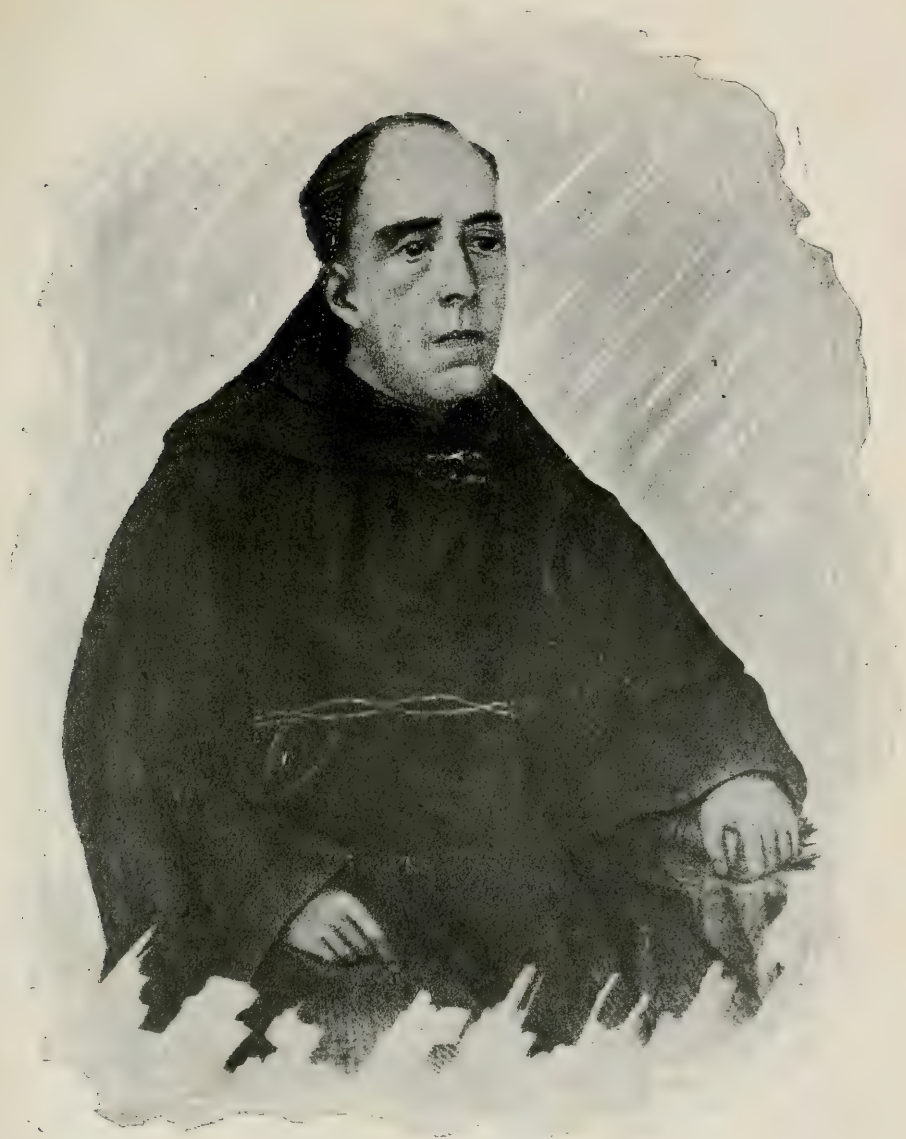
Sermão na solennidade da sagração do exm. e rev. sr. d. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, etc, recitado em 24 de maio de 1840. Rio, 1840.

Nicteroy. Metamorphose do Rio de Janeiro. Londres, 1822, Edição rarissima.

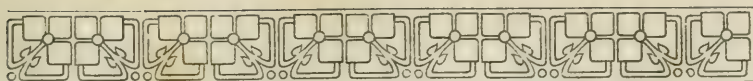
Parnaso Brasileiro, ou Collecção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto ineditas, como já impressas. Tomo I. Rio de Janeiro, 1829.

Esta curiosa e estimavel collectanea contem trabalhos de bons poetas antigos, os quaes estariam certamente perdidos se não tivessem nella sido conservados. Entre outros poetas ahi figuram os *Alvarengas*, *Basilio da Gama*, *Eloy Ottoni*, *Claudio Manoel da Costa*, *José Bonifacio*, o velho, e *Sousa Caldas*.





Frei Francisco de Monte Alverne



MONTE ALVERNE

(RIO, 1784-1858)

Se houveramos de traçar estas breves linhas, cedendo a alheias sugestões, não incluiríamos certamente a *Monte Alverne* na lista dos escriptores que por classicos devem ser tidos, porque criticos houve que lhe acoimaram a linguagem de, não raro, incerta da segurança vernacula.

Lembramo-nos que foi o visconde de *Araguaya* quem notara que os sermões do grande prégador nem sempre são modelos de castiça linguagem, que elle ás vezes sacrificava á novidade da frase. Por seu turno, o conego *Fernandes Pinheiro* observara que «não lhe permittia a rapidez da composição limar sempre a frase, dando-lhe o contorno inteiramente portugûes, e por isso aqui e acolá se encontram alguns gallicismos perigosos á mocidade, por partirem de tão eximio mestre, e esmaltados pela pompa de sua luxuosa dicção.» Tambem *Ramiz Galvão* assim opinara: «Monte Alverne abusara do ornato e não foi impecavel na linguagem.»

Dissentimos destes votos. Ao exagero que encerram oppõem-se os quatro tomos das obras oratorias do padre mestre brasileiro, nas quaes se depara á lingua um thesouro opimo não só de elegancia, fluen-

cia e vigor do frasear, senão de correcção, ductilidade e precisão de linguagem. Convirá notar que *Fernandes Pinheiro* e *Gonçalves de Magalhães* foram sem contestação grandes individualidades, opulentos escriptores e benemeritos servidores das letras, mas no tocante á vernaculidade se revelaram assaz desamorrados da sua lingua.

Não fôra *Monte Alverne* sómente o principe da eloquencia sagrada : esse grande homem, pelos dotes extraordinarios do seu robusto engenho, condensou toda a cultura mental da sua época. Diremos com *Joaquim Manoel de Macedo* (Rev. do Inst. Hist. tomo 17) que elle, «o mestre de tantos mestres, está acima dos elogios que poderíamos fazer á sua obra : a impressão que ella produziu no espirito publico já assellou o seu merito ; ninguem houve que não admirasse a frase castigada, o estilo correcto, a inspiração nunca amortecida, a illustração sempre abundante, a propriedade e o brilhantismo das imagens, a argumentação energica do grande prégador brasileiro, ninguem houve que não se deixasse prender á sua eloquencia arrebatadora, que ás vezes inflamma como o raio, ás vezes suaviza como o orvalho matutino, e acaba sempre por accender a esperanza em nossa alma e entornar a fé em nosso coração ; ninguem houve finalmente que, ao ler as obras oratorias de frei Francisco de Monte Alverne, não conversasse ao mesmo tempo com um padre sabio, um philosopho profundo e com um poeta inspirado.»

Das varias feições da sua cultura não era a litteraria a menos notavel. Em regra, porém, por mais sedimentada que esta seja, não conta em si o escriptor a infallibilidade no escrever. Não ha escriptor impecavel. Os deslises, descuidos, inadvertencias, impurezas, falhas e erros lhe escorrem da penna com a facilidade com que se obram e patenteiam as coisas inevitaveis.

A probabilidade de ser fallivel cresce necessariamente na linguagem que, como a de *Monte Alverne*,

só se inspira nas ardencias de vivaz eloquencia do orador que passou a vida a derramar do alto do pulpito torrentes de luz intensissima e que só viveu da palavra. Destarte, em si mesma incerta da segurança e ao impulso dos surtos do improviso, a linguagem pode revelar-se, e naturalmente se revela, pecaminosa.

Porque o poeta abusa das liberdades da metrica e, por isso, claudica, não deve dahi inferir-se que a sua linguagem perde os fóros de lidima, castiça, e pura. Assim o orador. Não raro quando o envolve o turbilhão das imagens e a palavra lá se vae nos vãos da fantasia, a linguagem pode vir a sentir as consequencias de taes situações, sem que, no entanto, se desvista dos moldes da vernaculidade. E' o que se observa na obra de *Monte Alverne*.

Advirta-se que foi elle proprio o primeiro em ter a visão desses eclipses. E antes que lhos censurassem, os arguiu e preveniu. São os gallicismos, porventura, as nodoas mais communs, e disso não se desapercebeu, apontando as verdadeiras causas da invasão peregrina.

«A metropole, diz elle, não queria homens sabios nas suas colonias: era á custa de esforços inauditos que os brasileiros podiam distinguir-se. Restava um meio facil de promover o nosso adeantamento, o estudo da lingua francesa... Havia, porém, neste estudo, um grande inconveniente, e era a corrupção da lingua portuguesas... Os gallicismos, os termos menos apropriados e as frases menos correctas deviam necessariamente desfigurar a belleza das nossas produções. Compondo os meus sermões, nunca fui embarçado com as formas de que devia revestir o meu estilo. Sabia com Montesquieu ser impossivel realizar alguma coisa de importante, desde que fosse mister levar á balança nossos pensamentos. Quando, pois, eu tinha de exprimir uma idéa, empregava na sua traducção o termo que me parecia mais significativo ou

mais sonoro, sem curar de sua precisão e mesmo de sua existencia. Era certamente um grande mal em ordem á literatura; era um grande defeito; mas a idéa apparecia com as suas côres fortes e originaes; o prestigio da pronunciação conseguia o resto.» (Disc. Prelim. — *Obras Orat.*, tom. V).

Na mesma pagina em que allude ás causas determinantes dos gallicismos, deixa que se lhe escapem alguns, como para mostrar, intencionalmente, que não é facil o forrarmo-nos a tão impertinentes invasores. O culto espirito do grande orador, porém, não podia ignorar a impropriedade ou impureza vernacula de construcções alheias á indole da sua lingua, que elle tanto sublimara, de modo que o depararem-se-nos, de quando em quando, nos seus seus innumeraveis sermões, especimes daquelle teor, fundamento não é para o considerarmos incorrecto e lhe negarmos, a elle, que tão magistral obra nos legou, direito a entrar no grupo dos escriptores exemplares.

Se, porventura, no julgamento dos meritos litterarios, prevalecesse tal fundamento, seriamos levados a ter por incorrecto a *Camillo Castello Branco*, em cuja linguagem se contam por dezenas os mais intolleraveis estranjeirismos; incorrecto seria *Almeida Garrett*, de nós oraculo reverenciado; incorrectos seriam *Machado de Assis*, *João Lisboa*, *Gonçalves Dias*, *Odorico Mendes*; incorrectos seriam *Laet* e *João Ribeiro*, que, todos, mestres incontestados, teem abusado de taes liberdades. O virus do gallicismo é de tal feição contagioso e de tamanho dominio, que se não livram d'elle nem até os que vivem a lutar e bater-se, afadigando-se e tressuando, em prol das tradições de legitimidade e pureza do idioma. Occorre-nos o nome de conhecido professor, a quem já chamaram o jardineiro da linguagem. Abra-se a segunda edição do seu livro «*Novos Estudos*», na pagina 543. Ahi, repetindo a opinião de *Leite Vasconcellos*, condemna o autor a palavra *fornecer*, no sentido de *ministrar*, por

gallicismo incontestavel. No entanto, logo na terceira linha do capitulo I do mesmo livro, usa daquelle vocabulo com o significado que reprova: «Um dos muitos frequentadores do consultorio que o prof. Candido Lago abre aos domingos nas columnas do «Correio da Manhã», e onde *fornece receitas* para toda casta de aleijões grammaticaes...» Do mesmo autor outros exemplos poderiam ser aqui dados.

E seria isso motivo bastante para considerar impuro ou incorrecto o philologo que presentemente mais se preocupa das minucias da lingua, ciscando-as, exhibindo-as e condemnando-as?

A linguagem de *Monte Alverne*, não obstante as negligencias, como as ha em toda linguagem, sem exceptuar a dos grandes mestres, ostenta o cunho accentuadamente vernaculo. Não lhe faltam os requisitos da boa construcção portuguesa. A sua portentosa imaginação é que, de quando em quando, nos seus excessos, a revestia de termos peregrinos e singular frasear.

Teve o insigne prégador innumeraveis testemunhos de admiração. Do maior prosador português dos tempos modernos, *Castilho Antonio*, recebeu, no estudo que lhe consagrou nas paginas da «Revista Contemporanea», os maiores elogios que podem ser endereçados a um homem de letras, e acêrca do qual traçou *Pinheiro Chagas* estas formosas linhas: — «A sua biographia foi escripta em Portugal por um homem que bem podia compreender a magia do estilo do Sacerdote brasileiro, porque era tambem um mestre em riqueza e vernaculidade de linguagem, como o drama final da existencia do grande homem, porque era cêgo como elle. Esse biographo foi visconde de Castilho. O Chrysostomo do Brasil, o orador de boca de ouro teve em paginas de ouro tambem o seu panegyrico sublime.»

A' autoridade do grande orador recorreu *Caldas Aulete* para documentar o seu dictionario.

De monsenhor *Pinto de Campos* teve este remate: « — A palavra pertencia a Monte Alverne, como o marmore a Miguel Angelo, o colorido a Rubens e a harmonia a Beethoven.»

«Quando o viam cego e curvado», escreveu alguém, «caminhando pela mão de um conductor amigo, os velhos o mostravam com orgulho, ostentando os prodigios do seu tempo; o povo apontava para elle, e dizia: — é o sabio! e a mocidade das academias, a mocidade estudiosa, os professores que tinham sido seus discipulos, os homens de letras, enfim, descobriam-se instinctivamente deante d'elle, e diziam: — é o mestre!»

Para *Araujo Porto-alegre* o grande brasileiro era já um nome que vagava entre nós como a sombra de um gigante. «Pulpito, templo e elle formavam uma só massa, uma só figura, um gigante, que, elevado a uma esphera superior, dominando todas as intelligencias que o escutavam, parecia desprender dos labios uma aurora de harmonias, um lume ainda não admirado. A geração que o escutava, na immobilitade da sua admiração, como que se achava aniquilada deante daquellas proporções gigantescas, daquella voz radiante, exhumada da obscuridade do claustro, e offerecida ao sol da intelligencia como um primor de Phidias recuperado, como outrora Laocoon, deante do qual a multidão de artistas do seculo de Leão X parecia desanimada. Donde veio, pois, este homem que com a sua palavra sómente nos amesquinha, nos atrophia e nos faz ser uma familia de pigmeus? Aonde foi elle buscar o segredo de tantos prodigios? Em si mesmo, na fonte inesgotavel da inspiração, na força da sua fé, na pratica de suas virtudes! O seu gesto era a estatua do pensamento que o animava, as suas mãos falavam e escreviam, a sua voz concutia todos os corações! E porque este homem extraordinario, esta força civilizadora, esta palavra viva, este cego acenava com tanto acerto, com tanta propriedade, com tanta graça,

com tanta firmeza, como se a luz lhe abrisse o grande scenario que o rodeava e o fizesse saborear os loiros dessa nova conquista ? (1) Porque nas alturas a que se elevara ninguem o viu vacillar, titubear, e antes conculcar o chão do pulpito com aquella segurança do sagitario, com a destreza do gladiador e com o denodo do athleta ? Porque elle via com os olhos de Homero.»

Se de mais testemunhos houveramos mister, em abono do escriptor, ahi temos o voto autorizadissimo do nosso *João Ribeiro*, nome que reune á sua profunda cultura philologica, a qualidade de prosador emérito. *Monte Alverne*, diz elle, «distingue-se pela correcção e pureza da linguagem».

Contam-se da franqueza de seu genio e character curiosos episodios, entre os quaes lembramos o seguinte :

Houvera Pedro I prometido nomear o padre mestre *Francisco de Sampaio* bispo de S. Paulo. Por intervenção da marquesa de Santos, porém, dera o bispado a outro padre. Indo em visita o imperador ao convento, no dia de S. Francisco, *Sampaio* saiu da cela para receber e cumprimentar o monarca. *Monte Alverne* inquiriu do padre: Aonde vaes ? Lembra-te que és *Sampaio*, o grande *Sampaio*, e não desças do capitolio ás gemonias dos criminosos. Volta, *Sampaio*, volta para companhia dos teus livros, que foram os que te ajudaram a ser grande.» E os dois recolheram-se á cela sem falarem com Pedro I.

A vida fecunda e gloriosa do franciscano tem sido longamente estudada por pennas amestradas. Entre esses estudos, indicaremos ao leitor, além dos que acima foram referidos, os de *Fernandes Pinheiro*, *Joaquim Manoel de Macedo* e *Domingos José Gon-*

(1) Descreve Porto-alegre o sermão que, na festa de S. Pedro de Alcantara, prégara M. Alverne, dezoito annos depois de ter deixado o pulpito.

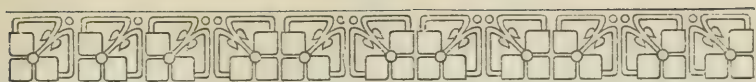
çalves de Magalhães, respectivamente nos tomos 33, 21 e 45 da «Revista do Instituto Historico»; de *Thomas Alves Junior*, na «Galeria dos Brasileiros Illustres»; de *Moreira de Azevedo*, no «Pequeno Panorama»; de *Silva Tullio*, no «Archivo Pitoresco»; de monsenhor *Pinto de Campos*, no «Correio Mercantil»; de *Fernandes Pinheiro* (outro estudo) no «Guanabara»; de *Camara Bittencourt*, como introdução ao opusculo «Trabalhos Oratorios e Literarios de fr. Francisco de Monte Alverne»; de *Sacramento Blake e Innocencio*, nos seus respectivos dictionarios bibliographicos; e, por fim, o magistral estudo que o padre *Arthur Cesar da Rocha* estampou no livro recentemente publicado — *A Provincia Franciscana da Immaculada Conceição do Brasil*. Petropolis, 1922.

Os trabalhos oratorios de *Monte Alverne* estão reunidos em 4 volumes e publicados pela livraria de Eduardo e Henrique Laemmert em 1853. Deixou-nos tambem *Monte Alverne* um Compendio de *Philosophia*, que veio a lume em 1859.





Romualdo de Seixas



ROMUALDO DE SEIXAS

(PARA. 1787—1860)

O nome deste eminente prelado, como o de *Monte Alverne*, envolve-se nas refrações da celebridade que para sempre ha-de ligá-lo ás tradições gloriosas da intelligencia e cultura nacionaes. A sua vida, vida de santo e de sabio, enche toda uma epoca de esplendor, não só da obra escripta que nos legou, senão tambem da acção social e moral que, como expoente da igreja brasileira, lhe coube superiormente exercer. A quem porventura não na conheça, mas queira fazer della precisa idéa, em todos os seus elevados aspectos, indicariamos por melhores fontes — as *Memorias*, (por elle proprio escriptas) publicadas nesta cidade em 1861; a *Introducção* das suas Obras Completas (Bahia, 1876) da lavra do padre *Romualdo Maria de Seixas Barroso*; a *Biographia* do Marquês de Santa Cruz, escripta pelo dr. *Francisco Manoel Raposo de Almeida*, publicada na «Galeria dos Bristleiros Illustres»; o *estudo* que no «Roteiro dos Bispos do Brasil» lhe consagrou o padre *Carlos Augusto Peixoto de Alencar* (Ceará, 1864); o *Anno Biographico*, de *Joaquim Manoel de Macedo*; o *estudo* do conego *Fernandes Pinheiro*, no tomo XXIV da Revista do Instituto Historico; o do padre *J. J.*

Fonseca Lima, nas citadas *Memorias* do Marquês de Santa Cruz, e os dictionarios bibliographicos de *Innocencio* e *Blake*.

Com esses elementos, poder-se ha formar conceito exacto do subido valor desse homem, que em tudo foi grande: grande prelado, grande chefe da igreja, grande administrador, grande parlamentar, e homem verdadeiramente bom e virtuoso. Se na sua cabeça habitara o genio, como o disse o padre *Fonseca Lima*, no seu eoração rescendiam os effluvios e perfume da bondade. «Ninguem lhe pediu favor ou conselho que lhe não ficasse grato. Muitas vezes seus beneficios, seu gosto de servir antecipavam o pedido. Amavel sem deixar de ser grave, sua physionomia respeitavel e insinuante traduzia o ascendente do virtude e da autoridade. Nunca a ira ou o odio perturbou o seu espirito; nunca a offensa recebida lhe alterou a serenidade do rosto. Sempre prompto a esquecer a injuria, sentia prazer indefinivel no perdão». O povo chamava-lhe pastor, amigo, pae e bemfeitor. Fôra isso, para a sua modestia, para a sua simplicidade, para a sua bondade, para a sua alma compassiva e caridosa, a mais bella coroa que lhe cingira a fronte.

Igual ao parlamentar, igual ao administrador, igual ao prelado eximio fôra o escriptor. «Como a vida do homem de letras está sobretudo em suas obras», nas que lhe saíram da penna é onde justamente se nos depara a comprovação de que *como escriptor é exemplarissimo*, segundo já dissera *João Ribeiro* no seu livro *Autores Contemporaneos*.

Lêem-se os trabalhos de *Romualdo de Seixas*, os quaes correm mundo com titulos de estudos, pastoraes, memorias, discursos parlamentares, representações e pareceres, com especial agrado pela segurança vernacula com que são escriptos. Notam-se-lhes, reunidas e invariaveis, as qualidades fundamentaes de linguagem correcta, ou da boa prosa portugueza. Não lhes desconhecera os seus melhores criticos e

biographos. Emquanto falarmos no mundo a lingua de Camões, escreve o padre dr. *Romualdo Maria*, serão compulsadas com vantagem as obras do Sr. D. Romualdo, lidas, admiradas essas paginas matizadas de profusas elegancias.

As materias que pareciam aridas, escreve o dr. *Francisco de Almeida*, elle as tornou amenas pela dicção ; as doutrinas que pareciam profundas e transcendentis, elle as tornou accessiveis a todas as intelligencias por uma clareza intuitiva... As suas *Pastoraes* lembram as de Massilon, e as suas *Memorias* lembram as confissões de Santo Agostinho. Os seus *Discursos parlamentares* são modelos, que lembram os padres dos concilios ecumenicos. As suas *Representações* ou *Pareceres* são modelos de sabedoria, de prudencia, de circumspecção, mas severos de nobre independencia... No estilo epistolar era S. Paulo ; no estilo narrativo era um dos evangelistas ; no estilo oratorio e no estilo da dialectica lembra os primeiros padres da Igreja. Mas como tudo quanto é sublime, os seus escriptos produzem admiração, não só aos que se occupam da literatura sagrada, mas tambem aos que se consagram á literatura chamada profana... E' por isto que o Sr. D. Romualdo se tornou um dos primeiros sabios da nação, e é hoje um classico, um modelo de linguagem portuguesa, e de doutrina religiosa, philosophica, historica e literaria (Biog. do Marquês de Santa Cruz).

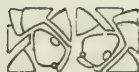
Eis em breves traços o brilho do nome do austero varão, marquês de *Santa Cruz*, 17º arcebispo da Bahia e primaz do Brasil. Da sua vasta bibliographia, aqui faremos algumas indicações :

— *Discursos Parlamentares*, colligidos e publicados pelo presbytero secular *Vicente Maria da Silva*, Bahia, 1836.

— *Pastoraes*, *Representações*, *Memorias*, publicadas em avulsos.

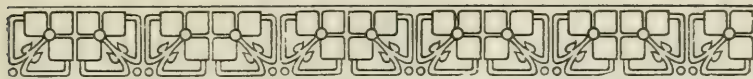
— *Collecção das Obras*, etc., em seis tomos. Pernambuco, 1839, tendo sido o 4.^o tomo dado á luz em 1852, e os dois ultimos em 1858, todos na Bahia.

— *Obras Completas*, etc., dadas á estampa pelo padre *Romualdo M. S. Barroso*, tomo I (discursos sacros). Bahia, 1876.





Odorico Mendes



ODORICO MENDES

(MARANHÃO, 1799—1864)

A vida de *Odorico Mendes* descreveu-a de forma cabal o dr. *Antonio Henriques Leal*, no «Panthéon Maranhense», dado á luz em Lisboa no anno 1873. Della já haviam tratado *João Francisco Lisboa* e *Sotero dos Reis*, conterraneos ambos do notavel maranhense: o primeiro na «Revista Contemporanea de Portugal e Brasil», 4.^o anno, abril de 1862, e o segundo no seu «Curso de Literatura». Desses por muitos titulos valiosos estudos resalta grandiosa a figura singularmente modesto do escriptor, cuja existencia foi uma serie de grandes empenhos em prol do nome de pais e da cultura do idioma vernaculo. De quantas feições, porém, lhe alteavam a individualidade, nenhuma a sobreergue tanto como a do traductor, que o soube ser á moda de *Filinto Elysio* na graça e louçania da frase, e á maneira do grande *Castilho*, seu contemporaneo, no meneio apurado e esmero da vernaculidade.

Do politico, do jornalista, do prosador, do poeta, do philologo, do humanista, muito ficou; nada, porém, com igual importancia e relevo das traducções das obras de *Virgilio* e da *Iliada* de *Homero*.

Constituem estas versões a *opera maxima* de *Odorico*. Julgaram-nas os grandes mestres, como lhes chama *João Francisco Lisboa*, referindo-se a *Borges de Figueiredo*, *Sotero dos Reis* e *Antonio Viale*.

Alludindo *Borges de Figueiredo* á edição da *Eneida* feita em Paris, 1854, á qual se seguiu a de 1858, que compreende as obras do epico latino, não cala a sua grande admiração pela fidelidade com que trasladou *Odorico* em nossa lingua os conceitos, as paixões e os sentimentos de *Virgilio*, chegando a repor, sem diminuição e accrescimo, as suas imagens e muitas das suas figuras. Não vê o critico português no poeta brasileiro o parafrasta, senão o verdadeiro traductor, o que com exactidão rigorosa copia e re-trata, *fidus interpres*, e consegue verter com admiravel clareza varios passos da *Eneida*, com cujo sentido genuino não atinaram illustres commentadores, mas que o eximio traductor pôde alcançar. Das traducções completas das obras de *Virgilio*, assevera *Borges de Figueiredo*, a traducção de *Odorico Mendes* a todas leva a palma.

Não é diverso o julgamento do muito autorizado sr. *Antonio Viale*, de que não nos animamos a fazer nenhum resumo para não descorar o vigor do elogio. «De quantas versões poeticas eu conheço nenhuma faz vantagem a esta em fidelidade, e nenhuma talvez (a não serem as de Solari) a iguala em concisão... Nesta novissima e optima traducção de *Virgilio*, o mais rigido Aristarco rarissimos versos achará que mereçam a censura de pouco claros ou de menos cadentes. Que direi da pureza, propriedade e copia da dicção da Bucolica, Georgica, e *Eneida Portuguesa* do sabio poeta brasileiro, e das excellentes notas de que são seguidas? Estou persuadido de que na sua leitura muito aprenderão os mais eruditos philologos das duas nações que falam a mesma lingua com pouca corrupção quasi latina. Pela minha parte, em beneficio dos meus alumnos no Curso Superior de Letras,

nas minhas prelecções associarei frequentes vezes ao nome immortal do grande vate romano o illustre nome do eximio traductor brasileiro, ponderando-lhes o muito que lhes devem os cultores das musas, e estudiosos amadores da literatura nacional.»

Fala *Sotero dos Reis* :

— «Um comprovinciano nosso, o sr. Odorico Mendes, actualmente em França, tem feito da lingua de Camões, de Ferreira, de Garção, e de Francisco Manoel, ou da linguagem poetica do idioma portugûes, um estudo tão aprofundado, que, neste conhecimento e nos que com elle tem estreita relação, como o da linguagem poetica dos idiomas estranhos, não encontra rival no Brasil, e não sabemos que haja quem o exceda em Portugal nestes ultimos tempos. Desde a mais tenra mocidade cultivamos a preciosa amizade do sr. Odorico Mendes, e sempre o conhecemos dedicado a este genero de estudos, que hoje tem levado a grande apuro e perfeição, como o attestam as suas obras, e com especialidade a traducção da Eneida, com que enriqueceu a nossa literatura, e em que a lingua portuguesa aposta com a latina primores de concisão, clareza, flexibilidade, graça, galhardia, força, riqueza e pompa, senão pela ventura de harmonia e majestade...» Essa traducção, accrescenta o esclarecido philologo maranhense, é indubitavelmente superior a quantas do mesmo poema se tem até hoje publicado em portugûes, as quaes são rasteiras em comparação della, e pode correr parelhas com as mais gabadas feitas em outras linguas. Nem a de João Franco Barreto, que é uma parafrase não poucas vezes feliz, nem as de Lima Leitão e de Barreto Feio, nos dão uma idéa fã ajustada e exacta das bellezas do original, porque nenhuma soube como ella reproduzir ao vivo as suas imagens, figuras, perfeição de estilo,..

Justo é que tambem mencionemos, entre esses votos, o do proprio *João Francisco Lisboa*, que põe

em muito relevo os merecimentos do seu comprovin-
ciano : « — ... os nimamente escrupulosos, que se não
pagam de juizos alheios, não teem muito que exami-
nar a traducção, e as copiosas notas que a acompa-
nham, e onde o poeta, fazendo a apologia dos nota-
dos defeitos de sobejidão de neologismos, de obscuri-
dades, e dureza da versificação, demonstra victoriosamente já a necessidade da adopção dos termos novos que introduziu, já que os mais dos vocabulos de origem latina, que se lhe arguem como innovações, de ha muito tinham fôro de nacionaes, introduzidos e naturalizados por outros grandes mestres ; já finalmente que em certos logares, a aparente dureza da metrificacção, aliás facil de tornear em cadencia especiosa, era mui de industria procurada para verter com toda a energia e propriedade as bellezas do original. Nem ha ahi duvidar da exactidão desta ultima asserção, se attendermos aos innumeraveis versos de uma melodia irrepreensivel que no proprio *Virgilio Brasileiro* delectam o ouvido a cada passo, e que são continuos e quasi sem excepção na traducção das duas tragedias de Voltaire, onde o poeta não tinha que lutar com a concisão do latim, tão difficil de attingir. (Revista Contemp. 4.º)

E' a melhor traducção portugûesa do poema latino, diz *Wolf*, alludindo á Eneida. Não ha duas opiniões especialmente sobre a Eneida, accrescenta *Joaquim Manoel de Macedo*, que é considerada como a mais fiel e perfeita de quantas traducções teem feito Virgilio falar a lingua de Camões (Revist. do Inst. Hist., tomo XXVII, discurso inaugural.) E' tambem no meu humilde entender, escreve *Alves de Sousa*, a melhor de quantas traducções do mavioso poeta latino possuimos em lingua portuguesa. Referindo-se *Innocencio* ao *Virgilio Brasileiro*, diz que ahi se lêem annotações repletas de erudição de toda especie, que manifestam, não só a sua vasta instrucção e o profundo conhecimento do idioma vernaculo, mas justificam o

conceito que delle formam como o escriptor *mais conhecido* entre seus os actuaes contemporaneos de Portugal e Brasil.

Não teve o prosador a fecundidade do poeta-traductor ; mas na linguagem ostentou sempre a mesma segurança, o mesmo apuro e as mesmas excellencias vernaculas. «Cultor apurado e assiduo da lingua que falamos os dois povos irmãos, e um dos primeiros entre os mais abalisados dos seus mestres ; defensor entusiasta da antiga gloria lusitana e admirador ardente e apaixonado de Camões, Ferreira, Moraes, e Nascimento, quem mais que elle merecia lembrado e preconizado ? pergunta *João Lisboa*.

Cifram-se porventura a uma duzia as poesias originaes que nos deixou. E todavia, pelas que alcançamos conhecer, adverte ainda o seu grande biographo, essas poesias deviam de ser de grande merecimento... A patria, a sua gloria, independencia e liberdade, a virtude, a familia, os castos amores, os pesares e amarguras da vida, são o assumpto predilecto desses canticos, onde reina um tom de candura e melancolia serena e resignada, cheio de suavissimos enleios. Linguagem correcta, pura e portuguesa de lei ; estilo simples, mas não sem elevação e decoro ; a versificação facil, branda e harmoniosa, são dotes que os caracterizam em summa grau (Rev. Contemp., id. p. 342).

Se não nos enganamos essas poesias são : — *Hymno é tarde, Pedro II, O Sonho, O meu retiro, O Trio da Guerra da Italia, Epitaphio, A um preso* e mais alguns sonetos.

Os principaes livros impressos deste celebrado autor são :

— *Merope*, Tragedia de Voltaire, traduzida em português. Rio, 1831.

— *Tancredo*, id. id. Rio, 1839.

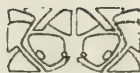
— *Eneida Brasileira*, ou traducção poetica da epopéa de P. Virgilio Maro. Paris, 1854.

— *Virgilio Brasileiro*, ou trad. do poeta latino. Paris, 1858.

— *Opusculo* acerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor. Lisboa, 1860.

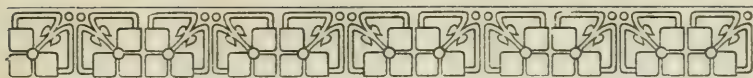
— *Iliada de Homero* em verso português. Editor e revisor, Henrique Alves de Carvalho. Rio, 1874.

Foi feita esta publicação dez annos depois do fallecimento do seu autor.





Sotero



SOTERO DOS REIS

(MARANHÃO, 1800—1871)

E' *Sotero dos Reis*, como lhe chamou *Ruy Barbosa*, mestre entre os mestres. Nos moldes em que aqui estamos a debuxar, em brevissimos traços, a silhuêta dos evangelistas do idioma, não seria mister áquelle illustre maranhense, para incluir-se no catalogo dos escriptores exemplares, outra credencial que a que lhe conceituára quem, pela singular superioridade dos meritos, commanda a legião dos cultores da vernaculidade.

Antes de manifestar-se assim o maior dos nossos escriptores, firmada já estava a reputação do traductor dos *Commentarios de Cesar*. Pobre e de origens humildes, fizera-se mestre de si mesmo ; fizera-se autodidacta que por si se accrescentava em saber sem ter jamais saído da provincia. O grande amor que votava á instrucção levava-o, para attender ás necessidades dos seus innumeraveis discipulos, a elaborar um livro que lhes servisse de guia ; e, com effeito, em 1862 dava á estampa as *Postillas de Grammatica Geral*, applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos, livro de que se fez segunda edição em 1868, assaz melhorada com os accrescentamentos

nella introduzidos e melhor distribuição dos assumptos.

Era o primeiro degrau na carreira ascencional do philologo, que, se, com essas primicias já magistraes, para logo não conquistara gloria definitiva, começára todavia, com ellas a dispôr os primeiros fundamentos da boa fama com que viria cercar-se mais tarde.

Quatro annos depois, em 1866, publicava a *Grammatica Portuguesa* accommodada aos principios geraes da palavra, seguidos da immediata applicação pratica. Desta obra tiraram os filhos do autor Francisco Sotero Junior e Americo Vespucio dos Reis, nova edição, em 1871, revista, annotada e melhorada por Luiz Carlos Pereira de Castro.

Em 1863 iniciara, em fasciculos periodicos, a publicação d'*Os Commentarios* de Caio Julio Cesar, vertidos em portuguez, traducção que concluiu em 1869.

Finalmente, em 1866, dá ao publico o tomo primeiro do *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, professado no Instituto de Humanidades, cujo quinto e ultimo tomo foi publicado em 1873.

As obras de *Sotero* mereceram os maiores applausos dos competentes.

Nas suas *Postillas de Grammatica Geral*, escreve *Antonio Henriques Leal*, de cuja penna foi que saiu a mais completa das biographias do autor, «condensou tudo quanto havia de são e melhor espalhado aqui e ali, ajuntou-lhe o que havia com infatigavel disquisição e longa experiencia joeirado na sua perspicaz intelligencia, e veio offerecer aos estudiosos de ambas as nações, onde se cultiva o idioma portuguez, um guia seguro para com elle caminharem desempeçados pela escabrosa vereda da frase e do periodo da linguagem pura e para cujo desbaste tanto contribuíram Camões, Ferreira, frei Luiz de Sousa, Vieira, Lucena e Garrett. (Panthão Mar. I p.169). Com o seu competente voto no assumpto, exprime-se *Trajano*

Galvão: — «Resumida no volume, porém, grande no alcance literario e scientifico, opulenta dos thesoiros de uma erudição vasta e recondita — subida em leitura mui de espaço e variissima, é vasada nos mais puros e elegantes moldes de estilo terço dos Classicos. Tal é o livro, marcado com o cunho do vigoroso talento do sr. Francisco Sotero dos Reis.»

Alludindo aos *Commentarios* de Cesar, discorre o conselheiro *Antonio Viale*: «A versão portugüesa dos *Commentarios* de Cesar, parece-me dever ser contada no numero dos mais fieis e melhores traducções de classicos latinos de que tenho conhecimento... Sotero tinha restricta obrigação de ser fiel: quis sê-lo, e conseguiu-o perfeitamente... Pelo que diz respeito á dicção, será difficil poder exprobar ao traductor o delicto do lesa-vernaculidade.»

Não lhe é menos favoravel e juizo critico proferido pelo dr. *Joaquim Alves de Sousa*, «homem de muito saber, professor de Coimbra e com justas e merecidos foros de entendido na materia», do qual separamos o seguinte trecho, pertinente ao criterio que preside á feitura deste rapido esboço: — Muito sympathico tambem com o modo de dizer do judicioso autor. Apraz-me sobre maneira aquella perspicuidade, concisão e fluidez, aquella naturalidade, elegancia e numero com que tece os seus escriptos. Bem se vê que é um digno companheiro do illustre Odorico Mendes, e ambos discipulos da nobre escola, a que pertenceram Camões, Garrett, Garção, Filinto, Caldas e outros escriptores insignes e de apurado gosto.»

Merecem aqui relembradas as palavras que ao nosso patricio endereçou a penna magistral e douto do porf. de Coimbra, *Antonio Cardoso Borges de Figueiredo*: «Quando em 1858», diz elle, «li o juizo critico de Francisco Sotero dos Reis sobre a *Traducção da Eneida*, afigurou-se-me ver naquelle breve escripto o dedo de um philologo gigante, de mim ainda desconhecido, por outros, porém, já então assáz louva-

do. Não me enganou a impressão que logo senti. Porque tendo agora, pela liberalidade de um generoso amigo, a fortuna de possuir, dentre os escriptos daquelle distinto professor maranhense (já fallecido) o seu *Curso de Literatura portugueza e brasileira*, assim como as suas *Postillas de Grammatica Geral*, ao ler, posto que *oculo properante*, aquellas obras, ali se me deparou o brilhante vulto de um escriptor insigne em humanidades... E pelo que toca á forma quem não vê a riqueza e copia de sua expressão? Por toda a parte a sua frase se ostenta corrente, casta, agradável e singela; como de quem sabe que este é o estilo mais accommodado aos discursos didacticos. Quando, porem, ou a exposição de certos factos historicos ou apreciação do merecimento dos melhores escriptores demandam elevação de estilo, elle o exalta então com o esplendor devido. Assim varia elle magistralmente a dicção segundo a natureza e qualidades dos objectos conforme os caracteres dos individuos... Aquelles escriptos, porem, não carecem da minha recommendação, ainda que ella possa ter algum pêso. Com mais sentida perda da republica literaria, já não existe a pessoa do eximio escriptor; vive, porém, e viverá sempre seu nome illustre na memoria da posteridade».

Não fôra *Sotero* escriptor immune de deslises da ordem e natureza dos que todos commettem. Como amostra apenas alludimos a sua insegurança no uso da crase. Em regra, craseava o simples prepositivo antes dos verbos, como aqui se vê nestes exemplos, colhidos logo na primeira lição do seu *Curso de Literatura*: «é o campo á percorrer» — «mais habil á preencher» — «chegaremos á fazer» —; ou, nestoutros: «— como á nossos primeiros metaes» — «á sacrificio actuaes» etc.. Em outros casos, no entanto correto saia-lhe o crasear. Aqui, explica *Ruy Barbosa*: «Mas onde não se operar determinação, onde, portanto, não couber o artigo, não se poderá legitimar

a crase. Só á conta de inadvertencia ou casualidade se hão-de levar exemplos como estes: «anterior á todas as linguas» e «á elles, como á nós,» em escriptor da competencia de Sotero (Post. p. VII, XI) que, no mesmo livro assim escreve: «Se, neste caso, sempre se refere a pessoa indeterminada,» e: «Por-que se refere a pessoa determinada». (P. 55 e 59).

Como poeta, feição ephemera e furtiva das manifestações do seu espirito, deixou-nos alguns especímenes, nos quaes são mantidos, como se vê adeante num soneto, as excellencias da sua linguagem simples, natural, elegante e correctá. O poeta para cantar as saudades da companheira extinta, mergulha a fantasia nas fontes camoneanas, e dellas, nos mesmos moldes, com a mesma inspiração, dá-nos esta joia de finissimo labor :

Se lá na eterna gloria a que voaste,
A lembrança do mundo se consente,
Acceita, alma piedosa, a dôr pungente
De tudo quanto aqui idolatraste :

O esposo, a filha, os filhos que deixaste,
Em magua e saudade permanente,
Vivem na terra vida descontente
Dês que as corpóreas vestes tu largaste.

Ao seio de Deus tornas radiante
De virtude e bondade, qual saíste
Immaculada de nascer no instante :

A nós queixosos neste valle triste
Volve-te, como foste, sempre amante,
Porque entre nós só amargura extste.

Compare-o o leitor ao

Alma minha gentil, que te partiste,
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Ceu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente
Não te esqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

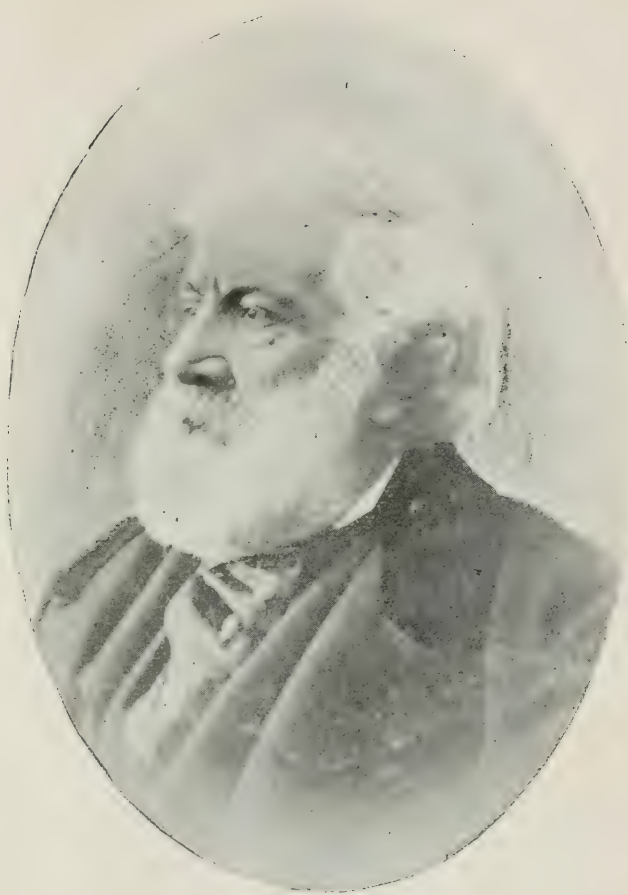
E se vires que póde merecer-te
Algũa cousa a dor que me ficou
Da magoa sem remedio, de perder-te ;

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou. (1)

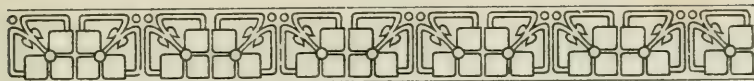
Parece que no primeiro mais sentida e eloquente é a expressão da dor. A melancolia e graça que trescalam aquelles versos, mostram o poeta que poderia *Sotero* vir a ser se se tivesse dado com mais assuidade ao trato das musas.

Varios escriptos seus correm dispersos na imprensa da sua cidade natal. No tomo XIX da «Revista do Instituto Historico» está publicada a biographia de *Eduardo Olympio Machado*, por elle escripta. São paginas literarias de especial sabor vernaculo.

(Traslado das «Obras Completas» de Luiz de Camões, pelo Visconde de Juromenha, v. II.



Porto-alegre



PORTO-ALEGRE

(RIO GRANDE DO SUL, 1810-1873)

Ha meio seculo que desapareceu do mundo a pessoa deste notabilissimo engenho. E quando o tempo acaba uma vida material, fecunda e luminosa como a de *Porto-alegre*, bem é que a perpetúe a gratidão e memoria da posteridade.

Não tiveram nossas artes e letras melhor nem mais ardoroso servidor.

Discipulo de *João Baptista Debret* e, mais tarde, na Europa, do barão de *Gross*, amigo intimo do seu primeiro professor, e amigo de todos os que constituiram a missão artistica franceza; lente da cadeira de pintura historica na Academia Imperial de Bellas Artes (1837), e depois, em 1854, seu director — chegou a ser o mais desvelado Mecenaz da arte brasileira, que só teve protector igual em Pedro II, bastando dizer que o que como pintor produziu e os serviços que, á formação e desenvolvimento do ensino artistico, realmente prestou, chegariam para immortalizar-lhe a fama.

Orador do Instituto Historico, ahi foram igualmente admiraveis não só os frutos da sua intelligencia, como tabem os prodigios da sua actividade. Acham-se felizmente estampados na Revista da-

quelle Instituto as suas eloquentes e magistraes orações. Algumas ha, sob a forma de elogios, que se nos ostentam em tão apurado lavor artistico, que não raro lembra o estilo pindarico, magestoso, magnifico e sublime de *Latino Coelho* e se assemelham com os discursos academicos do orador que, perante a Academia de Lisboa, levantou os mais duradoiros monumentos á gloria immortal de *Camões*, *Humboldt*, *José Bonifacio* e do cardeal *Saraiva*.

Cada trabalho de *Porto-alegre* é revelação de requintado gosto, copiosa erudição e bôa leitura classica ; tão magica é ás vezes, a sua palavra que a facundia do orador chega a nublar o pincel do artista. Dir-se há, porem, que em *Porto-alegre* a força inspiradora do poeta subira mais alto que a força do dizer, no orador, e o elevado, o admiravel, o perspicaz e o fecundo da sua forte mentalidade, do seu poderoso engenho, do seu estro inspiradissimo tiveram por mais alta expressão o poema *Colombo*.

Na sua these de concurso de professor substituto de Rhetorica, Poetica e Literatura Nacional do Imperial Collegio de Pedro II, em 1879, escreveu o dr. *Carlos Ferreira França*, com equilibrado senso critico, estas palavras :

— «Porto-alegre com as *Brasilianas* já se revelára poeta americano; ninguem mais que elle tinha o estro adequado á epopéa, o dizer mais energico e grandiloquo ; possuia imaginação impetuosa e rica ; pintor, tinha-se afeito a contemplar as grandes scenas da natureza para depois reproduzi-las ; era familiar com a historia, onde estudava os factos e a sua philosophia, com a archeologia, á luz da qual perscrutava os segredos do passado ; manejava, emfim, com raro e profundo conhecimento, a lingua portuguesa, tendo o segredo artistico da forma, sempre correcto, e possuindo um vocabulario opulentissimo. Mais de vinte annos gastou em compôr o poema, e dando a lume,

de tempos a tempos, um fragmento, publicou inteira a obra em 1866... O *Colombo* ainda ha-de ser devidamente apreciado ; pesar-se hão um dia suas bellezas e senões ; e então, fazendo-se justiça, se ha de confessar ser elle um bello trabalho cheio de merito e que, apesar de suas imperfeições, occupa distinto logar, merecendo passar aos vindoiros, que melhor do que nós o saberão julgar... O estilo é energico e vigoroso, rico de imagem, pompas e harmonias... A metrificacão do *Colombo* é artisticamente trabalhada, sendo admiravel como em tantos milhares de versos haja tão poucos imperfeitos e mal acabados. A linguagem de que se serve Porto-alegre é pura e castigada, e rico o seu vocabulario. Pena é que, apesar de taes primores haja por vezes abuso de arcaismos, de termos technicos e emprego de palavras que por muito repetidas chegam... a causar tedio... Não fazemos disso grande cabedal, porque grandes genios em igual culpa caíram sem que isso lhes prejudicasse a fama... Se o *Colombo* não tem a côr local, a paixão, a melodia dos *Tymbiras* ; se não tem o interesse nacional, o nativismo da *Confederação* dos Tamoyos, tem grandeza epica superior e assegura a Porto-alegre a mesma gloria que souberam conquistar Gonçalves Dias e Domingos Magalhães». Acrescentaremos que o poema de *Porto-alegre* tem sobre a *Confederação dos Tamoyos* e os *Tymbiras* maior belleza de forma, maior segurança vernacula e maior plasticidade de vocabulario.

Além de pintor, poeta e orador, fôra tambem critico, jornalista, architecto e satirico.

«*Porto-alegre*, diz *Teixeira de Mello*, não só representou um papel conspicuo no mundo artistico, mas tambem figura com honra nas fileiras dos poetas e literatos nacionaes, para cujo mealheiro trouxe varios poemetos de cunho brasileiro, diversas comedias e dramas, muitos artigos em revistas do tempo, o seu majestoso poema *Colombo*, em vinte cantos ; e, como orador do Instituto Historico, honrou a memoria dos

consocios fallecidos em biographias, que por si sós chegavam para um bello livro, escriptas com uma elegancia original, com uma animação de estilo e correcção de phrase taes, que lhes dão uma feição especial e attraente, que não se encontra em outros escriptores do mesmo genero ; parecem antes buriladas em aço do que lançadas sobre o papel.

Foi membro de muitas associações literarias nacionaes e estrangeiras. Antes de exercer o cargo de confiança em que morreu fôra consul geral do Brasil na Saxonia.

Os seus ossos não devem permanecer indefinidamente na terra estrangeira : devem repousar no seio da patria, desta grandiosa terra americana que elle glorificou em seus cantos e a que votava um culto de entusiasmo digno della e delle. A mãe patria os reclama». (Ephem. Nacionaes).

Desfazendo erronea observação de certo critico que via na linguagem do autor do *Colombo* a mania dos termos desusados e esquecidos, o que era muito da linguagem de *Odorico Mendes*, escreveu judiciosamente *Basilio de Magalhães* :

«Ora quanto ao lexico e á fraseologia, não ha entre o epico do *Colombo* e o traductor de *Homero* e *Virgilio* outra affinidade senão a da admiravel cultura grecolatina, por ambos revelada que farte. Nem nas *Brasiliannas*, nem no seu enorme poema, abusou o barão de Santo Angelo do emprego dos arcaismos ; e, arrancando ás mancheias, do thesouro vernaculo o ouro luzidio e a prata de lei, pois que tinha ao seu dispôr tão invejaveis divicias, não andou nunca, como aquelle poeta maranhense, a compor palavras sesquipedaes, neologismos excusados, que, por isso mesmo, não vingaram jamais, nem na corrente literario, nem muito menos na boca do povo, que é o criador real da lingua, no seu dynamismo consciente ou inconsciente.» (M. de Ar. Porto-alegre, p. 41).

A linguagem de *Porto-alegre* correcta, pura, inspirada, culta, polida, por vezes enfatica e sempre harmoniosa, sobretudo revela-se pela opulencia, riqueza e plasticidade do vocabulario...

Util seria que das suas obras se extraissem os termos novos e castiços com que elle tanto exuberou o lexico nacional. Então ser-nos-ia dado verificar que nenhum dos nossos grandes escriptores, com excepção porventura de *Ruy Barbosa*, possue, como elle o genio inventivo de vozes, sem o desagradavel e repulsivo dos neologismos extravagantes.

As suas producções em prosa dispersam-se em innumeraveis revistas literarias e jornaes, entre as quaes nos occorrem a Revista do Instituto Historico, porventura o maior repositorio dellas, Guanabara, Minerva Brasiliense, Revista Popular, Revista Brasileira, Jornal do Commercio, Despertador, Correio Mercantil, Diario do Rio, Jornal dos Debates, Nação, Bibliotheca Brasileira, Nicteroy, Lanterna Magica, Ostensor, Chronica Literaria, Iris Nova, Minerva, etc; e as composições poeticas formam as suas duas obras principaes:

Brasilianas. Vienna, 1863.

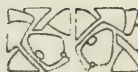
Colombo, poema epico, Rio de Janeiro, Garnier, 1866, 2 tomos.

Os Voluntarios da Patria drama em tres actos. Lisboa, 1877. Informa *Sacramento Blake* que esta foi a sua ultima obra, e é pouco conhecida.

Tudo quanto pudesse interessar ao desenvolvimento e á grandeza do Brasil, preoccupára o espirito de *Porto-alegre* afeito a todo genero de trabalho util e fecundo. Não passou, por isso, despercebido ao seu patriotismo e aos seus sentimentos de homem generoso, bom e liberal o soffrimento inaudito da raça negra escravizada á crueldade de uma vida, tão cheia de dores que tal como se desenrolava a ninguem seria dado descrever. Toda a serie das mais tremendas torturas physicas e angustias moraes soffrera o

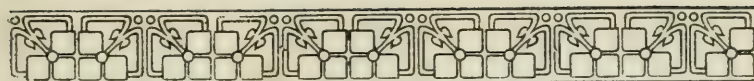
desgraçado a quem a impiedade cruel dos seus semelhantes transformára em besta de roda e carga.

Em 1866 escrevera *Porto-alegre* longa memoria, na qual traçára um plano para a extinção gradual da escravidão entre nós; e poucos annos depois, della extratara um resumo, que endereçou ao Imperador, e em cuja introdução assim fala: «Os delineamentos deste plano politico, economico e social, pôdem ser elevados a uma grande perfeição pelo concurso de alguns varões illustrados, que rodeiam o Throno, e o aconselham com vistas generosas. A idéa está madura, a opinião formada e não é possível recusar depois da iniciativa da *Fala do Throno*; perderíamos tudo perante Deus, nós e o mundo, e chamariamos a continuação da Colera Celeste.»





Joaquim Caetano



JOAQUIM CAETANO DA SILVA

(RIO GRANDE DO SUL, 1810-1873)

Tem-se escripto pouco acerca da vida e obras deste grande brasileiro, que, no entanto, foi dos que mais elevaram e honraram, nos centros cultos da Europa, o nome do nosso país. Lograra enriquecer-se de assombrosa cultura scientifica, ao lado de esmeradissima instrucção litteraria, de que deu provas em trabalhos que são monumentos de saber. Bastaria o livro *L'Oyapock et l' Amazone*, no qual proferiu a ultima palavra em defesa do direito do Brasil na questão *Oyapock*, para firmar-lhe o nome como legitima gloria da nossa nacionalidade.

Soccorremo-nos, nas presentes linhas, da noticia bio-bibliographica que, na sua edição de 28 de fevereiro de 1886, estampou *O Paiz*, e vem transcripta na biographia que de tão distinto compatriota escreveu o dr. *Teideira de Mello*, no tomo 49, parte II, da Revista do Instituto Historico.

Nasceu *Joaquim Caetano* na freguesia do Espirito Santo do Jaguarão, Rio de Grande do Sul, aos 2 de outubro de 1810. Contando apenas 16 annos de idade, foi mandado para França. Em 1829, numa sociedade litteraria fundada para o cultivo de lingua portugue-

sa, por estudantes brasileiros e portugueses, apresentou á consideração dos collegas um trabalho intitulado — *Lista de Quatrocentos e noventa palavras*, que *Moraes* não incluiu no seu Diccionario. Perante a mesma sociedade, que tinha o titulo *Sociedade Literaria Luso-Brasileira de Montpellier*, apresentou novo trabalho, em 1832, com o titulo *Supplemento ao Diccionario de Moraes*, o qual continha mais quatrocentos e tantos vocabulos não apontados por aquelle lexicographo.

Em 1836, com o trabalho intitulado-*Fragment d'une mémoire sur la chute des corps* — alcançou o diploma de membro titular do *Cercle Médical de Montpellier*, de que depois foi secretario. No anno seguinte, na Faculdade Medicina de Montpellier, obteve o grau de doutor em medicina, tendo versado a sua these assumpto de philosophia medica.

Formado, regressou ao Brasil, fixando residencia nesta cidade. Já em 1838 era professor de Grammatica portuguesa, rhetorica e grego do Collegio de Pedro II, passando, no mesmo anno, a reitor deste estabelecimento.

Dotado de genio investigador, censagrou-se ao estudo dos limites do Brasil com a Guyana Francesa. Foi admittido no Instituto Historico, perante o qual, nas sessões de 20 de setembro, 10 e 24 de outubro de 1851, leu extensa memoria acerca daquelles limites, consoante o sentido exacto do art. 8º do Tratado de Utrecht.

Em novembro deste mesmo anno, o Governo Imperial o nomeara Encarregado de Negocios junto ao Governo dos Países Baixos. Em 1854 passara a Consul do Brasil no mesmo reino. Foi então que publicou, em dois grossos volumes, a sua monumental obra — *L'Oyapock et l' Amazone*.

Em 1863 já se encontrava nesta cidade como Inspector geral da Instrucção Publica, nomeado pela então ministro conselheiro *José Bonifacio*. Depois ser-

viu como Director do Archivo Publico, vindo a fallecer, em São Domingos de Nicteroy, em fevereiro de 1873, e sepultou-se no cemiterio de Maruhy. Aqui estão palavras de *Teixeira de Mello*.

«Sobre a sua modesta sepultura repousa o esquecimento do sabio brasileiro, do lexicographo e purista da lingua portuguesa, do hellenista consummado, do incansavel investigador das cousas da patria, do investigador do rio Vicente Pinson — o Oyapock e o Amazonas. Nem sequer a posteridade lhe levantou um altar do templo da Memoria, de sorte que a gloria de brasileiro tão sabio, tão profundo, tão honesto, não reflecte senão nos corações dos seus mais intimos».

Informa-nos ainda *Teixeira de Mello* :

«Da relação inedita das suas obras, que me foi cavalheiramente franqueada pelo nosso digno consocio o sñr. dr. Sacramento Blacke, transcrevo o seguinte que servirá como que de recapitulação dos productos da sua actividade intellectual e do seu patriotismo.

Escreveu o dr. Joaquim Caetano da Silva :

— *Supplemento ao dictionario de Moraes e Silva* apresentado á Sociedade Literaria Luso-Brasileira, criada em Montpellier para instrucção mutua da lingua portuguesa, relação de 490 nomes que haviam escapado a Moraes. Neste supplemento acham-se mencionados esses nomes e mais quatrocentos tirados de outros autores como Garção, Diniz, Francisco Manoel do Nascimento, etc.

O manuscripto desta obra acha-se em poder do sñr. João Antonio de Oliveira genro do autor do *Fragment d'une mémoire sur la chute des corps, présentée au Cercle médical de Montpellier le 11 fevrier 1836*.

— *Quelques idées de philosophie médicale, présentées et publiquement soutenues á la faculté de Médecine de Montpellier le 29 auot 1837, pour obtenir le grade de docteur en médecine.*

— *Memoria sobre os limites do Brasil com a Guyana Francesa conforme o sentido exacto do art. 8.º do Tratado de Utrecht.*—Foi publicada na Revista do Instituto Historico, tomo XIV, de pp. 421 e 512 depois de lida em sessões de 26 de setembro e 10 e 24 de outubro de 1851. Esta memoria foi laureada pelo Instituto. Reproduziu-a o Sr. Mello Moraes na sua *Corographia historica do imperio do Brazil*, como já ficou dito.

— *L' Oyapock et l' Amazone: Question Brésilienne et française. Paris, 1861, 2 vols. in-8.º gr.*

— *Questões americanas.*

«Com este titulo, diz o autor, empreendo apurar varios pontos que Alexandre d'Humbolt deixou indecisos no seu *Exame critico da historia da geographia do novo Continente.*»

A molestia de olhos, que lhe sobreveio por esse tempo e lhe arrebatou a vista, não lhe consentiu que passasse de duas memorias: *Antilia*, publicada na Revista do Instituto tomo XXVI, 1863, pp. 269 a 300; e *Brasil* lida em sessão perante o Instituto: revelam ambas, como pondera o dr. J. M. de Macedo, estudo descommunal; «na ultima, porém, na que trata da origem do nome *Brasil*, que ficou ao Imperio americano, maravilham o criterio, e abysmo de averiguações, e a profunda sciencia que o elevou á orientalista applaudido pelos orientalistas mais celebres da França.»

Grammatica Portuguesa. — Inedita.

Mecanismo da lingua grega. — Idem. «Nesta obra, accrescenta o sñr. dr. Blacke, se revela o autor um perfeito hellenista, segundo me informa pessoa competente, que a viu.»

Existem outros escriptos seus de menor tomo esparsos em revistas, e alguns ineditos. No tomo XV. 1852, da Revista do Instituto vem o seu:

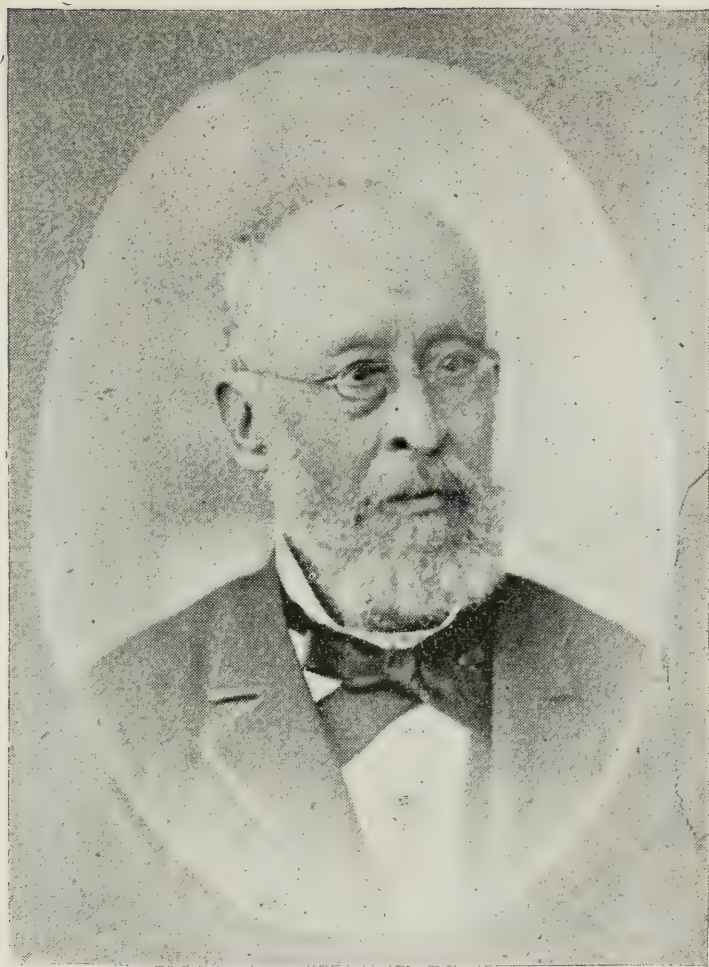
— *Appendice* ao parecer do Sr. Diogo Soares da Silva de Bivar sobre o *Indice chronologico* do sr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.

Neste escripto apresenta o autor quarenta e oito duvidas ás asserções de Diogo de Bivar.

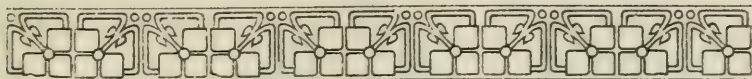
— *Sobre a gravidade*. Publicado no tomo I. pp. 66 a 88 da *Minerva Brasiliense*.

O Oyapock: memoria apresentada á Sociedade de Geographia de Paris. Vem reproduzida na *Revista Popular* (Rio de Janeiro, B. L. Garnier), tomo I pp. 37 a 42, 163 a 167, 224 a 232 e 39 *bis* a 45. (Revista do Inst. Hist., tomo 49, parte 2º).





Velho da Silva



JOSE' MARIA VELHO DA SILVA

(RIO, 1810-1901)

Viveu *José Maria Velho da Silva* noventa annos completos.

Fez-se medico e foi ser clinico em varias localidades da então provincia do Rio de Janeiro. Em Macahé, um dos logares onde permaneceu, redigiu o *Monitor Macahense*, no qual escreveu com assiduidade. E' desse tempo a sua narrativa do naufragio do vapor *Hermes*, de que foi uma das victimas Manoel Antonio de Almeida, autor das *Memorias de um sargento de milicias*, narrativa que fôra transcripta pelo conselheiro *Francisco Octaviano* no *Correio Mercantil*, da Côrte. Foi porventura a primeira e mais auspiciosa revelação das qualidades do escriptor, que do retiro campesino em que vivia, dava de quando em quando mostra dos primores da sua intelligencia, já como poeta, já como prosador. E' tambem desse tempo o magistral ensaio *Ovidio e Casti'ho*, acerca da paráfrase dos *Amores de Ovidio*. Apresentada como memoria de habilitação, pondera *Feliz Ferreira*, esse trabalho ter-lheia certamente aberto as portas de qualquer academia literaria, taes as provas de erudição que dá o critico, do bom gosto, que offerece o literato.» Entre as suas

produções poeticas mais estimaveis, nota-se o *Abdel-Kader*, escripta sob a impressão da literatura contemporanea do acontecimento, e consequentemente cheia de vida e repassada de sentimento, como o são igualmente, a *Morte de D. Pedro V* e o barbaro fuzilamento do infeliz Maximiliano, no Mexico; *Job* é uma poesia biblica magistralmente traçada como soe fazer mão de mestre tão adestrado no manejo do instrumento musico, como afeita, ás formulas especiaes do assumpto.»

Só em 1875, já bem entrado em idade, começou com mais assiduidade a produzir obras literarias. Naquelle anno deu á publicidade o romance *Gabriella*, chronica dos tempos coloniaes, no qual, além do sentimento nativista que o inspira, tem a pureza, correção, propriedade e fluencia do estilo. Antes houvera escripto o poema *Dirceu*, que o deixou inacabado, mas do qual a *Revista Brasileira*, t.3º, 1880, pgs. 410 *usque* 420, publicou o canto terceiro.

Quis o velho literato acabar no magisterio os seus dias, e lá foi empenhar-se nas duras lides de um concurso. Em 1878 conquistara a nomeação de professor de Rhetorica, Poetica e Literatura Nacional do Internato do Collegio de Pedro II.

Entre outras composições suas dessa epoca, mencionaremos as *Lições de Rhetorica*, 1881 e *Homens e Factos* da Historia Patria, em 1895, alem de discursos, relatorios, artigos e poesias avulsas.

A revista *Imprensa Industrial*, de Lino de Almeida, Rio, 1876-77 estampou preciosos trabalhos de de sua lavra: no Volume I — Ovidio e Castilho, p. 7 — 62 — 126 — 190 e 254; Grammatica Historica p. 34; Em um album, poesia, p. 225; A rosa e a flor de laranjeira, poesia, p. 299; Soneto, p. 361; Sonhei, poesia, p. 489 e Poesia dos Hebreus, p. 705. No Volume II — Poesia dos Hebreus, continuações, p. 4 e 76; O Atheu, poesia, p. 39; Incentivos da Eloquencia, p. 145 e Job, canto biblico, p. 647.

Professor de rhetorica, fôra tambem *Velho da Silva* cultor da lingua, alcançando como philologo o bom conceito dos collegas e numerosos discipulos. Em varios concursos da cadeira de Portuguêz, no Collegio de Pedro II fôra o seu nome escolhido para examinador, como succedeu no de 1883, no qual foram concorrentes, entre outros, *Fausto Barreto* e *Silva Ramos*; no de 1885, em que se contavam entre os candidatos os nomes de *Alfredo Gomes* e *Aureliano Pimentel*, e no de 1886, ao qual novamente concorrera *Aureliano*, summidade philologica.

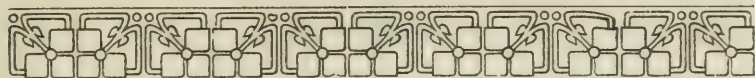
Escreveu *Felipe Ferreira* que o dr. *Velho da Silva*, como escriptor, é uma gloria da patria. Com as seguintes palavras suas pomos remate a estas breves notas :

— «Como poeta. as suas inspiradas producções teem o cunho dessa belleza artistica e impressionavel que revela a espontaneidade e o alto grau de sensibilidade que é o apanagio das almas vasadas nos moldes do bom e do justo; nellas se observa esse primor da forma que só os mestres sabem dar ás suas obras impereciveis, e que são o envelo de quem os admira e o desespero de quem as toma por modelo. Como prosador, ha no seu dizer o sabor do fruto perfeitamente sazonado; a sua linguagem despida de artificio é classica, porque classicos foram os grandes mestres com quem por largos annos conviveu elle, lendo-os, meditando-os, comparando-os entre si com a paciencia do investigador consciencioso e o criterio do perfeito literato.»





João Francisco Lisboa



JOÃO FRANCISCO LISBOA

MARANHÃO, 1812—1863

As paginas do dr. *Antonio Henriques Leal* que precedem o primeiro volume das *Obras de João Francisco Lisboa*, bem como o trabalho de *Sotero dos Reis* estampado no tomo quinto do seu *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, são porventura, principalmente o primeiro, os mais perfeitos e completos estudos acerca da vida e obras do notavel maranhense.

A essas biographias e criticas tão bem acabadas quão sinceras deveriamos remetter o leitor e darmos por dispensados de escrever algumas notas sobre tão illustre prosador, se não nos sentissemos obrigados, consoante a natureza dos breves retratos que aqui estamos a esboçar, a fazer resaltar as qualidades propriamente literarias, as de composição, expressão e estilo, dos escriptores, que, possuindo-as, devem ser apontados por modelos e mestres da lingua.

Se aqui tivessemos a intenção de estudar a vida de *João Francisco Lisboa*, enumerar-lhe os serviços, e as pugnas em que se empenhou em nome de convicções politicas, e descrever a acção que, como jor-

nalista, critico, jurisconsulto, publicista e historiador, proficuamente soube exercer, não ha nenhuma duvida que no longo e minudencioso trabalho do dr. *Henriques Leal* se nos deparariam bastantes subsidios, investigações curiosas e bem documentados esclarecimentos. Mas do escriptor meramente literario diz-nos melhor e com maior autoridade o autor do *Curso de Literatura*, que tendo sido mestre de *Lisboa*, foi mais tarde o primeiro em reconhecer no discipulo, igual, senão maior autoridade magistral que a sua, e em proclamá-lo escriptor classico e prosador insigne na arte da palavra «como o podem ser os mais abalisados mestres do falar sôlto em qualquer lingua, profundo, eloquente e cabal em todo genero de assumptos, que tratou. Os seus escriptos notaveis na substancia, não o são menos na eloquencia e correcção da forma, nas quaes leva pela ventura a palma a todos os escriptores brasileiros contemporaneos. Por isso ha muito que aprender neste autor em tudo o que se refere ás bellezas da elocução e á copia e pureza da linguagem, qualidade em que prima como qualquer escriptor classico».

A admiração que ao ex-discipulo votara *Sotero dos Reis*, aliás insuspeita porque foram adversarios politicos, não se condensa apenas no que já ficou dito com sinceridade e cordialissimo affecto. Reconhece mais o velho professor que a dicção de *João Lisboa* sobre ser rica é toda de lei, como do escriptor que, conhecendo todos os recursos da lingua, a maneja superiormente. Na sua vasta obra aprende-se a escrever com elegancia e correcção. Quem lê o *Jornal de Timon* «dirá que está fazendo a leitura de um autor classico». Porem o que é ainda mais digno de louvor, remata *Sotero*, é «que Lisboa nos reproduz nos seus escriptos a belleza de dicção dos classicos, não os defeitos de alguns delles, pois nem é declamador como Jacintho Freire, nem cheio de antitheses e trocadilhos de palavras como Vieira. Por isso não hesi-

tarei em propor este escriptor á nossa mocidade como verdadeiro modelo da arte de escrever.»

Era assim que, com respeito, justiça e cordialidade, mutuamente se tratavam aquelles grandes engenheiros, os quaes, condensando uma brilhante phase das nossas letras, formavam o «grupo maranhense»: *Odorico, Sotero, Lisboa e Gonçalves Dias*.

Em lições successivas do seu *Curso*, estuda *Sotero* os tres volumes que formam a collecção de *Timon*, deixando-nos a impressão, como póde o leitor verificar nas palavras acima transcriptas, de que, a seu juizo, é o *Jornal de Timon* a principal obra que nos legou a penna do seu comprovinciano. Posto que reconheça que a *Vida do Padre Antonio Vieira* trabalho é de vulto e completo, verdadeiro, documentado e commentado com criterio e tacto, e que a forma em que está vasado é «tão bella como a dos demais escriptos que saíram de sua penna», affirma *Sotero dos Reis* que não ha differença notavel entre a forma do *Jornal de Timon* e a da *Vida do Padre Antonio Vieira*.

Não julgamos verdadeiro este voto, embora quem o formula tenha autoridade de sobra para o fazer. Se é exacto que no *Jornal de Timon* se revela *João Francisco Lisboa* escriptor elegante, opulento, primoroso e já senhor dos segredos da arte de escrever, não é menos verdade que todas as qualidades do estilista se aperfeiçoam, esmeram e aprimoram nas paginas da *Vida do Padre Antonio Vieira*, obra que, apesar de não ter recebido a ultima demão do autor, é manifestamente mais correcta, mais acabada e mais perfeita de estilo e de pureza de linguagem.

Quanto á pureza da linguagem, transige não raro o autor, em todos os seus trabalhos com peregrinismos e construcções escusadas, devendo-se notar, no entanto, que muitas vezes elle se corrige a si mesmo, passando a deixar de usar vocabulos e expressões anteriormente empregados. Vivera *Lisboa* numa epoca

em que irresistivel fôra a invasão dos francesismos, aos quaes deparando-se franca e facil passagem na linguagem dos romanticos, na lingua nacional procuraram aninhar-se, sem que nenhuma reacção lhes fosse feita. E a naturalização delles foi um facto, de cujas más consequencias ainda e sempre se ha-de sentir o idioma vernaculo.

Todo o periodo romantico entre nós caracterizou-se, no tocante á forma, por lastimavel decadencia da linguagem, que passou a revelar-se com inutil e mesclada substituição vocabular. As palavras de bôa origem, puras e vernaculas, cediam na frase a posição e sentido que lhes eram proprias ás que nos vinham chegando por conducto de França. Nenhum prosador, nenhum poeta, nenhum publicista, ninguem, em summa, lograra eximir-se á influencia francesa, sendo certo que os nossos maiores e melhores escriptores do seculo passado não se preocuparam de evitar que lhes maculasse a escripta o uso de palavras de alheia origem.

A forte reacção contra os gallicismos que, em em Portugal, fizeram *Filinto Elysio* e frei *Francisco de S. Luiz*, pouco se reflectiu no Brasil. Apenas, a longo espaço, se levantavam vozes insuladas de fraca resistencia, que nem sequer iniciara qualquer movimento contrario á invasão. Assim occorreu com *J. Norberto de Sousa Silva*, publicando em 1877 o livro *Gallicismos*; com *Guilherme Bellegarde*, dez annos depois, dando á publicidade os *Vocabulos e Locuções da Lingua Portuguesa*, e com outros que, em defesa do idioma, tentaram sair a campo.

Mais cedo ou mais tarde, porém, esse movimento inicial havia de crescer, com a força das coisas que se nos impõem por necessarias. E, com effeito, a *Republica de Ruy Barbosa* veio não só assignalar, na nossa lingua uma phase de animação, como despertar a inteira preocupação no culto do idioma. Com

ella recrudesceu a reacção contra os gallicismos, que dia a dia vão sendo mais combatidos.

Ja *Francisco Rodrigues Lobo*, na sua *Corte na Aldeia* (apud. *Replica*) notára que «sendo a nossa lingua de bom metal lhe mesclaram tanta liga, que perde muito de seus quilates». Mas attendendo-se a que verdade tambem é que «raro será o mestre, antigo ou moderno, que não tenha perpetrado gallicismo», comprehende-se e explica-se que *João Francisco Lisboa*, vicejando numa epoca de grande effervescência invasora, não escoimasse a sua linguagem das impurezas que ella realmente contem. Igual restricção soffrem os maiores escriptores do seu seculo, ainda aquelles que são tidos por guias do bom escrever, como sejam *Januario Barbosa*, *Monte Alverne*, *Romualdo de Seixas*, *Odorico Mendes*, *Sotero dos Reis*, *Porto-alegre*, *Joaquim Caetano da Silva*, *Velho da Silva*, *Pinto de Campos*, *Gonçalves Dias*, *Octaviano*, *Paranapiacaba*, *Macedo Costa*, *Machado de Assis*, *Francisco de Castro*, e outros. Mestres da bôa linguagem, como o é *João Lisboa*, quem ousaria negar-lhes os titulos de melhoras prosadores e modelos da lingua brasileira e, consequentemente, os de autores de bom nome e de bôa nota? Como *João Lisboa*, souberam tambem aquelles salientar-se na cultura literaria e menear com mais individualidade, correcção, pureza, propriedade e zelo a nossa lingua.

As obras do notavel maranhense são dignas de imitação. Esmaltam-lhes os primores de uma dicção fluente e elegantissima, e nellas mostra-se o autor um verdadeiro artista, não só na elevação e acuidade do pensamento, mas tambem na flexibilidade e ductilidade do frasear. Todas, ou quasi todas, acham-se reunidas em quatro volumes, com o titulo:

Obras de João Francisco Lisboa, precedidas de uma noticia biographica pelo dr. Antonio Henriques Leal. Editores e revisores — Luiz Carlos Pereira de Castro e o dr. A. Henriques Leal. S. Luiz de Mara-

nhão, 1864—1865. Os tres primeiros volumes contem onze dos doze numeros do *Jornal de Timon*, e o quarto, a *Vida do Padre Antonio Vieira*, trabalho postumo, publicado já no decimo numero do referido *Jornal de Timon*. Neste volume estão ainda incluídos o estudo sobre *Odorico Mendes*, um discurso sobre amnistia, a *Festa dos Remedios*, *Festa dos Mortos*, *Theatro de S. Luiz*, e outros estudos de critica e politica.

Houve quem dissesse que o estudo de *João Lisboa* sobre o padre *Antonio Vieira* «é o que se póde consultar de mais completo e authenticico de tudo quanto se tem dito acerca do immortal orador».



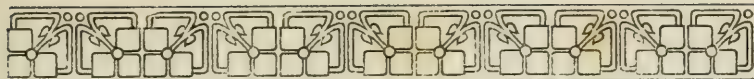
Século XIX

SEGUNDA METADE

**Plinto de Campos
Gonçalves Dias
Francisco Octaviano
Paranapiacaba
Macedo Costa
Carneiro Ribeiro
Machado de Assis
Pacheco Junior
Francisco de Castro
Ruy Barbosa**



Pinto de Campos



JOAQUIM PINTO DE CAMPOS

(PERNAMBUCO, 1819-1887)

Nas solennes ceremonias de graças commemo-rativas da Independencia do Brasil, que se celebraram em Nicteroy e nesta cidade, em 1855 e 57, alcançára este prelado o renome de grande orador. De modo tal formara-se a sua fama, em successivas orações reli-giosas e funebres que, dir-se-ia, outro foco de luz na tribuna sagrada se alteava para que novas scintila-ções viessem nella proseguir as derradeiras esteiras luminosas do verbo de *Monte Alverne*. A voz do ora-dor gigante chegára aos ultimos bruxoleios, lampade-jando para extinguir-se, quando começára de fazer sentir-se a de *Pinto de Campos* nas irradiações da au-rora dos seus triumphos.

Viera assim crescendo este nome e assim avul-tando essa fama, até que em 1874 principiou de opu-lentar as letras e especialmente a literatura religiosa de livros graves e de subido valor. Eis que nos brinda, alem de outros de menor vulto, com *Jerusalem* (1874), com *A Igreja e o Estado* (1875), com *Missão de Christo* (1876), com a *Vida do Grande Cidadão Bra-sileiro Luiz Alves de Lima e Silva* (1878), com *A India Christã*, traduc. (1882) e com a *Divina Come-dia*, tambem traduc. (1886), nos quaes se mesclam os

primores de esmaltada cultura aos do prosador seguro, polido e fecundo.

Sobrelevam-se nesta valiosa collecção o primeiro e ultimo.

Um dia, terminada a versão que resolvera fazer para a nossa lingua das *Cartas Bíblicas* de fr. *Pedro Gual*, submetteu-a *Pinto de Campos* ao juizo critico do visconde de *Araguaya*. Este, ao restituir-lhe o autographo, disse-lhe estas palavras : « Bem : agora, que está concluida a presente tarefa, resta-lhe metter hombros a outra de maior importancia : a traducção da Divina Comedia, de que não ha traducção alguma em lingua portuguesa, havendo-as aliás em todas as linguas cultas. »

Tempos depois recebera de *Antonio Castilho* o pedido para dar o seu juizo sobre a traducção, por outro feita, do episodio de Francisca de Rimini.

Aquelle conselho e, sobretudo, este pedido, significando sem duvida que o grande *Castilho* e o visconde reconheciam em *Pinto de Campos* a competencia do traductor, grandemente influiram para que se resolvesse este a empreender a traducção que lhe fôra apontada pelo seu compatriota e amigo. E com effeito decidiu-se o prelado brasileiro a passar para a nossa lingua a obra de Dante.

Após benedictinas investigações, longos e profundos estudos em varias cidades europeas, principalmente de Italia, conseguiu *Pinto de Campos* levar ao fim a versão dos vinte e quatro cantos do *Inferno*. Assim concluida esta parte, dirigiu-se para Florença, onde residia *G. Guiliiani*, o maior dantofilo daquelle pais de dantofilos, o qual « naquella cidade, regia, ha trinta annos, a cadeira publica de explicação da Divina Comedia », e ao sabio, a quem narra toda a serie de seus esforços e dos seus estudos, submete o seu trabalho. Toma *Guiliiani* inteiro conhecimento da traducção brasileira e depois de ter declarado « que o idioma portugêz, por sua indole, belleza e concisão, era o

que mais se prestava á versão da Divina Comedia, segundo a experiencia que acabava de ter», julga a traducção de *Pinto de Campos* — «uma das pouquissimas em que o espirito de Allighieri se transluzia em toda a sua magestade e exactidão». No espirito e na forma este livro, com que o eximio prelado opulentou a lingua de portuguesa, honra a literatura nacional, e nelle tem a obra do poeta florentino uma das mais completas passagens para estranhos idiomas. Traducção da *Divina Comedia*, como a fez, commentou e annotou *Pinto de Campos*, fixaria, em qualquer lingua, a gloria de qualquer escriptor.

Aliás, como grande escriptor, o illustre brasileiro já houvera firmado a sua reputação com o seu livro *Jerusalem*. E' facto que essa obra soffrera os remoqueos da critica despeitada, que em todos tempos serpeia, como vibora, em torno dos que trabalham e produzem proficuamente. Em defesa, porém, da obra saíra *José Feliciano de Castilho*, com as *Reflexões de um solitario*, nas quaes não só esmagou as desfarces da inveja, mas logrou por em relevo os merecimentos do livro, que em concorrência com outras obras portuguezas, não ha uma só, di-lo *Castilho José*, que por sombra se possa equiparar a de *Pinto de Campos*.

«Todas as condições da arte de escrever em nosso idioma», escreve o celebrado autor d'() *Iris Classico*, «estão magistralmente respeitadas neste livro, que a tantas excellencias reúne a de ser novo com a vernaculidade de antigo, a de parecer antigo com o verniz de novo... Este estilo é um Protheu, que só rejeita as formas empoladas, affectadas, obscuras; linguagem pura constantemente, e todavia equidistante do arcaismo e do neologismo... Essa obra, portanto, não menos sob este aspecto merece andar nas mãos de quantos aspirem ás glorias de escriptor correcto, polido, numeroso e revelador dos insondaveis thesouros do nosso idioma; se ella tanto não valesse já pela substancia, bastaria a forma para lhe afiançar pree-

minencia na vanguarda dos nossos escriptores... *Pinho Chagas* resume-a nesta frase: «Este é um classico». Visconde de *Seabra* nestoutra: «Paginas dignas de um padre Antonio Vieira. «(p. 7).»

Sabemos todos quão nitida era a consciencia que tinha *Camillo Castello Branco* do seu proprio valor. Se podem palavras inilludiveis induzir-nos a conclusões certas, não vacillaremos em affirmar o elevadissimo orgulho de que era possuido o grande romanista, cuja penna muito se alteava para, não raro, dardejando raios, brandir, offuscar, injustiçar e ferir. Em varios lanços das suas formidaveis polemicas, como na impiedade das suas criticas, traimo-lo na plenitude da jactancia de ser grande. A' essa propensão bellicosa muito sua, juntava não apparente aversão a tudo que fosse de terra brasileira. Cresce, por isso, de significação qualquer elogio que lhe saisse da penna, endereçado a escriptor nosso.

Despertará sem duvida esta advertencia no leitar o interesse de conhecer o elogio que de *Pinto de Campos* faz *Camillo* :

«...O livro é tão de molde para todos os paladares, cinge-se tão caroavalação deleite do curioso, do sabio e do devoto, que a ninguem será estranho o prazer da leitura. Em duas palavras qualifica um doutissimo critico fluminense o livro do sr. Pinto de Campos : *para mim tenho que a opinião classificará esta obra entre as de mór vulto que este seculo ha visto em lingua portuguesa*. (Reflexões de um solitario relativas ao livro *Jerusalem*, p. 3).

Evidentemente, sr. Pinto de Campos conhece e exercita as menos communs bellezas da nossa lingua. Já o haviamos admirado nas fluencias descuidadas da conversação, antes de o reconhecermos no purismo deste livro perfeitamente executado. O seu estilo tem a sobriedade, a parcimonia de enfeites que se adquirem quando a sã e alumniada razão os escolhe. As pompas e os recamos da dicção occorrem-lhe a ponto

com rigorosa propriedade. A uncção religiosa dos quadros nunca é prejudicada pelos estofos da rhetorica. As figuras cedem a sua luz ficticia ao brilho permanente da verdade. A relanços descriptivos da Terra Santa, resôa ás vezes o dizer chão e affavel de fr. Pantaleão de Aveiro, alternando-se com os raptos veementes da piedade a Chateaubriand e do apaixonado lyrismo de Lamartine; mas tudo isto tão nosso, tão português, tão condimentado do idioma de Sousa e de Bernardes, que não póde ser senão de monsenhor Pinto de Campos. O leitor, que lê os telegrammas vindos do Brasil, já viu que lá se ergueu uma voz calumnidora, acoimando de plagiario o autor da *Jerusalem*. Sem interposição de tempo, saiu pela honra e lealdade do calumniado escriptor uma dos maiores sabios que hoje se contam viventissimos na rareada fileira dos sinceros homens de letras em Portugal. Parece-nos ter entrevisto no *Solitario*, que tão egregiamente repelle os detraidores de Pinto de Campos, o conselheiro José Feliciano de Castilho, o mais poderoso talento alliançado á mais tenaz memoria de que temos noticia, e, mais que noticia, lição aturada e incansavel... Delida a macula com que a malevolencia, aborto de odios politicos, tentou denegrir a mais notavel obra modernamente escripta com os primores da lingua portuguesa por um brasileiro — que entre os seus e os nossos a escreve como os distintissimos — não temos senão a louvar o grande alento que tirou a salvo de tropeços esta obra perduravel com que monsenhor Pinto de Campos brindou os seus conterraneos e os da patria de seus avós. Já conheciamos e reverenciavamos o orador religioso e parlamentar. Agora lhe recebemos da sua mão um livro que vamos reler e collocar entre os que nos ensinaram a escrever.» (Noites de Insomna, n. 9, p. 73 *usque* 81).

Mestre entre mestres que a *Camillo* ensinaram a escrever, não havia mister monsenhor *Pinto Campos* de mais alto julgamento para revestir-se da dignidade

de escriptor modelo. Mas se tanto não lhe bastasse, ahí estaria a corôa com que lhe engrinaldára a fronte o genio que symboliza a vernaculidade do idioma, o grande e puro *Castilho Antonio* :

«Cuido porém que nenhuma das minhas tres (o autor refere-se ás obras do frei Pantaleão, de Chateaubriand e a Lamartine) ordenadas todas para identico fim, com methodos diversos e diversissima execução, obviou quanto a mim as boas vindas desta sua nova *Jerusalem*.

... nunc eris alter ab illis.

Depois das palmas colhidas pelos tres, vejo gostoso que ainda ficaram ou teem crescido outras para v. illma não menos viçosa e para o fruto. Dá, pois, v. illma hoje á nossa língua nm brasão inesperado, e descobre-nos em si uma nova eminencia sobre a tantas que já o engrandeciam. Orador sagrado dos mais distintos, até na patria de Monte Alverne ; escriptor religioso sempre presente e extrenuo, na peleja ; no parlamento e na imprensa, fazendo soar alto a sua voz em todas as graves questões do estado, elevado na igreja a graus dos mais conspicuos; outro qualquer, no gar de v. illma, ter-se-ia contentado com esse raro conjunto de boas fortunas.

V. illma, porém, dando a lembrar o heróe antigo: *nihil actum reputans siquid superesset agendum*, viu que lhe podia caber ainda, não maior gloria, mas sim maior merecimento; e, para o obter, arrancou se aos seus estudiosos e dilectos ocios domesticos na sua amenissima provincia, disse adeus aos seus innumera-veis amigos que o estremeciam, correspondidos do coração, deu costas aos regalos da côrte, lançou-se animosamente ás incertezas do oceano, com o empenho unico de visitar nesta velha Europa, a sua Roma, tão sua até pelo seu saber do passado, e na ainda mais velha Asia, a sua querida Jerusalem ; fadiga immensa, mas bem logrados sacrificios, de que havia de trazer

para si, para nós, e para o mundo, um livro de oiro.»
(Carta a P. de Campos. Jerusalem, *in princ.*)

Brasileiro que já uma vez escreveu livro que subiu á estante de *Camillo* para dispôr-se entre os que lhe ensinaram a elle a escrever, e com o qual deu á lingua um brasão, que é para si, para nós, e para o mundo *um livro de oiro*, como *lhe* chama *Castilho*, tem direito a que a posteridade lhe reverencia os meritos e reconheça a grandeza do seu vulto.

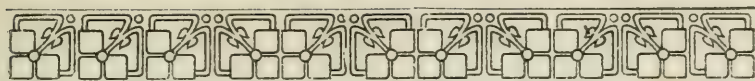
E' extensa a lista das suas obras. Alem das referidas e dos discursos, sermões, orações, pareceres e elogios dispersos, annotamos mais os seguintes :

- *Casamento Civil*, Rio, 1858
- *Miscellaneas Religiosas*, Rio, 1859
- *Novas Miscellaneas Religiosas*, Rio, 1859
- *Os Anarchistas e a Civilização*, Rio, 1860
- *Polemica Religiosa*, Pernamb., 1864
- *Polemica Religiosa*, Pernamb., 1868
- *O Senhor D. Pedro II*, Porto, 1871
- *Impressões de Viagem*, Lisboa, 1880





Gonçalves Dias



GONÇALVES DIAS

(MARANHÃO, 1823—1864)

Como expressão do sentimento nacional, contratrio a natural antipathia de Portugal ás nossas tentativas de emancipação literaria, intensificara-se no brasileiro logo após a independencia politica, o proposito, o desejo, a vontade, a aspiração á sua integral autonomia. Cansado de tanta autoridade, proseguia o Brasil a obra de conquista dos meios de por si mesmo viver, desenvolver-se, progredir e vencer. Das lutas, já no terreno das occupações territoriaes, já no administrativo e politico, já no terreno economico, que todas, com a independencia, tinham perdido a razão que as ditava, passou ao trabalho da emancipação nas letras. E esse o vamos realizando, para honra nossa, sem quebra da continuidade e communhão de sentimentos e esforços na conservação, meneio, cultura e amor do idioma, que, destarte, permanecerá como a soberana expressão da união dos dois povos irmãos. Impunhase-nos o fazer essa conquista, como condição da liberdade de sentir e pensar, que é apanagio de toda existencia collectiva, senão a sua propria existencia moral. Sem literatura, propriamente sentida e expressada, não se comprehende uma nacionalidade.

Não poderia certamente o país, logo depois de libertar-se do jugo das condições a que chamamos materiaes, lograr ter, em breve espaço, uma literatura sua, como passara a ter sua administração, sua justiça, sua politica, seu regime economico e domestico proprio, sem sujeição a estranhas influencias. As nossas boas letras eram letras hauridas nos mananciaes da literatura portugueza ; e por isso, em todo o periodo denominado classico, naturalmente se confundiam portuguezes e brasileiros. Posto o engenho brasileiro começasse de revelar-se, logo nas primeiras decadas do seculo de setecentos, de modo assás elevado nas produções de *Vicente de Salvador*, *Diogo Gomes Carneiro*, *Antonio de Sá*, *Francisco de Sousa*, *Eusebio de Mattos*, *Gregorio de Mattos*, *Manoel Botelho de Oliveira*, *Nuno Marques*, *Sebastião da Rocha Pita*, não tínhamos direito a que a essas primeiras manifestações espirituaes outro nome se dêsse que não o do literatura portugueza. Só mais tarde, na effervescencia do periodo romantico, já no seculo de novecentos, é que os nossos esforços principiam de distinguir uma literatura luso-brasileira, para em seguida chegarmos a uma literatura nimamente nacional.

Facil é compreender como difficil ainda naquella phase intermedia, de ambiente hostile, seria a um brasileiro, assim tido, projectar a fama de seu nome e refranger as claridades da sua intelligencia no scenario onde imperava a autoridade, que desaparecia. E foi o que logrou *Gonçalves Dias* com os resplendores iniciaes da sua lyra. Tanto e tanto soube alçá-la que, paro logo — em razão da victoria que o genio impõe — foi acolhido, reconhecido, exaltado e sagrado pela flor da arictocracia literaria de alem mar.

Os *Primeiros Cantos* provocaram de *Alexandre Herculano* estas palavras : — «Nós somos hoje o hilota embriagado, que se punha defronte da mesa nas philitias de Sparta, para servir de lição de sobriedade aos mancebos. O Brasil é a moderna Sparta, de que

Portugal é a moderna Helos. Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma, com a leitura de um livro impresso o anno passado (1846) no Rio de Janeiro, e intitulado : *Primeiros Cantos . Poesias por A. Gonçalves Dias*. Naquelle pais de esperanças, cheio de viço e de vida, ha um ruido de lavor intimo, que sôa tristemente cá, nesta terra onde tudo acaba... Os *Primeiros Cantos* são um bello livro ; são inspirações de um grande poeta. A terra de Santa Cruz que já conta outros no seu seio póde abençoar mais um illustre filho».

De *Camillo Castello Branco*, parcimonioso nos elogios ás coisas e homens do Brasil, senão indocil, acrimonioso e injusto, já em 1874 coroava a fronte do vate maranhense destes loiros, que só lhos arrancaria a irradiação do genio do cantor do Ijuca-pyrama :

«...Gonçalves Dias, o portentoso poeta, o prosador inviolavel na pureza da dicção... apoucado pela ignosa bitola de um zoilo vesgo, tem dous munumentos : um de marmore na sua patria, outro nos livros que são della, que são nossos, que os temos na memoria do coração desde a mocidade».

Annos mais tarde, em 1887, ainda assim julgava :

«Os quilates deste poeta brasileiro eram os da melhor moeda, quando a sua poesia circulava nos corações das mulheres pallidas, e ruborizava o sangue das pulsações mais vitaes da sua physiologia. Visto desta distancia, apenas me entreluz como estrella cadente nas brumas da serra que transpús, e para a qual, ao dobrar os espigões de outra mais alcantilada, olho com saudade. Raros são os principes da literatura que não assistam vivos aos funeraes da sua gloria. Gonçalves Dias morreu coroadado imperador da lyra americana; sumiu-se tragicamente no mar, como Elias no azul, quando o seu nome era o symbolo da musa cisatlantica e a sua vida, um pouco fallida ao dinheiro, uma gloria nacional».

Não visamos aqui ao poeta, em torno de cujo merecimento se firmou a opinião de que é elle «o mais completo que o Brasil criou», não consideramos nelle as qualidades de sentimento e inspiração, senão as que dizem da sua expressão, como escriptor correcto e puro no escrever.

Essas lhe asseguram um dos primeiros logares entre os classicos brasileiros. Sem que notemos na sua obra, quer a de poesia, quer a de prosa, o mesmo apuro e rigor de vernaculidade que se nos depara na de *Francisco Lisboa* conterraneo seu, justo é que nella reconheçamos, em subido gráu, o esmero, o cuidado, a correcção geral e a propriedade das palavras, e da construcção grammatical, consoante os canones da velha e bôa prosa portuguesa, tão desdenhosa quão lastimavelmente desdenhada pelos que não sabem a lingua.

Notam-se, e teem sido notados, na sua linguagem, desses deslises a que se não forra nenhum grande escriptor. Por exemplo, *prejuizo* por preconceito, o galicismo *relento*, o verbo *haver* pluralizado na significação de *existir*, abuso de dois infinitos pessoaes muito proximos, uma ou outra collocação á brasileira dos pronomes, e pouco mais, que todos os maiores se encontram em bons classicos portugueses, inclusive o ultimo em Antonio Vieira, *Cartas*, edição Seabra e Antunes, I, 37. (J. Verissimo. Hist. da Lit., p. 253).

Fossemos aferir os meritos de um escriptor pelas meticulosidades que ahi se inculcam, affirmariamos que nem *Ruy*, nem *Camões*, nem *Vieira* nem *Bernardes*, nem *Sousa*, nem *Castilho*, nem outro nenhum mestre insigne lograria forrar-se ás incriminações.

Os deslises que se nos antolham na sua linguagem, não lhe diminuem a autoridade de escriptor rigoroso e vernaculo. Sagraram-na, como vimos, dois pontifices das letras lusitanas, e *Ruy* resumiu-lhe em breves palavras a glorificação perpetua. Falando, na

Replica, acerca do «dialeto brasileiro, surrão amplo, onde cabem á larga desde que o inventaram para sossego dos que não sabem a sua lingua, todas as escorias da preguiça, da ignorancia e do mau gosto»... diz : «Lá encontrará o ouvido vernaculo todos os estigmas dessa degeneração, em estado colliquativo, do idioma em que escreveram no Brasil Gonçalves Dias, Francisco Lisboa e Machado de Assis», (p. 16).

Tambem *Aulete*, no documentar o seu acatado Dicionario, não desconheceu a autoridade do grande escriptor maranhense, e a invoca a cada passo.

Enche por si só o nome de *Gonçalves Dias* todo um periodo da nossa historia literaria. O romantismo na sua segunda phase, de que foi elle o inaugurador, revestiu-se de muito brilho e esplendor ao impulso do seu genio. Mestiço de origem, identificara-se com o meio e tornara-se uma das personagens mais representativas da indole e sentimentos do brasileiro. A sua poesia viverá eternamente, não só pela substancia, ou pelo que nella soube traduzir, como pela naturalidade, correcção, propriedade e pureza com que a expressou : a sua prosa ficará por modelo dessas mesmas qualidades.

A maior expressão esthetica do seu indianismo condemsam-na as Poesias Americanas, o poemeto I-juca-pyrama, de fina inspiração e esmerado lavor e, principalmente, os Tymbiras, com que, diz *Francisco Octaviano*, fez obra magistral e levantou um monumento eterno á poesia nacional.

Rematamos estas linhas com as ephemerídes em que o brilhante jornalista e escriptor *Nogueira da Silva*, conterraneo do poeta, lhe menciona os factos da vida de 41 annos que viveu :

1823 — Nasce em Caxias a 10 de agosto.

1823 — 36 — Caxias : infancia do poeta.

1837 — Deixa Caxias em maio com destino a S. Luiz,

- onde permanece até junho, quando regressa a Caxias, ahi chegando em julho.
- 1838 — Deixa novamente Caxias, a 13 de maio, com destino a Portugal. Passagem por S. Luiz, achando-se em outubro em Coimbra matriculado na Universidade.
- 1839 — Em outubro esteve em Figueira.
- 1840 — Maio em Coimbra.
- 1841 — Passa as ferias em Lisboa. Outubro em Coimbra.
- 1842 — 43 — Em Coimbra. Universidade.
- 1844 — Junho e julho em Lisboa. Agosto e parte de setembro nas aguas de Gerez, percorrendo em seguida o Minho, Traz-os-Montes e a Galiza, na Espanha. Setembro e dezembro em Pitões. Grau de bacharel.
- 1845 — Janeiro no Porto. Março em S. Luiz, partindo a 6 para Caxias; a 19 estava em Coroatá, chegando em abril áquella cidade.
- 1846 — Deixa Caxias, chegando a S. Luiz em fins de janeiro. A 14 de junho parte para o Rio, onde chega a 6 de julho.
- 1847 — Rio. Em janeiro publica os *Primeiros Cantos*. (O volume tem a data de 1846 e o proprio poeta nos *Apontamentos* diz tê-lo publicado nesse anno, mas a verdade é que o volume só appareceu a venda e foi distribuido em 1847. Occorre a favor de ter esse volume somente sido dado á publicidade em 1847, o facto de estar esta data emendada nos *Apontamentos*. O poeta tinha escripto 1847, lembrando-se que foi nesse anno posto o seu volume a venda; depois naturalmente recorrendo ao volume, verificou que a data que ahi está é de 1846 e emendou nos *Apontamentos*. Dá tambem á publicidade o seu drama *Leonor de Mendonça*. Foi nomeado adjunto do Lyceu

- de Nicteroy, com o cargo de secretario, em agosto.
- 1848 — Rio. Publica os *Segundos Cantos*. (Ver *Apointamentos*).
- 1849 — Rio. E' nomeado a 5 de março professor de historia patria e do 2º e 3º annos de latim do Collegio de Pedro II.
- 1850 — Em janeiro esteve em Estrella (?), localidade proxima do Rio,
- 1851 — Publicou os *Ultimos Cantos*. Parte a 21 de março, em commissão do governo, para o Maranhão. Abril em São Luiz. Occupa-se depois em visitar as provincias do norte, naquella commissão, até 1852. (Ver *Apointamentos*).
- 1852 — Maio na Bahia. Chega ao Rio a 17 de junho. Casa-se a 26 de setembro com d. Olympia da Costa. A 28 de dezembro foi nomeado official da Secretaria dos Estrangeiros.
- 1853 — Rio.
- 1854 — Rio. Parte para a Europa, em commissão do governo, a 15 de junho. Julho em Lisboa. Paris 20 de novembro.
- 1855 — Lisboa, 12 de maio.
- 1856 — Paris, 10 de março. Evora, Portugal, 10 de julho. Alem dessas cidades Gonçalves Dias percorreu nesses dois ultimos annos varios pontos de França, Belgica, Inglaterra, Italia, Suissa, Allemanha, Espanha e Portugal, de onde se passou em fins desse anno para a Allemanha, demorando-se em Paris para assistir em nome do governo brasileiro á Exposição Universal. Em Paris, a 15 de outubro; em Colonia, a 8 de dezembro.
- 1857 — Allemanha, Publica a segunda edição dos *Cantos : Tymbiras e Diccionario da lingua tupy*. Em Dresde, a 22 de abril. A 2 de agosto achava-se em Basel, na Suissa.

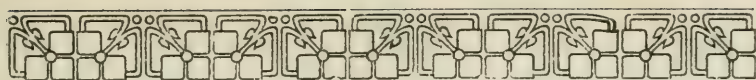
- 1858 — Dresde em 4 de março. No fim deste anno parte para o Rio, onde chega em dezembro.
- 1859 — Rio. Parte a 26 de janeiro, em commissão do governo, com destino ao Ceará, onde se acha em fevereiro. Em Baturité, a 23 de novembro.
- 1860 — Tendo deixado o Ceará, passa-se ao Maranhão, visitando São Luiz, Mearim e Caxias, de onde volta para S. Luiz satisfeito com as manifestações que recebeu.
- 1861 — Em janeiro passa-se para o Pará, onde pouco se demora, seguindo logo para o Amazonas. Percorreu o vale amazonico, visitou parte do Perú e Venezuela, tendo estado, por incumbencia do governo da Provincia do Amazonas, em inspecção de escolas primarias nas regiões de Solimões e Rio Negro. Deixa, finalmente o Amazonas, passando em meados de novembro pelo Maranhão, sem demorar-se e seguindo viagem para o Rio, onde chegou a 8 de dezembro. (Ver *Cartas do «Mundo Alter»*).
- 1862 — Rio. No dia 7 de abril parte no *Apa* com destino ao Maranhão. A 15 chega a Pernambuco, onde é obrigado a desembarcar afim de tomar a 18, por exigencia de sua saúde fundamentalmente alterada, o navio *Grand Condé*, que saia para Marselha. O navio só saiu do Recife a 20, chegando a Marselha no dia 14 de junho. Em julho estava em Paris.
- 1863 — Os ultimos meses do anno anterior e todo este passou o poeta em viagem á procura de saúde, percorrendo Portugal, Allemanha, Belgica, tendo estado principalmente nas cidades de Lisboa, Bruxellas, Munich e Dresde, consultando summidades medicas e submettendo-se ao regime de aguas em França e Allemanha. (Ver cartas).
- 1864 — Fevereiro em Lisboa, onde esteve até maio. Agosto, 23, em Paris. A 9 de setembro em-

barca no Havre a bordo do *Ville de Boulogne* nos baixos dos *Atíns* ou *Coroa dos Ovos*, em frente a Guimarães, perecendo na catastrophe o poeta, que vinha muito doente a ponto de não poder sair do beliche. Não foi achado o seu corpo, apesar dos esforços feitos por seus amigos e admiradores os drs. Antonio Henriques Leal e Theophilo de Carvalho Leal.





Francisco Octaviano



FRANCISCO OCTAVIANO

(RIO, 1825-1889)

A obra multiforme de *Francisco Octaviano* reflecte bem a actividade de uma fecunda e vigorosa intelligencia; e vale advertir que o modo como em tudo se houve esse homem de distinção inalteravel, torna incerta, se a quisessemos conhecer, a indicação do que mais longe lhe projetára o nome nos fastigios da celebridade: — se o meigo lyrismo do poeta, se a nobre firmeza do critico, se o encanto e ironia do epistolographo, se o liberalismo edificante do politico, ou se as seductoras construcções ideas do jornalista.

Quanto lhe saiu da penna — versos, cartas, artigos, critica e discursos, — ostenta a alteza do pensamento vasado em forma elegantissima. E' que não descaem nunca das regiões a que se alam, as intelligencias, como a sua, ungidas da divina inspiração.

Não quis todavia esse homem de organização intellectual assim privilegiada legar-nos nenhum livro, no qual se compaginassem as producções do poeta, do escriptor, do jornalista, do critico e do politico. E vão soffrendo as nossas letras, com o jazerem assim dispersos e occultos os frutos primorosos dos seus melhores engenhos, prejuizos irreparaveis.

O que se passa com o que deixou escripto *Octaviano*, semelhantemente ocorre com o que produziram outros celebrados brasileiros. Onde porventura se conserva, e occulta, ou está a delir-se a obra de um *Quintino Bocayuva*, de um *Ferreira de Araujo*, de um *José de Patrocinio*, de um *Ferreira Vianna*, de um *Alcindo Guanabara*, de um *José Avelino*, de um *Urbano Duarte*, de um *Gumerindo Bessa*, de um *Luiz Delfino*, de um *Carlos de Laet*, e de muitos outros entre os modernos; ou, entre os antigos, a obra de um *Diogo Gomes Carneiro*, de um *Antonio de Sá*, de um *Eusebio de Mattos*, de um *Gregorio de Mattos*, de um *Botelho de Oliveira*, de um *Antonio da Silva*, de um *Nuno Marques*, de um *Bartholomeu de Lourenço*, de um *José Francisco Leal*, de um *Francisco de Mello Franco*, estes mestres autorizadissimos da lingua vernacula?

Não será hoje facil reunir ou salvar a obra de *Octaviano*, apesar de datar apenas de 1889 o seu desapparecimento. A difficuldade immediata que teria por vencer quem pusesse hombros á empresa tão meritoria seria a escassez, ou imprecisão dos informes e dados de que se não poderia prescindir.

Não obrigam ainda, nem preservam e amparam as letras, o que dizemos sem nenhuma injustiça aos inauditos esforços do benemerito *Sacramento Blake*, boas fontes de origens bi-bibliographicas sufficientes para taes empreendimentos.

A actividade intellectual de *Octaviano* foi incessante, bastante disseminada e sem ordem. Pergunta-se: quaes os jornaes, periodicos, revistas e publicações outras em que batalhou? Porventura somente teria escripto na *Gazeta Official*. (Rio, 1846-48), no *Jornal do Commercio*, na *Semana*, no *Correio Mercantil*, na *Tribuna Liberal*? Não é possivel. Acaso teria produzido prefacios e introduções? Onde se acham? Os seus discursos, as suas cartas, os seus trabalhos de critica e fantasia? E os seus versos? Só

de alguma coisa pouco se sabe. Não havendo deixado livros impressos, teria, todavia, dado á publicidade folhetos ou opusculos? De nenhum temos conhecimento, a não serem *Os cantos de Selma*, numa edição de sete exemplares, publicados em 1872, e transcritos na Revista da Academia de Letras, num. 2, 1910.

Que thesouro, no entanto, não formariam, para a lingua e para a literatura, as paginas eruditas, fecundas, eloquentes, polidas, harmoniosas, ricas, puras e correctas de tão altanado e penetrante engenho?

Lidimo representante do romantismo nas phases em que mais se elle alteou nos carmes dos nossos maiores cantores, não chegaremos a dizer com *Ferreira de Menezes* que *Octaviano* subiu mas alto do que o bardo do *Evangelho das Selvas*, mas certo é que não foi menor que nenhum dos que por melhores são tidos. E' verdade que lhe falta a elle o farto, porque só desferia o plectro por luxo ou desenfado, não se lhe podendo notar o que noutro seria exacto: *Estás com a musa em honesto ocio occupado*. Mas o que lhe mingúa em numero avulta na fragancia e perfume da imaginação.

Galanteador, e ardente nos affectos que se lhe iam abrindo na alma de moço, só raramente se refrangiam no verso os resplendores apollineos e as ardentias da sua inspiração vivaz. Quando isso, porém, succedia, nos dava na lyra repassada de fina delicadeza, verdadeiros mimos de graça em trabalhos de esmerado labor. Taes virtudes faziam parte da sua faculdade criadora e poder de imaginação, incessantemente movidas da commoção esthetica, condição insita do sentimentalismo e sensualismo meridionaes. Retrata-se elle proprio nestas palavras: «... eu não nasci para inglês; tenho muito de meridional no sangue e na imaginação, e os meus gestos devem sentir-se disto. Eu gosto do céu formoso, das arvores viçosas, do pôr do sol, do canto das aves, da fragancia das flores; gosto da poesia, como a sabem fazer em acção os turcos e ara..

bes; gosto das tradições mourescas de Granada, dos descantes espanhóes; da vida folgada e sensual; gosto, emfim do paraíso dos agarenos... o que é facto é que tenho necessidade do silencio, do repouso, de fechar os olhos e de sumir-me por ahí fóra nas minhas recordações, nos seus desejos, nos meus sonhos, e tanto e tanto, que ás vezes se vão horas e até mesmo dias inteiros, sem que outra coisa eu haja feito do que sonhar acordado».

De tudo isso são demonstrações os seus versos de amor, sempre ardentes e ora voluptuosos. A chama do desejo traz em exaltação a obra do poeta, e o leva a tranportes de sonhos de amor:

Oh! si te ameí! Toda a manhã da vida
Gastei-a em sonhos que de ti falavam
Nas estrellas do céu via o teu rosto,
Ouvia-te nas brisas que passavam.
Oh! si te ameí! Do fundo de minh'alma
Immenso, eterno amor te consagrei...
Era um viver em scisma de futuro!
Mulher! oh! si te ameí!

Quando um sorriso os labios te roçava,
Meu Deus! Que enthusiasmo que sentia!
Laurea coroa de virente rama,
Inglorio bardo, a fronte me cingia;
A' estrella d'alva, ás nuvens do occidente,
Em meiga voz teu nome confiei,
Estrella e nuvens bem no seio o guardam,
Mulher! oh! si te ameí!

Oh! si te ameí! As lagrimas vertidas,
Alta noite por ti; atroz tortura
Do desespero d'alma, e alem, no tempo,
Uma vida a sumir-se na loucura...
Nem a aragem, nem sol, nem céu, nem flores,
Nem a sombra das glorias que sonhei...
Tudo desfez-se em sonhos e chiméras...
Mulher! oh! si te ameí! (1)

(1) Recordações.

Poder sobrenatural, ou força inexplicavel, deixa-o em visões de desalento, embalde buscando nos olhos que não falam de amor, um candido seio, um collo de neve e uns labios divinos. Lede o *Condão* :

Eu sei que seus olhos de brando fulgor,
(Bem sei, — que os escuto !)
Se encontram meu olhos, não falam de amor :
Bem sei ; — não me illudo.

Seus labios divinos, de roseo carmin
Em branco velludo,
Se estillam perfumes, não são para mim :
Bem sei ; — não me illudo.

Seu candido seio, seu collo de neve,
A mente de um rei
Nem mesmo goza-los em sonhos se atreve :
Bem sei. . . ah ! se sei !

Sei tudo, meu Deus ! — Mas quero adorá-la
Extatico e mudo.
Baldão de desprezo, por força hei de amá-la,
Eu sei ; — não me illudo.

Que importa um desdem ? que valem rigores ?
Embalde ! — não mudo.
Mas quero enganar-me, morrendo de amores :
Eu sei ; — não me illudo.

Na estrella que brilha, na brisa que passa,
Eu sempre a verei ;
A lousa é que póde findar-me a desgraça,
Eu sei ; — oh ! se sei.

A sua poesia *Esquecimento*, canto de amor e de sentida revolta de um coração desprezado, é uma das joias do seu opulento escriptorio. Assim começa :

Eu te vi e te amei ! Sonhei-te bella,
E toda o meu amor cuidei um dia
Dedicar-te, mulher.
Loucura, foi loucura, porque cedo
Senti que m'entornavas pelos labios
Negra taça de fel.

Como eu te amava . . . só sabe meu peito.
Mas . . . ai ! também sabias, e, no entanto
Tu me foste perjura !
Agora só me resta chorar sempre,
Sempre ! porque esta dôr que n'alma sinto
Somente a morte cura.

Se tinhas de matar a minha esperança,
Insensata ! por que me não disseste ?
Eu não te amára tanto !
Meu pobre coração não soffreria . . .
Nem mesmo derramára em frias bagas
Meu afflictivo pranto !

«Eu não nasci para inglês...» e gosto da vida folgada e sensual, confessa o poeta. Vede-o na A Esphinge, apesar de ser uma paráfrase :

Sphynge, que me queres ? por que vens de improviso
Quasi no fim da jornada, sondar os meus arcanos ?
A idade do poeta envolve o seu segredo ;
Amor aos dezenove, saudade aos quarenta annos.

Saudade ! não de haver, com prodiga loucura,
Aos ventos arrojado, qual cinza sem valor,
Ouro, ambição, triumphos, a voz, o riso, o pranto,
E a primavera humana, que passa como a flor.

Mas saudade pungente . . . de sentir pelas veias
Arder como vulcão de neves coroado,
A chamma inextinguivel dos juvenis desejos . . .
E . . . de não poder mais, amando . . . ser amado ! . . .

Havia em *Francisco Octaviano*, a par do poeta de amor e sorridente, outra natureza que plangia, soffria e chorava. Fôra nelle porventura prematuramente acariciado o convencimento de muito soffrer, parecendo não raro que se comprazia com a propria dôr. Vivera em busca de uma serenidade que sonhára perdida e a quisera restituída, e nesse empenho tinha a melhor fonte de inspiração. Se, porém, como a breve espaço verificaremos, as grandes alegrias da vida lhe doíram o lar dos reflexos de pura e verdadeira fe-

licidade ; se no scenario agitado da vida do homem publico, em que o vemos a batalhar e vencer, tivera os desejos realizados e as aspirações e ambições satisfeitas com os loiros e glórias que alcançou — por que, pois, tão fundamente o penetrára a preocupação do soffrimento ?

O homem que assim fala a Esposa : (1)

Amo-te, ainda, — como a vez primeira,
quando te vi no baile, — ingenua e pura,
e a teus ouvidos — murmurei palavras,
repassadas de amor e de ternura . . .

Brotavam dalma, germinaram logo
no terreno feliz da confiança !
Serena me fitaste — e em teus olhos
meiga e santa acenava-me a Esperança !

Amo-te sempre, como então ! O tempo,
a posse, o mundo, as ambições, a glória,
não têm podido amortecer-me ainda
aquelle instante na fiel memoria !

Amo-te mais ! As dôres que soffreste
para dar-me uma prole abençoada,
mais seductora e bella te fizeram
e ao coração tornaram-te sagrada !

São elos da cadeia que nos prende,
nossos filhos, penhores de ventura,
anjos que o céu nos confiou benigno,
imagens de tu'alma e formusura !

e assim acaricia o filhinho : (2)

São horas de descanso. Vem, innocente anjinho ;
a noite já succede ao dia que se esvae.
Recolhe as asas brancas e pousa no teu ninho ;
dorme, meu filho, dorme nos braços de teu pae.

(1) A Eponina. Maio, 1871.

(2) A meu filhinho. Outubro, 1855.

No meio dos ardores da quadra mais estiva
enviam-te sorrisos o céu e a natureza ;
brinca nos teus cabellos aragem fugitiva,
roça nos labios teus o Anjo da Pureza.

No espaço que medeia do berço á sepultura,
da patria que se deixa, do exilio a que se vae,
é o somno da infancia a única ventura...
Dorme, meu filho, dorme nos braços de teu pae.

e, com a mesma alegria, se revê mais tarde na felicidade prolongada :

Que quadro tão formoso !

Infancia e Mocidade,
Sorriso da Innocencia),
Sorriso da Bondade !
Anjinho ao pé da Santa,
Botão junto da Flôr,
Filho de minha Filha,
Amor do meu Amor !

esse homem, para quem tão docemente corria a vida, só o amargor do scepticismo, que supplanta os affectos para penetrar as faculdades intellectivas, poderia ter-lhe instillado n'alma a sensação dolorosa e sombria. E foi o que, em varios momentos da sua passagem na vida, succedeu a *Octaviano*. Dominava-o muita vez a duvida, e a descrença invadia-lhe o espirito. A sua desillusão presa ao tédio ás coisas terrenas, torna-se manifesta :

«Tudo é pôdre no mundo. Que me importa
Que amanhã se esb'roe e que desabe,
Se a natureza para mim é morta !

E' tempo já que o meu exilio acabe...
Vem, pois, ó Morte, ao Nada me transporta !
Morrer... dormir... talvez sonhar... quem sabe?»

No entanto quando *Francisco Octaviano*, numa sublime sextilha, que só por si lhe poderia trazer a

celebridade de poeta, querendo definir o homem de-
ante das vicissitudes da vida, exclama :

Quem passou pela vida em branca nuvem
E em placido repouso adormeceu ;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não soffreu :
Foi espectro de homem — não foi homem,
Só passou pela vida — não viveu.

elle, ahi não podia estar a descrever-se a si mesmo,
porque, como poucos, fôra um sementeiro de idéas, não
raro victorioso nas pugnas em que se envolvera. Não
falava ahi a voz do coração que de tanta alegria se
inundára, mas a linguagem da incredulidade, para quem
a vida só é soffrimento e a dor o seu apanagio. Esses
tambem soffrem. Outros ha, porem, que soffrem em
razão de fado, destino ou fortuna adversa, e para quem

«.....as noites não teem lua ;
o sol é sem calor ; o ar sem perfume ;
o leito sem enxerga ; a mesa... nua !
os armarios... sem pão ! o lar... sem lume.»

Esses vergam a alma ao peso da adversidade ; não
são, todavia, espectros, senão infelizes. Aquelles en-
frentam o destino, acceitam a vida como luta, propug-
nam os ideaes sonhados, pelem combates renhidos,
«sentem o frio da desgraça», mas resistem e vencem.
Não se incluiria *Octaviano* nesse numero ?

Ouçamo-lo :

«No meio de todas as minhas desgraçadas aber-
rações, no meio dos meus desregramentos, fantasias,
quando tudo se conspira, fortuna, pensamento, mo-
lestia, para me fazerem miseravel... resta-me o direito
de cantar elogios e de dizer como o rebelde e carran-
cudo Milton: «A luta vae travada ; nossas majestades
se encontram. Que me importa o teu raio se eu tenho
orgulho de desprezá-lo ? Elle passa por deante dos
meus olhos, mas não os offusca ; olha para as minhas

sobrancelhas, conservam-se immoveis; nem um só pestanejar meu, nem uma pulsação mais apressada, nem um passo para tras. Qual de nós dois é o mais forte ?»

Não foi, portanto, um simples espectro, mas homem de veras aquelle que tanto soube elevar-se a maior gráu de honras, consideração e dignidades, lutando pela grandeza de sua terra e de sua literatura, de que hoje é gloria legitima.

Não se embebera perennemente a musa do grande poeta na tristeza dos bardos que se entregam ao estado em que o espirito luta contra a treva, contra a afflicção, contra a dor, contra a morte e terminam por se amortalharem nas profundezas do proprio eu. A sua lyra trinou seus triumphos, seus amores, suas alegrias, seus affectos, suas recordações e saudades: (1)

Na manhã deste dia o sol da patria
Vinha aquecer-me o leito em que eu dormia,
E meus filhos com beijos me acordavam
Na manhã deste dia.

De um lado minha mãe me abençoava,
A esposa do outro lado me sorria;
O coração pulsava-me arrojado
Na manhã deste dia.

Como tudo mudou! Hoje, isolado,
Em terra estranha, nebulosa e fria,
Não me veio aquecer o sol da patria
Na manhã deste dia.

Santa mãe! terna esposa! caros filhos!
Não ouvis uns gemidos de agonia?
São ecos da saudade de minha alma
Na manhã deste dia.

Dir-se ha que o conjunto dos seus versos compõe um rosicler de petalas, ou se entreabre numa co-

(1) Recordações da ausencia.

rolla esplendente de luz e ardencias da imaginação tropical.

Viveu *Francisco Octaviano* sempre cercado de muita admiração. Digam o que elle foi, o que valeu, o papel que representou, grandes personagens que o conheceram nos fastigios dos seus triumphos e o viram immergir no somno eterno envolvido na glorificação dos contemporaneos.

Fale *Affonso Celso*, o delicioso poeta que com elle tinha estreita afinidade na doçura do verso e no atticismo do frasear :

«Formosa e original individualidade, fina e primorosa intelligencia, que, nas letras, nas artes, na politica, no fôro, na diplomacia, na tribuna, na imprensa, deixa luminosos e indeleveis vestigios. Não sei porque, ao pensar nella, envolto nas nossas lutas partidarias, acode-me a idéa de uma graciosa columna de marmore hellenico, emergindo do meio de chatas e pesadas construcções.»

«Na diplomacia,» escreve o professor *Fausto Barreto*, «foi um representante conspicuo da nacionalidade brasileira ; na politica foi sempre o antesignano das idéas adeantadas ; no parlamento, foi o exemplar do que de mais bello e correcto pôde seguir o representante da nação ; e na literatura foi o talento proteiforme, que aos leitores deliciava, assim nas coisas ligeiras da poesia amena e travessa como nos carmes mais alevantados, que o publico prendiam pela delicadeza, elegancia, correcção e vernaculidade da linguagem. Se valor tivessemos, accrescenta o conhecido pedagogo, diriamos que o mavioso poeta *Francisco Octaviano* era o primeiro dos literatos brasileiros.»

Chamava-lhe de mestre *Jose de Alencar*. *Machado de Assis* nelle viu um homem. «Homem pelo que soffreu. Homem ainda pelo complexo de qualidades superiores de alma e de espirito, de sentimento e de raciocinio raros e fortes, taes que o apparelharam para a luta,

que o fizeram artista e politico, mestre da penna elegante e brilhante.»

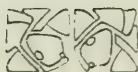
Julgue-o, por ultimo, *Lafayette Rodrigues Pereira*, o genio da jurisprudencia e, tambem, cultor esmerado da lingua :

«Octaviano é porventura o brasileiro que neste seculo escreveu o portuguez com mais pureza, propriedade, graça e elegancia, reunindo o dom da clareza á excellencia da concisão. Tudo que caiu da sua penna, verso, folhetins, critica, artigos politicos e até as cartas particulares, são primores de pensamento e de frase. Compreendeu e realizou melhor do que ninguém entre nós o typo do que é e do que deve ser o jornalista politico, este agitador de idéas e discutidor de factos. Interpretava com maravilhosa sagacidade o pensar, o sentir, as preoccupações e ansias do dia e as traduzia em artigos curtos, vivos, incisivos, scintillantes de espirito e de finissima ironia, sempre á luz e sob o logica de seus principios. E' ahí que está o segredo da magica influencia que exercia na opinião publica. Cada leitor sentia-se encantado porque se lhe deparava expresso numa lingua clara e formulado com nitidez e precisão o que na mente lhe fluctuava vago e indeciso. Na critica literaria culminava por um juízo firme, seguro, infallivel, que desenvolvera, educara e fortificara a cultura intelligente dos mais bellos monumentos das letras antigas e das modernas. Deram-lhe os contemporaneos e com plena justiça o sceptro da critica. As *Semanas* que por muitos annos escrevera para o *Jornal do Commercio*, são verdadeiros modelos do genero que ainda hoje entre nós não foram iguallados. Nas poucas composições poeticas que deixou, que delicadeza de sentimento, que formosura de idéas, que harmonia de lingua, que atticismo? Octaviano possuía ainda em gráu eminente os talentos do homem de Estado. Intelligencia de rara penetração, via com admiravel segurança o dia de amanhã. Sabia o passado e tinha a intuição do futuro. Não cultivou com assi-

duidade a tribuna politica ; mas os discursos que proferiu numa e noutra camara, de que foi ornamento, pela solidez e elevação de pensamento, pela correcção da forma, perfeita intelligencia das circumstancias do debate, pelo espirito e pela agudeza e velado do sarcasmo, lhe asseguram, fóra de toda a duvida, as palmas de orador parlamentar.»

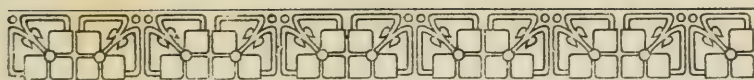
Que mais se poderia dizer em louvor de um nome, dos primores de uma intelligencia, dos cabedaes de uma cultura, das finas virtudes de uma bondade e dos triumphos de um batalhador ? E quem mais e melhor do que desse homem e dessa vida poderia dizer do que disseram *Affonso Celso*, *Lafayette*, *José de Alencar*, *Machado de Assis* e *Fausto Barreto* ?

Antes que lhe tessessem, tesseu *Franciseo Octaviano*, elle mesmo, das suas virtudes e loiros, a corôa com que a posteridade havia de cingir-lhe a fronte.





Paranapiacaba



BARÃO DE PARANAPIACABA

(S. PAULO, 1827 — 1915)

Era um coração sensível e bom o deste illustre compatriota, dotado além disto de uma intelligencia vigorosa e culta. Sem embargo, no entanto, dos seus grandes esforços, dos seus altos meritos e da respeitabilidade do seu nome, por todos os titulos digno de respeito e admiração, não se livrara elle dos golpes que lhe vibrara a maledicencia, aos quaes soube oppor sempre a serenidade do seu animo generoso, magnanimo e varonil. Deante do enxovalho, do remoque, ou do insulto, é essa resistencia calma e tranquilla o fruto de uma convicção moral, alimentada no reconhecimento do proprio valor. Para a manter ha-se mister, sem duvida, de saber soffrer bastante. Viveu o barão de *Paranapiacaba* a sua longa vida a trabalhar honestamente e a proficuamente produzir. Actuou febrilmente em prol das letras; e ahi estão as suas versões para o portuguez das tragedias de *Sophocles*, de *Eschylo*, de *Euripides*; dos poemas de *Byron*, das comedias de *Aristophanes*, das fabulas de *La Fontaine*, dos versos de *Virgilio*, *Ovidio*, *Lucrecio* e *Horacio*, além de outras traducções.

Deante dessa obra monumental, não se forraria *João Cardoso de Menezes e Sousa* dos botes da mal-

dade humana, porque a polilha da inveja, proliferando em toda parte, nem sequer poupa as altas vestiduras com que se adornam os fecundos e optimos engenhos.

Não havia o barão de *Paranapiacaba* de receber dos coevos, incolume e illeso, louvores, gabos e applausos ao seu abençoado esforço e á sua grande obra. A' espreita e de vigia, ha sempre uma alcateia de pessôas mal intencionadas e perversas, que são esses «homens invejosos de todos os triumphos literarios, a quem faz falta o ar que os outros respiram, e cuidam que se acabam as palmas, quando a mão da publica opinião ceifou algumas para um mortal qualquer.» Não lhe faltaram chufas, zombarias e calumnias. Com a intenção malevola de uma allusão acerba, procuraram acrosticar-lhe o nome com um epigramma chulo. Chamaram-lhe «Barão de *Nuncamais-seacaba*», cegos de verem com os olhos da verdade, neste epigramma, a transparencia da realidade de uma vida de oitenta e oito annos, toda cheia de bons serviços, de actividade luminosa, e de resplandecencia dessa claridade benefica com que Deus faz avantajarse em riquezas as intelligencias privilegiadas. O que vale ao barão de *Paranapiacaba*, como a todo aquelle que trabalha e tem valor, é que ao cabo de tudo, os invejosos ficam amortalhados no desprezo dos homens de bem.

As suas obras são monumentos inconfundiveis, que lhe attestam os attributos do espirito, a grandeza do engenho, a energia da vontade e os fecundos esforços de uma inaudita actividade. «Nas eminentes e singulares excellencias do teu genio,» escreveu o conselheiro *Lafayette*, «tens todos os dons e todos os subsidios, de que careces, para da terrivel batalha, saires com as palmas da victoria.» E' certo que ninguém mais do que o eminente traductor do *Prometheu Acorrentado* tem jus a ser um victorioso, e a manter o seu nome cercado da admiração publica. Dóe, no entanto, verificar que o vae cobrindo o manto de injusta

indifferença, o qual só devera envolver nomes que immergem no silencio eterno sem que deixem da sua passagem pela vida, traços indeleveis de esforço, civismo, intelligencia e cultura.

No quanto propugnou em prol do engrandecimento das letras, está o seu esforço. E' espelho do seu civismo a sua vida, que foi uma actuação incessante em bem da patria. Da sua cultura e vivacidade intellectual dizem não sómente a vasta obra politica que nos deixou, mas ainda, e principalmente, as suas traducções, modelos de penetração de espirito, de vernaculidade e dos mais solidos conhecimentos literarios.

«Para abalançar-se alguém», pondera *Quintino Bocayuva*, «a esse ousado empreendimento de verter para a lingua portuguesa» *Byron, Sophocles, Eschylo, Euripedes, Virgilio, Ovidio, Lucrecio, Horacio*, etc. «é necessario que o traductor esteja familiarizado com as opulencias do proprio idioma e com os segredos da lingua morta ou da lingua estranha da qual procura trasladar» aquelles autores. «Não é tarefa essa de que se possa encarregar um espirito vulgar, ou mesmo um espirito, embora culto e instruido, porém, não apparelhado por vocação poetica, por severos estudos, por competencia real para affrontar e vencer as difficuldades de semelhante empresa. . . Na lingua portuguesa não conheço senão um poeta ao qual posso comparar, pela maestria da execução, o poeta brasileiro, e esse é *Antonio de Castilho*...»

Nas obras do barão de *Paranapiacaba*, cuja relação abaixo publicamos, verá o leitor que nellas tem a lingua um thesouro de frases, locuções, dizeres e vocabulos de pura e verdadeira origem. A linguagem é sempre polida, esmerada, não raro elegante, concisa e clara.

As suas traducções, para as quaes não bastariam pertinacia e intelligencia, revelam muito esforço de investigação e conhecimento completo das letras gregas e romanas. As difficuldades que se antolham a

qualquer traductor para verter os auctores gregos e romanos não são pequenas, e recrescem consideravelmente quando se trata de traducções de versos. Venceu-as, no entanto, o traductor brasileiro, de maneira tal que dos seus trabalhos podemos dizer o que do *Prometheu*, escreveu o conselheiro *Lafayette*: «O Prometheu de Eschylo, traduzido pelo barão de Parana-piacaba, viverá nas nossas letras como um monumento de boa e grande poesia e como um modelo de vernaculidade, sem os requintes de um purismo de mau gosto.»

As suas composições originaes, quer em prosa, quer em verso, teem as mesmas qualidades de expressão e os mesmos meritos literarios das suas versões. Do prosador bastará citar, por pagina magistral, o *Elogio Funebre de Camillo Castello Branco*, homenagem da sua admiração ao portentoso artista da prosa e admiravel romancista.

Rematamos estas linhas com o que a seu respeito disse o illustre professor *Carlos de Laet*:

«De infatigavel applicação ás letras, dão prova os muitos primores do seu opulento espolio. Desde que, em 1846, estampou um primeiro livro de versos, a *Harpa gemedora*, titulo que assás denuncia o influxo romantico a que obedecia o poeta, até os ultimos dias da sua longa existencia, nos quaes se occupava de colligir e limar o que de melhor havia produzido, publicando em 1910 as *Poesias e prosas selectas*, nunca João Cardoso cessou de consagrar á litteratura uma devoção sincera, e que nem por despremiada admittia o desanimo. Quando em si não achava a força das grandes concepções poeticas, folgava de nos outros encontrá-las, e constituiu-se traductor. Assim traduziu Lamartine, tornando vernaculo o *Jocelyn*; e ao português trasladou Byron e La Fontaine, na versão de cujas fabulas excedeu pela fidelidade, alliada ao impecavel da forma, todos quantos nesse tentame o haviam precedido. A traducção é ao pé da letra (disse por occa-

sião da morte do velho Paranapiacaba o *Jornal do Commercio*), palavra por palavra e na mesma ordem: mas por um milagre vemos os versos franceses transformarem-se á nossa vista em deliciosos versos portugueses, doces, cantantes com a frescura e simplicidade do meigo poeta gaulês.»

Deixou-nos a penna de tão prestante compatriota as seguintes obras, entre outras:

— *Fabulas de La Fontaine*, vertidas e annotadas.

Dois volumes: o 1º em 1886, Rio; o 2º em 1887, Rio.

— *Camoneana Brasileira*, homenagem a Camões. Rio, 1886.

— *Elogio Funebre* de Camillo Castello Branco, Rio, 1891.

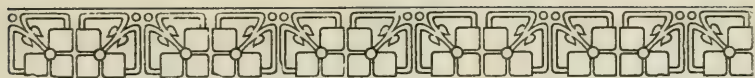
— *Prometheu Acorrentado*, original de Eschylo, vertido literalmente para o português por D. Pedro II. Trasladação poetica do texto. Rio, 1907.

— *Poesias e Prosas Selectas*. Dois volumes: o 1º em 1910; o 2º, de traducções, em 1911. Rio.





Antonio Macedo Costa - Bispo do Pará



BISPO DO PARA'

(Bahia, 1830-1891)

Distinguem-se na vida gloriosa deste eminente prelado duas phases diversamente caracterizadas, deante das quaes, porém, nos enchemos da mesma admiração de que se deixou possuir *Antonio Castilho* deante da grandeza de *Monte Alverne* : « Quanto não seria preciso de talento, de estudos, de zelo, de merito real para tanto sobresair um amortalhado ! »

A primeira dir-se há celere ascensão para os cimos do saber ; a outra, immensa sequencia de grandes serviços á patria, ás letras e á crença religiosa.

Cedo lhe despertára a intelligencia, que já alveja-ra com fulgores. Foi no Seminario Episcopal da Bahia que começou aquella ascensão. No de São Sulpicio em França entregou-se ás disciplinas ecclesiasticas, e de tal feição o fez, tanta intelligencia mostrou, tamanha applicação revelou e tanto aprendeu que entre as laureas que conquistára não fôra a menor a declaração que lhe levaram os professores daquelle notavel instituto de que nada mais tinham que lhe ensinar.

Na igreja metropolitana de Paris, aos dois de junho de 1855, recebia prima tonsura ; no anno seguinte eram-lhe doadas as ordens menores e, logo depois, declarado subdiacono, dianoco e presbytero em 1857,

tudo solennemente na igreja parochial de São Sulpicio. Seguiu para Roma, em cujo lyceu pontificio de Santo Apolinario recebeu os gráus de bacharel e licenciado; em 1859, recebia o gráu de doutor, sendo-lhe conferido o titulo em letras testemunhaes.

Detenhamo-nos um momento, como diria *Castilho*, a respirar de tão accelarada ascensão, para o vermos, um anno apenas depois, na sua patria, sagrado bispo do Pará, aos trinta annos de idade.

Vinte annos, informa os Sr. *José Luiz Alves*, ao fazer-lhe o elogio, no Instituto Historico, «vinte annos dirigiu os destinos daquella vasta e rica diocese, conquistando amizade e sympathta das ovelhas do rebanho que Deus quis confiar á sua paternal solicitude, tanto pela amenidade e delicadeza do seu trato e por sua docilidade e brandura, como pela severidade e moralidade dos seus costumes, a nobreza da sua alma, a energia inquebrantavel do seu character, a moderação e rectidão da sua justiça, fulgores da sua vasta sabedoria e pelo brilho das raras e apreciaveis virtudes que ornamentam a sua sagrada pessoa.» (Rev. t. 55. p. 453).

Quando em 1869, o papa Pio IX convocou o Concilio Ecumenico, facto raro, pois que o ultimo Concilio tinha sido o de Trento, no seculo XVI, nessa notavel assembléa, em que se congregaram as maiores summidades da Igreja, tomou parte *D. Antonio de Macedo Costa*. Ahi, para honra de seus país e gloria de seu nome, resplandeceu o seu saber, brilhou a sua intelligencia e o seu verbo rutilou. «Quando lhe coube a vez de falar», diz o seu citado panegyrista, «ergueuse no meio do mais profundo silencio, pronunciou eloquentissimo discurso. Sua palavra facil e fluente foi ouvida com a maior attenção. Dir-se-ia que era elle o novo Paulo, falando na Assembléa dos Cardeaes e dos Bispos, e se o erudito Arcebispo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres com os altos recursos do seu luminoso talento e com a rara verbosidade

dos filhos de Sua Ordem tanto se salientou no Concilio do Trento, pugnando com veemencia pelas mais palpitantes reformas da Igreja, o douto prelado paraense a exemplo daquelle insigne luzeiro do Episcopado Português muito se notabilizou pela gentileza com que defendeu o poder do Soberano Pontifice provando com o rigor de sua palavra sonora e arrebatadora que lhe irrompia dos labios quaes relampagos do seio das nuvens o quanto era familiar na lingua immortal de Boussuet e Fenelon.»

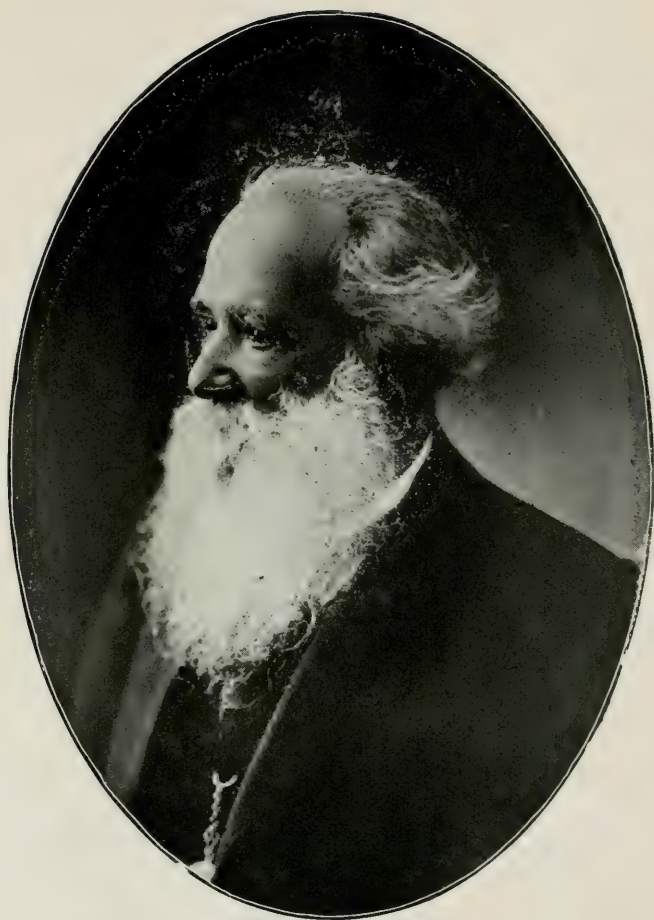
Agita-se, em 1870, em razão de severas medidas ecclesiasticas tomadas por D. Frei Vital, Bispo de Pernambuco contra certas irmandades a questão religiosa. Nella teve parte salientissimo e Bispo do *Pará* em defesa das prerogativas da Igreja, de que se revelou um amigo devotadissimo.

Quando foi decretada a separação da Igreja do Estado, já no regime republicano, o papa Leão XIII lhe conferiu a alta dignidade de Arcebispo metropolitano da Bahia e primaz do Brasil.

Data precisamente do anno em que subiu á dignidade de bispo, em 1860, a sua actividade intellectual. Neste anno publicou na Bahia, sob o titulo *Pio IX, pontife e rei*, um estudo acerca das principaes objecções sobre o poder temporal. Successivante, deu á publicidade os seguintes trabalhos: *Carta pastoral*, Pará, 1861; *Instrucção pastoral*, Pará, 1861; *Memoria*, sobre ensino ecclesiastico, Pará, 1863; *Resposta ao ministro do Imperio*, Pará 1864; *As Ordens Religiosas*, Belem, 1864; e dahi por deante muitas outras cartas pastoraes e discursos. Entre as suas producções, porem, salientam-se, não só pelo assumpto, como pelo rigor de vernaculidade, belleza e fluencia do estilo, as que se intitulam *Direito contra o direito*, Rio, 1874; *Resumo da historia biblica*, New-York, 1872; *Resposta do Bispo do Pará aos seus accusadores*, Pará, 1879; *A Amazonia*, Rio, 1883; *A Questão Religiosa no Brasil*, Lisboa, 1886; *O Barão*

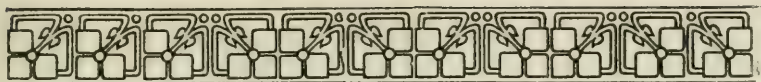
de Penedo e a sua missão a Roma, e a *Liberdade de cultos*, ambos no Rio, em 1888. Nellas a sua lingua é realmente de mestre, para quem não existem segredos e embaraços no escrever. Se não attinge os requintes de exagerado purismo sabe todavia aprimorar a sua forma, que lhe sae sempre correcta, elegante, clara e incisiva, podendo-se dizer que muitos dos escriptores estranhos a cujas obras temos o vezo de dar primazia no estudo da lingua, nenhuma vantagem lhe levam nas qualidades e primores de vernaculista.





Ernesto Carneiro Ribeiro





CARNEIRO RIBEIRO

((BAHIA, 1838-1920))

Não raro a qualidade de grammatico exclue a de bom escriptor. Contraria á propria logica, seria paradoxal esta asserção se não na corroborassem os factos. A disciplina grammatical fecha, limita e cerceia a liberdade no escrever, de jeito tal que quem a tem por mister habitual, aterrado com a visão do erro, se sente tolhido de penna e mãos. Dessa ordem de estudiosos não tem vindo, portanto, para a lingua bons estilistas e, nem sequer, como fôra natural, escriptores de linguagem lidimamente escorreita.

O nosso *Julio Ribeiro*, grammatico notavel e innovador, serve de exemplo da inconsequencia do syllogismo que deveria dahi resultar, em razão de que todo autor de grammatica de determinanda lingua, deve necessariamente saber escrevê-la. Mas em regra assim não se dá. Os grammaticos observam, systematizam, prescrevem normas, legislam, mas não se fazem escriptores. Ha-os todavia que são optimos, e bastará notar de momento *Ernesto Carneiro Ribeiro*, *João Ribeiro* e *Pacheco Junior*, grammaticos conceituados e ao mesmo passo, modelos de escrever, assim na correcção da linguagem, como na elegancia e ornato do estilo.

Legou-nos o saber linguistico do grande professor bahiano obras que são verdadeiros monumentos á nossa lingua. A não ser a Replica de *Ruy Barbosa*, não sabemos de outros livros que, na literatura philologica, excedam a importancia dos «Serões Grammaticaes» e «A Redacção do Projecto do Codigo Civil», em resposta a *Ruy*, que aos «Serões» chama «magnifico thesouro de saber philologico e bôa linguagem vernacula, onde ainda os mais doutos encontram muito que aprender». Quanto a «A Redacção do Projecto do Codigo Civil» bastará lembremos que foi com esse livro que o douto bahiano, de potencia a potencia, de igual para igual, gigante com gigante, terçou armas com o autor da Replica, armas que os contendores, gloriosos ambos, ensarilharam, victoriosos de parte a parte, e convencidos de que alguma coisa ha invulneravel na vida: o respeito mutuo entre dois homens de bem.

Ruy Barbosa discutiu, explanou, defendeu-se, inflammou-se, assombrou; nunca, porém, aspirou a vencer o velho, querido e primeiro mestre. *Carneiro Ribeiro* discorreu, disciplinou, discutiu, replicou, sem jamais haver revelado o proposito de empanar o brilho do glorioso discipulo. Ambos nobres e dignos um do outro. Se algum traço pessoal tivessemos de por em relevo nessa, a todos os titulos, admiravel polemica, seria o requinte da polidez e suprema manifestação dos sentimentos delicados do professor *Carneiro*, que soube levar ao auge do maior apuro os grandes predicados de educador. A par disto, as suas qualidades de expressão, a nobreza, a graça, o adorno do estilo, a correcção, a propriedade e pureza da linguagem, de que se elle nos patenteiou modelo dos mais completos. Esmata-lhe ainda o estilo um que de precisão e naturalidade que lhe imprime á maneira de dizer o sello de inconfundivel individualidade. Esta a qualidade que o distingue do commum dos gramma-

ticos, que intentam ser escriptores, mas não logram adquirir individualidade.

Deixou-nos ainda o professor *Carneiro* paginas literarias, que são mimos de dicção de uma lingua culta, abundante, harmoniosa e pura, e nos quaes manifesta a sua bem feita e solida cultura humanista. A «Conferencia acerca do padre Antonio Vieira considerado como classico da lingua portuguesa» (1897), a conferencia sobre a «Educação em suas relações com a moral» 1915, e o discurso que proferiu na sessão inaugural da Academia Bahiana de Letras, em 1917, são paginas formosissimas e de proveitosa leitura.

Os seus trabalhos propriamente de philologia são os seguintes :

— *Gram. Portuguesa Philosophica*, Bahia, 1881.

— *Elementos de Grammatica Portuguesa*, Bahia, 1885.

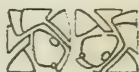
Conta hoje seis edições feitas em 1887, (esta segunda informa *Bernardino de Sousa*, foi cuidadosamente revista pelo autor), 1890, 93, 98 e 911.

— *Serões grammaticaes*, ou Nova Grammatica Portuguesa, cuja 1^a ed. foi publicada em 1890, na Bahia, e ahi tambem feita a 2^a. revista e consideravelmente augmentada pelo autor, 1915.

Ligeiras Observações sobre as emendas do dr. Ruy Barbosa feitas á redacção do Projecto do Codigo Civil, 1902.

— *A Redacção do Projecto do Codigo Civil* e a Replica do dr. Ruy Barbosa, Bahia, 1905.

Para melhor conhecimento da vida e obra do grande brasileiro, indicaremos ao leitor o trabalho que a seu respeito publicou, em o numero 5 da «Revista de Lingua Portuguesa», o notavel professor *Bernardino de Sousa*, discipulo e genro do philologo.





Machado de Assis



MACHADO DE ASSIS

(RIO, 1839—1908)

Era *Machado de Assis* pouco entrado em annos, — pois vinte e cinco apenas é que lhe sorriam, — quando escreveu a narrativa de um advogado, uma das joias da serie innumeravel dos seus contos. Dir-se-ia que, no trato com as grandes letras, madrugara nelle o genio do escriptor, genio afortunado, que o destinára, ao cabo da sua gloriosa ascensão a ser o que lhe chamou *Ruy*: — «classico da lingua, mestre da frase, arbitro da letra, philosopho do romance, magico do conto, joalheiro do verso, exemplar sem rival, entre os contemporaneos, da elegancia e da graça, do atticismo e da singeleza no conceber e no dizer».

Aqui estão dois nomes que, nas justas de oiro e medida incerta se consorciam no mesmo culto fervoroso da lingua, que os tem por modelos da sua opulencia, da sua grandeza, da sua magia e casticidade. Um, é o do escriptor desmedido, maravilhoso nos surtos da eloquencia e no grandiloquo do estilo, insuperavel; o outro é o do escriptor medido, brando, e, na elegante doçura, incomparavel. No primeiro, a

lingua pendúla do arrebatamento ao divino, como galho de vegetal gigante açoitado de ventania subita e violenta ; no segúndo oscilla a lingua da natural singeleza á suavidade de sons que se perdem. Em *Ruy* ha o escriptor que espanta e atordôa, de eloquencia inimitavel e triumphante ; em *Machado de Assis* ha o escriptor que deleita e encanta, a de linguagem inexhausta de agudezas, suave e breve. Em ambos, a mesma propriedade, e a expressão vernacula sempre elegante, ornada, castiça e aurea.

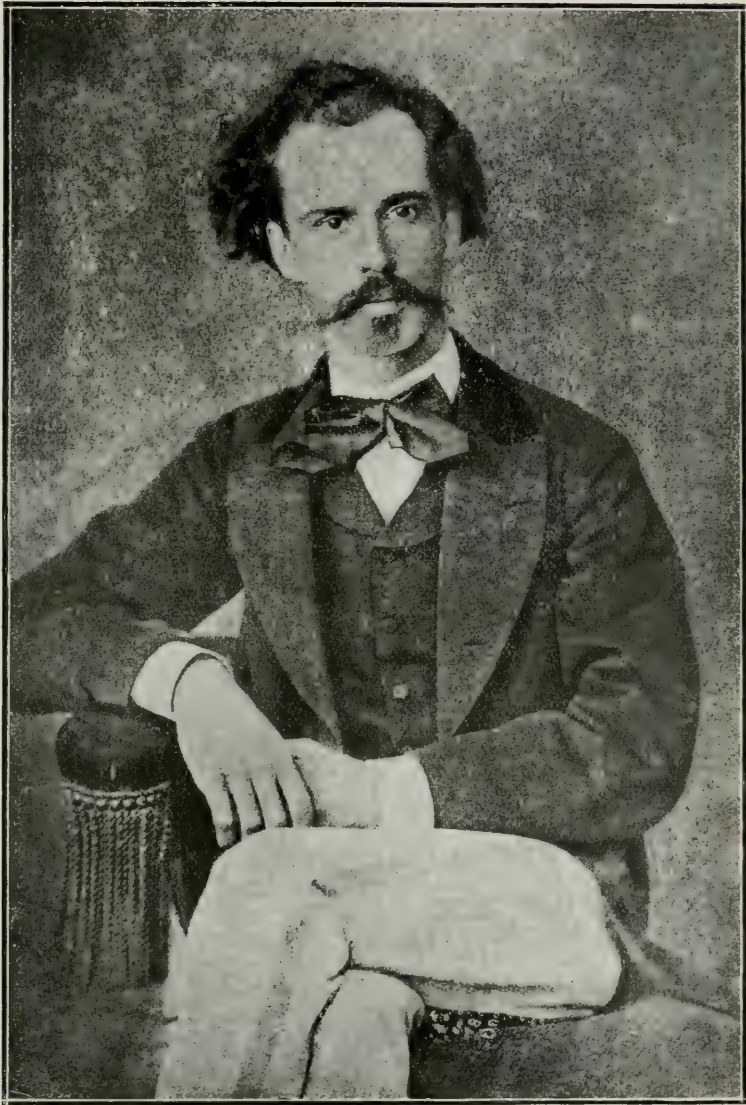
Foi *Machado de Assis* na sua epoca o mais consagrado e querido dos literatos : envolvia-o um ambiente de carinhos, attenções, consideração e respeito, que só o lograriam formar as intelligencias superiores e singularmente dotadas como a sua. E' que como homem fôra uma consciencia pura, serena, crystalina e immaculada ; como literato foi o que inculcam estas palavras, com as quaes nos deu a penna de *Lafayette* o mais exacto retrato do eminente escriptor :

«As pessoas de alguma cultura literaria, familiarizadas com os escriptos do Sr. Machado de Assis, reconhecem que é elle um dos nossos estilistas de melhores quilates. A estrutura do seu periodo é singularmente bella. As palavras e as orações organizam-se e concatenam-se em uma ordem lucida, como pede o genio da lingua, e a logica do pensamento. E' conciso e não pobre no dizer. A frase é ás vezes notavel pela força de expressão, não tanto pela imagem, como pela alliança insolita ou pelo contraste das palavras. O pensamento, cheio e sobrio, corre desembaraçadamente em uma linguagem folgada e não contrafeita. Não tem pretensão ao grandioso, ao sublime, ao campanudo, ao retumbante, mas sabe dizer com precisão, propriedade e agudeza o que pensa e o que sente.

Quem reune dotes taes é certamente um escriptor

de grande distincção. Mas não é só isso. Não raro, pela bella organização do periodo, pela nobreza das palavras, pela propriedade e precisão da expressão e por um certo polimento, o Sr. Machado de Assis, toca a essa graça, a essa flôr de elegancia, que os athenienses chamavam *atticismo* e os romanos *urbanidade*». (*Vindiciae*, p. 34).





Pacheco Junior



MANOEL PACHECO DA SILVA JUNIOR

(RIO, 1842-1899)

Temos em mãos os trabalhos seguintes do professor *Pacheco Junior* :

Ariosto e Tasso, dissertação para o concurso da cadeira de literatura geral e lingua portuguesa do Externato do Imperial Collegio de Podro Il, Rio, 1878;

Grammatica Historica da Lingua Portuguesa, Rio, 1878;

Promptuario do Escriptor Português, Rio 1887.

Noções de Grammatica Portuguesa, de collaboração com *Lameira de Andrade*, Rio ;

Noções de Samantica, publicação postuma, Rio, 1903.

Na *Imprensa Industrial*, revista de literatura, sciencias, etc. Rio, 1876-77, publicou estes trabalhos: *Do Estudo da Philologia*, v. I. p. 3; *O nosso Indigena*, id. p. 131; *Poesia dos Hebreus*, do dr. Velho da Silva, v. II, p. 467 e 521; e *Estudos da Lingua Vernacula*, id, p. 556, 623 e 720.

Na «*Revista Brasileira*», phase de 1879, deu á publicidade: *A proposito de algumas theses aventadas pelo sr. Thephilo Braga* nas suas producções literarias, t. I, p. 116, t. II, p. 497; *Reforma da Orthographia Portuguesa*, id, p. 495; *Giverziou Breiz*

Izel (Cantos a populares da baixa Bretánha), t. III, p. 154; *O Dialecto Brasileiro*, t. v. p. 408; e *Uma questão glottologica*, t. IX 502. Na mesma revista, em sua terceira phase, em 1895, tambem escreveu — *Notas e Observações*: — Uma forma verbal arcaica t. V. p. 57.

A tanto monta, parece-nos, a obra do grammatico, do linguista e do escriptor. Pequena embora, é bastante todavia para conferir-lhe o titulo de prosador exemplar, cujos meritos não os logrou annullar nem a estreiteza, nem a tortura do logomachia grammatical. Foi bom grammatico e optimo escriptor.

Vae-se deste modesto professor pouco a pouco amortalhando o nome na poeira dos annos. A não ser um ou outro admirador seu, como o intelligente moço *H. de Silva Lima*, porventura o unico que lhe tivesse consagrado desenvolvido estudo, ninguem lhe recorda os subidos merecimentos, no que ha dolorosa injustiça.

Desde 1878 quando mediante concurso se fez professor do Pedro II, jamais deixou de propugnar o desenvolvimento do ensino do idioma vernaculo, consoante as modernas conquistas da sciencia da linguagem. Contemporaneo das nossas summidades na philologia, nomeadamente *Lameira de Andrade*, *Julio Ribeiro*, *Aureliano Pimentel*, *Carneiro Ribeiro*, *Baptista Caetano*, *Carlos de Laet*, *Heracito Graça*, *Velho da Silva*, *Fortunato Duarte* — não fôra o seu esforço nem menor nem menos brilhante e fecundo que o de qualquer delles. Pelo contrario, na revelação dos ultimos progressos da philologia, mórmente da philologia historica, de que pôde, entre nós, ser tido por seu iniciador, no trato com os mais notaveis glottologos, no emittir, defender e propagar doutrinas e idéas proprias, não cremos que nenhum se lhe avantajasse, nem lhe ganhasse a palma. Como escriptor sabe manter a vernaculidade da lingua e alçá-la ao mesmo brilho com que a meneiam *Laet*, *Aureliano*

Pimentel, Carneiro Ribeiro, Velho da Silva e Heraclito Graça; como philologo, com excepção do professor *João Ribeiro, Carneiro e Julio Ribeiro*, nenhum deixou obra igual a que ahi lhe está a perpetuar o nome.

Sem pretender revoltar-se contra a autoridade tradicional da lingua, antes a defendendo e acatando, declarou-se um dos mais fervorosos adeptos da aspiração que consubstanciara *Macedo Soares* nas duas linhas que servem de prologo ao seu «Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa»:

«Já é tempo de os brasileiros escreverem como se fala no Brasil, e não como se escreve em Portugal.»

A differenciação do falar e escrever brasileiro, objecto de infundadas e acrimoniosas censuras de criticos de Portugal «tem em seu favor», diz *Lameira de Andrade* e com elle *Pacheco Junior*, «alem das causas naturaes que a sciencia descobre e aponta, a vantagem de uma suavidade maior em varios sentidos. E' claro que, por exemplo, José de Alencar não poderia sem maximo ridiculo, escrever a sua bellissima *Iracema* na feição pesada e grossa do quinlentismo classico, que tão de perto trespasa ao fragmento da *Cava* e á canção de *Guesto Ansures*». Fôra licito, comtudo exigir em *José de Alencar*, ao lado da sua assombrosa belleza de estilo, maior correcção de linguagem, ou, pelo menos, menor infringencia dos canones fundamentaes da verdadeira lingua escripta, visto que a liberdade daquella differenciação tem o limite que lhe é traçado pela linguagem erudita, a qual naturalmente se desenvolve, progride, evolve, mas ligada sempre ás condições em que se ella formou e aos antecedentes que a produziram.

A linguagem de um povo, já como parte da sua historia natural, já como phenomeno da sua philogenesis, soffre a influencia dos elementos e factores connexos á sua natureza, nunca, porém, transformações.

e alterações radicaes, que lhe queira impôr a paixão de homens dominados da rivalidade de patrias.

Pacheco Junior soube ser avisado propugnador da autonomia da lingua nacional, sem se deixar inspirar dos sentimentos dessa mesquinha rivalidade. Compreendeu, como todos devem compreender, que a lingua portuguesa, sendo hoje brasileira, continua a ser a mesma lingua portuguesa.





Francisco de Castro



FRANCISCO DE CASTRO

(BAHIA, 1857-1901)

Natural da Bahia, onde nasceu em 17 de setembro de 1857. Fallecido nesta cidade em 11 de outubro de 1901. Notabilizou-se como professor e medico. Escriptor distinctissimo, possuia grande conhecimento da lingua.

Os *Elogios historicos*, proferidos em sessões anniversarias da Academia Nacional de Medicina, nos annos successivos de 1884 a 1886, são paginas da sua juventude literaria, primeiras producções em que já resplandecem as opulencias da sua linguagem e que, sós por sós, lhe deram *ab initio* justa preeminencia entre os mais inspirados e brilhantes estilistas. Depara-se-nos ahi, é certo, inobservancia de regras, como as que regulam o synclitismo pronominal, hoje despoticamente prescriptas pelos legisladores do vernaculo aos que o cultivam e meneiam; advirta-se, porém, que no tempo em que ellas lhe saíram da penna, a questão da collocação dos pronomes ainda não era, como hoje o é, padrão por onde se aferisse a correcção da linguagem escripta. A infringencia locativa desses casos obliquos passava despercebida aos mestres de então, como desattendida passara ao moço escriptor, cuja eloquencia dardejava raios de

luz, que tanto illuminaram as sessões anniversariantes da Academia Nacional de Medicina. *Ruy, Ramiz, Laet, Baptista Caetano, Fausto Barreto, Machado de Assis, Julio Ribeiro, Carneiro*, só para declinar os maiores nomes, perpetraram faltas iguaes. Não andariamos, com acerto, portanto, se privassemos os leitores de conhecer ou reler as paginas de raro brilho que são os elogios academicos de *Francisco de Castro* e por isso os incluimos no volume que lhe foi consagrado na *Estante Classica*. Não deixam ellas de ter sabor vernaculo porque jorrassem, como veios de fonte crystalina, cuja pureza ainda porventura a toldassem algas ou sarças emmurchecidas. Quando lhe saíram da penna os primeiros trabalhos literarios, já o predestinara a fortuna a ser classico, porque nelle juntas já se revelavam as qualidades do grande escriptor, cunhadas da originalidade que as distinguia, entre as quaes essa que lhe era caracteristica: ser elegante, pintar e expressar idéas com graça, distinção e belleza inexcediveis. Começara o grande medico nas letras empunhando a penna com a eloquencia dos raros modelos do bom dizer, de quem nos ficam as frases lapidares, que soem condensar os recursos e seducções da lingua, e das quaes a cada passo fazemos uso, citando-as, em oportunidades emergentes:

«*A Patria já brazona a gloria do seu nome !
O bronze ja pleiteia a posse dos seus traços !*»

Eis como já em 1881 encantava os nossos ouvidos a sua eloquencia.

Pouco depois, nos seus elogios, a linguagem, o estilo, na exuberancia do dizer, se ostentava em lances, como estes, verdadeiramente á altura dos oradores que triumpham :

«Honra lhes seja por haverem conscienciosamente solvido os compromissos congenitos á pratica do labor medico, e mostrado com o seu

exemplo que o mais santo dos apostolados é aquelle que se exerce junto ás dores e misérias humanas, fazendo lourejar pelas estancias da vida os reflorescimentos da saúde e abrindo na espessura da desesperança larga brecha para a claridade benefica das consolações.»

A que altura se não teria alçado este escriptor, se a morte, tão cruelmente, no-lo não houvesse arrebatado aos 44 annos, idade em que principia a gloria a collocar os seus eleitos nos umbraes da immortalidade !

Ao publicar, em 1893, o seu trabalho em defesa do *Invento de Abel Parente*, que foi um brado de humanidade e de consciencia, entrado era *Castro* no vigor da intelligencia, pois 35 annos vencidos eram na idade. Decorrida lhe estava a primeira mocidade, e com ella lá tambem se foram as vacillações das primicias literarias, que lhe contrastavam com os encantos do fulgor innato da sua linguagem.

E' desse seu trabalho que devemos considerar no escriptor a autoridade classica, que dali começou a patentear-se até que, firmando-se na memoravel *oração do paranympo*, se integrou no seu inacabado mas notavel discurso de recepção academica. O feixe luminoso das suas formosas allocuções parece tocado da scentelha divina, e são paginas que para sempre hão de ficar, scintillantes, no cume da gloria e riqueza do nosso patrimonio literario.

Nessa epoca foi que principiou *Francisco de Castro* a receber, na formação da sua cultura classica, a influencia decisiva de *Ruy Barbosa*.

A agitada questão que se levantara em torno do *Invento de Abel Parente*, envolvendo graves aspectos juridicos, levou o jovem medico até á culminancia do pontifice do direito. Tornaram-se amigos intimos. A estima seguida do reconhecimento reciproco da superioridade gerou a mutua confiança profis-

sional, de modo que não tardou que *Ruy* tivesse em *Castro* o seu assistente, e este naquelle o seu conselheiro.

Os peregrinos cabedaes do escriptor, começou então a revelar-se e desenvolver-se ao impulso do grande estímulo que iam recebendo de tão alta autoridade. E assim foi que principiou a crescer e culminar aquelle privilegiado e fidalgo espirito a jeito que quando em 1896 o mundo medico se viu enriquecido de um *Tratado de Clinica Propedeutica*, se opulenta, a um tempo a lingua materna de mais um prosador perfeito e de um soberbo estilista.

Da mesma benefica influencia que do bom e grande *Ruy* recebeu *Castro*, fez-se este centro da irradiação della no seio da sua classe, onde avultam os incitamentos para o culto da lingua.

Não é pequeno, mas porventura hoje innumeravel o numero de medicos, condiscipulos e discipulos do autor da *Clinica Propedeutica* que se apuram e extremam hoje no amanho da bôa linguagem. Nos nossos centros de melhor cultura, como Rio, S. Paulo, Bahia, Minas, Porto Alegre e Recife, apontam-se amadores da philologia e escriptores de notavel distincção, inspirados e penetrados do mesmo amor que ao idioma votára *Francisco de Castro*, bastando que lembremos os nomes de *Clementino Fraga*, *Austregesilo*, *Claudio de Sousa*, *Aloysio de Castro*, *Miguel Pereira*, *Pinheiro Guimarães*, *Dionysio Cerqueira*, *Miguel Couto*, *Silio Boccannera*, *Abreu Fialho*, *Oscar de Sousa*, *João Marinho*, *Placido Barbosa*, *Juliano Moreira*, *Ernesto Carneiro Filho*, *Gonçalo Moniz*, *Pinto de Carvalho*, *João Frôes*, *Oscar Freire*.

Tem, em summa, *Francisco de Castro*, o seu mais completo elogio, como prosador, nestas breves linhas de *Ruy Barbosa*, que tudo dizem : «...Francisco de Castro, um dos poucos sabedores do nosso idioma nesta terra e um dos que mais aprimoradamente entre nós o teem polido.» (Repl. n. 488, *in fine*).

São os os seus seguintes trabalhos impressos :

— *Harmonias Errantes*, ou introdução do sr. Machado de Assis. Rio, 1878.

— *Elogios Historicos*: 1883-1880, 1884-1885, 1885-1886.

— *Parecer* sobre a Memoria apresentada á Academia de Medicina pelo dr. João Paulo de Carvalho, 1886.

— *Parecer*. Id. pelo dr. Eduardo de Menezes. 1885.

— *Centros Corticaes Psycogenicos*. Memoria. 1881. Acerca desta memoria deu parecer o dr Nuno de Andrade.

— *Do Prognostico das Molestias do Coração*, pelo prof. E. Leyden. Trad. e annotada pelo dr. Francisco de Castro. Rio, 1892.

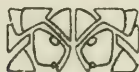
— *O Invento Abel Parente*. Rio, 1893.

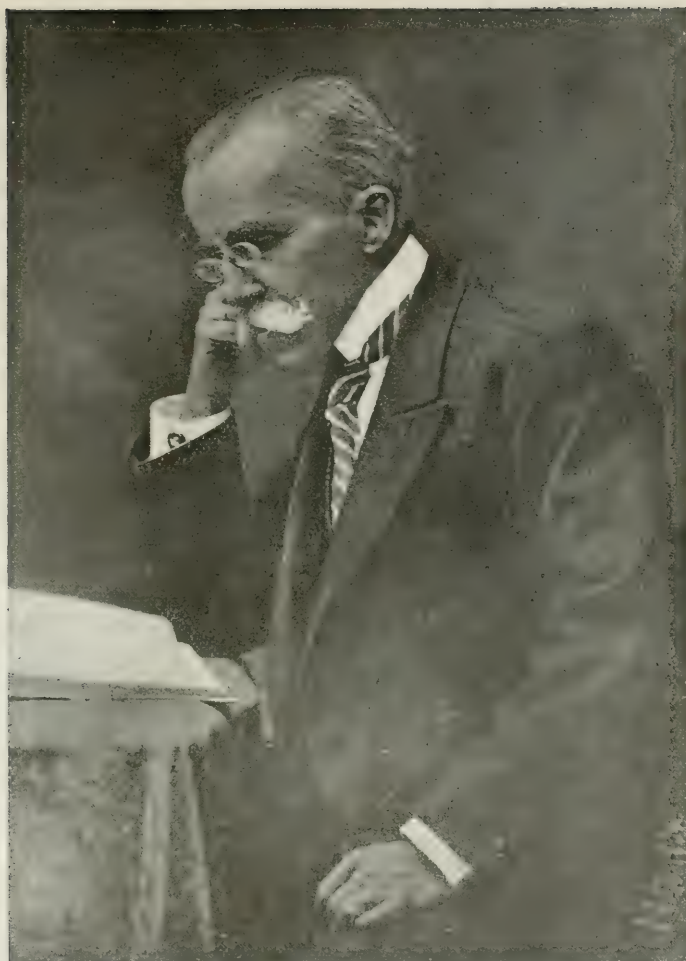
— *Polemica Pessoal*. Rio 1894.

— *Tratado de Clinica Propedeutica*. Rio, 1896, Teve 2.^a ed. publicada pelo dr. Aloysio de Castro.

— *Discurso* em collação de gráu. Precedido do artigo de Ruy Barbosa, estampado na *Imprensa* de 7 de fevereiro. Rio, 1899.

— *Discursos* do Prof. Francisco de Castro, com um prefacio do conselheiro Ruy Barbosa. Rio, 1902. Homenagem de amigos e discipulos.





Ho seu amigo e colega

D. Landelino Teive

offe

Ruy Barbosa



RUY BARBOSA

(BAHIA, 1849-1923)

No proemio do traductor das *Palavras de um cren-
te*, de *Lamenais*, transluz esta imagem que bem sym-
boliza a significação e grandeza da obra de *Ruy Bar-
bosa* no Brasil :

«Um homem encontrou no seu caminho uma
semente preciosa de planta riquissima não conhe-
cida no pais...; deu-se pressa em a enterrar no pri-
meiro campo que viu, sem lhe importar quem fos-
sem os donos do tal campo, nem cogitar em que
tempo viria a planta a nascer ; os donos do cam-
po que o viram e conheceram a semente, que, se
chegasse a propagar, daria tantos e tão bellos
frutos que os pobres tornados ricos nunca mais
os quereriam servir, disseram aos seus servos que
aquelle homem lançara nas suas terras um fogo
encoberto que se desenvolvia para o deante e os
consumiria a todos ; pelo que, todos se puseram
a perseguir aquelle bom homem, primeiro com
pedras e depois com maldições. O bom homem
apenas se viu livre do perigo, chegado a um oi-
teiro donde dominava todo o valle que acabava
de correr, ajoelhou dando muitas graças a Deus,

e pedindo que fizesse prosperar aquella semente em beneficio daquelles homens ignorantes, e adormeceu descansadamente ; e os anjos da alegria o visitaram nos seus sonhos, e o arrebataram comsigo ao empireo. Passados muitos annos, os que o tinham amaldiçoado, abençoavam a sua memoria, dansando com as suas familias á sombra da immensa arvore de abrigo e abundancia. Esta arvore, a da verdadeira liberdade; este semeador, o que evangeliza a sua palavra no universo.»

Foi a vida de *Ruy Barbosa* um combate perenne em prol de conquistas liberaes ; e a sua mais prestan-te obra foi essa mesma arvore, que elle semeou, mondou, defendeu, fez despontar, crescer e florir, e cujos frutos, posto ainda não bem sazoados, estamos todavia a fruir, na constancia de uma ordem civil de que elle foi o sustentaculo.

Abrigam-nos ainda, e felizmente, os ramos da grande arvore, sem embargo das ameaças de furacões e fortes rajadas que os teem sacudido. A elle, principalmente, devemos o gozo de todas as liberdades — a liberdade natural, a liberdade civil, a liberdade de consciencia e a de cultos, a liberdade do pensamento e a da palavra, a liberdade do ensino, a liberdade individual, a liberdade politica e a dos fracos contra os fortes, as quaes nelle tiveram o seu maior evangelizador e apostolo.

Lutador intemerato que por arma unica só tivera o seu verbo sobrehumano, em tudo que fizera e nas lutas em que se empenhára, jamais descurára o idioma em que escrevera e predicára,.

O genio, a inspiração e surpreendente poder de expressão verbal de que era dotado, fizeram-no o maior escriptor do pais, e um dos maiores da lingua portuguesa. Era de ver, no entanto, que nesse parlamentar de tão ruidosa acção, nesse jurisconsulto om-

nisciente, nesse batalhador politico de tamanhas porporções, ninguém vislumbria certamente a envergadura de um philologo, senão quando surge a publicação da *Replica ás Defesas da Redacção do Projecto do Codigo Civil — Replica* que, na opinião insuspeita do sr. *Candido de Figueiredo*, «é de facto um monumento de linguistica e dialetica» e «basta folheá-la, com olhos de ver e olhos de português, para nos convencer-mos de que ainda se não publicou obra mais profunda e mais prestadia, em assumptos de lingua portugue-sa» (Rev. de Ling. Port., n. I, p. 34).

Era mais uma manifestação da sua assombrosa mentalidade, que para logo abriu novos caminhos, direcções novas, empenhos e preocupações em torno do idioma que ahi jazia quasi envolto no mais absoluto desprezo. Com effeito, a divulgação desse trabalho veio abrir outra phase nos estudos linguisticos e radicar no coração brasileiro profundo amor ao culto e pureza da lingua.

E fôra sempre assim que até nós chegava a acção luminosa do seu espirito, cujo poder de inspiração, cuja força, cujo estro eram revérberos do ceu.

No parlamento nacional, a sua palavra foi clava, inflammada e fervente, que combateu todos os erros e defendeu todos os direitos ;

na tribuna academica — o brilho do seu genio deslumbra e atordôa nos elogios de *Castro Alves*, de *José Bonifacio*, de *Oswaldo Cruz*, nas orações de paranympo, em Friburgo e S. Paulo, nas conferencias do Polytheama bahiano e nas orações do seu jubileu civico ;

no direito — é o maior dos jurisconsultes, e são os seus ensinamentos, as suas sentenças, os seus postulados, os seus dogmas, as suas doutrinas e criações que norteiam causidicos, juizes e tribunaes ;

na Conferencia de Haya, onde se congregou a nata dos estadistas, transformou-se em *Aguia* ;

no jornalismo, — ninguém o excedeu, e fez-se o maior da raça genial dos nossos periodistas;

na literatura — deu-nos a oração do Centenario do marquês de *Pombal*, o ensaio ácerca de *Swift*, a critica do livro de *Balfour*, o discurso do Lyceu de Artes e Officios sobre o desenho applicado á arte industrial, o discurso do Collegio Anchieta, o discurso do Instituto dos Advogados, duas versões harmometricas de *Leopardi*, a adaptação do livro de *Calkins* e innumeraveis artigos de jornaes;

na instrucção publica — são ainda os seus pareceres fontes onde se vão inspirar pedagogos e reformadores; e, finalmente, como philologo, escreveu:

a *Replica*, o mais completo e opulento repositório das riquezas idiomaticas, e hoje, para todos, um evangelho de cada dia.

Assim viveu esse homem prodigio: tão extraordinario foi, que só deixava de ser grande para ser supremo. E do Brasil e dos brasileiros foi elle o supremo mestre.

Era pequeno de corpo, porque «se Deus houvesse talhado a sua imagem proporcional ao espirito, o mundo o não conteria. Modelou-a pelos sacrarios que, do tamanho que são, conteem a Omnipotencia». (1)

(1) Palavras de Coelho Netto.

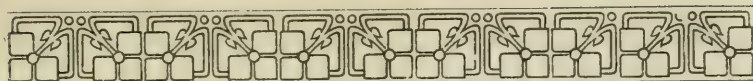
INDICE

Entre os erros typographicos que escaparam á revisão convem ser apontados os seguintes, pois os demais o leitor facilmente corrigirá.

Onde se lê :

Leia-se :

P. 45 — o qual. . . confere este livro ao	<i>este livro. . . confere ao escriptor</i>
escriptor	
P. 66 — formam	<i>constituem</i>
P. 77 — pregador na matriz	<i>pregados na matriz</i>
P. 79 — MDCCXXXI	<i>MDCCLXXXI</i>
P. 81 — 1756	<i>1765</i>
P. 101 — dizer-lhe affoitamente	<i>dizer affoitamente</i>
P. 111 — integrou	<i>integrou</i>
P. 122 — inspiraram-lhe em	<i>inspiraram-lhe uma</i>
P. 136 — Kopstock	<i>Klopslock</i>
P. 163 — modesto	<i>modesta</i>
P. 165 — se tem	<i>se tem</i>
P. 167 — seus os	<i>seus</i>
— Hymno é tarde	<i>Hymno á tarde</i>
P. 171 — exprobar	<i>exprobrar</i>
— do lesa-vernaculidade	<i>de lesa-vernaculidade</i>
P. 172 — correto saia-lhe	<i>correcto lhe saia</i>
P. 173 — mantidos	<i>mantidas</i>
P. 174 — assuidade	<i>assiduidade</i>
P. 175 — estampados	<i>estampadas</i>
P. 176 — lembra	<i>lembram</i>
— perscutava	<i>perscrutava</i>
P. 184 — Humbolt	<i>Humboldt</i>
P. 188 — como afeita, ás	<i>como afeito ás</i>
P. 189 — envelo de quem os	<i>enlevo de quem as</i>
P. 199 — ceremonias	<i>cerimonias</i>
P. 201 — a lingua de	<i>a lingua</i>
— todos tempos	<i>todos os tempos</i>
— as desfarces	<i>os disfarces</i>
P. 202 — A' essa	<i>A essa</i>
P. 204 — Chateaubriand e a	<i>Chateau-briand e de</i>
— no gar	<i>no logar</i>
P. 205 — reverencia	<i>reverencie</i>
P. 208 — assás	<i>assae</i>
P. 217 — ideas	<i>ideaes</i>
P. 218 — á empresa	<i>a empresa</i>
P. 220 — seus	<i>meus</i>
P. 227 — chamava-lhe de	<i>chamava-lhe</i>
P. 239 — Boussuet	<i>Bossuet</i>
P. 243 — nos quaes	<i>nas quaes</i>
— segunda	<i>segundo</i>
P. 246 — a de linguagem	<i>a linguagem</i>
P. 250 — cantos a	<i>cantos</i>
— não os logrou	<i>não logrou</i>
— do logomachia	<i>da logomachia</i>
P. 251 — igual a que	<i>igual á que</i>
P. 254 — porventura a toldassem	<i>porventura foldassem</i>
P. 256 — começou	<i>começaram</i>
— extremam hoje	<i>extremam</i>
P. 257 — os seus seguintes	<i>seguintes os seus</i>
— ou introdução	<i>com introdução</i>

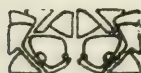


INDICE :

Palavras Previas.....	7
Padre Antonio Vieira.....	19
Fr. Vicente de Salvador	27
Diogo Gomes Carneiro	33
Padre Antonio de Sá	39
Padre Francisco de Sousa	45
Padre Alexandre de Gusmão	51
Fr. Eusebio de Mattos.....	61
Gregorio de Mattos.....	65
Manoel Botelho de Oliveira	73
Antonio da Silva	77
Nuno Marques Pereira	79
Sebastião da Rocha Pita	83
Bartholomeu Lourenço	87
Fr. de Santa Maria Jaboatão	91
Mathias Aires	95
Santa Rita Durão.....	99
Claudio Manoel da Costa	107
Basilio da Gama	111
José Francisco Leal	117
Gonzaga.....	121
Antonio de Moraes Silva.....	125
Francisco de Mello Franco.....	129
Antonio Pereira de Sousa Caldas.....	133

II

José Bonifacio.....	137
Januario da Cunha Barbosa.....	147
Monte Alverne.....	151
Romualdo Seixas.....	159
Odorico Mendes.....	163
Sotero dos Reis.....	169
Porto-alegre.....	175
J. Caetano da Silva.....	181
Velho da Silva.....	187
João Francisco Lisbôa.....	191
Joaquim Pinto de Campos.....	199
Gonçalves Dias.....	207
Francisco Octaviano.....	217
Paranapiacaba.....	231
Macedo Costa.....	237
Carneiro Ribeiro.....	241
Machado de Assis.....	245
Pacheco Junior.....	249
Francisco de Castro.....	253
Ruy Barbosa.....	259



REVISTA
DE
Lingua Portuguesa

Archivo de estudos
Relativos ao idioma e literatura nacionaes
dirigida por

Laudelino Freire

com a collaboração dos maiores philologos
brasileiros e portugueses

Redacção :
Rua dos Ourives, 28,
===== Rio =====

Assignatura annual

Na Capital	35\$000
Nos Estados.....	37\$000
Fora do Brasil	42\$000
Numero atrasado ou do anno corrente	7\$000

Estante Classica

da

Revista de Lingua Portuguesa

Numeros publicados:

I — <i>Ruy Barbosa</i>	8\$000
II — <i>Machado de Assis</i> , com annotações de Laudelino Freire	5\$000
III — <i>Carneiro Ribeiro</i> , id. de Mello Carvalho.....	5\$000
IV — <i>Francisco de Castro</i> , id. de Laudelino Freire...	5\$000
V — <i>Mores</i> , id. de Laudelino Freire.....	5\$000
VI — <i>Antonio Castilho</i> , id. de Ruy e Carneiro Ribeiro..	6\$000
VII — <i>Gonçalves Dias</i> , id. de Julio Moreira	6\$000
VIII — <i>Camillo</i> , id. de Silva Ramos.....	8\$000
IX — <i>Latino Coelho</i> id. de Daltro Santos.....	8\$000
X — <i>Ramiz Galvão</i> id. de João Ribeiro.....	6\$000
XI — <i>Eusebio de Mattos</i> . id. de José Joaquim Nunes...	7\$000

Volumes no prelo de:

Diogo Gomes Carneiro, com annotações de João Ribeiro
Padre Antonio de Sá, id. de J. L. de Campos
Monsenhor Pinto de Campos, id. de Laudelino Freire
Garrett, id. de Silva Ramos
Herculano, id. de Sousa Silveira

Esta colleção compor-se ha de 50 volumes.

Diccionario da Lingua Portuguesa

EDIÇÃO DA REVISTA DE
LINGUA PORTUGUESA

por Antonio de Moraes Silva

A “REVISTA DE LINGUA PORTUGUESA” comunica aos leitores, ás livrarias e ao publico em geral que está concluida a edição facsimilada do DICCCIONARIO DE MORAES. A publicação deste notavel, e já hoje, rarissimo trabalho, é a reprodução fiel da monumental obra, na sua Segunda Edição, publicada em 1813. — Esse Diccionario, na sua Segunda Edição, dirigida por MORAES, é o melhor de todos os da lingua portuguesa, até hoje publicados no Brasil e em Portugal. — Assim o teem julgado os mestres, bastando que cite mos os nomes de Ruy Barbosa, Filinto Elysio, Cardal Saraiva, Camillo Castello Branco, Gonçalves Vianna, Candido de Figueiredo, João Ribeiro e outros, todos acordes em reconhecer que o Diccionario do grande brasileiro é o “instrumento imprescindivel de quem quizer saber a lingua e escrevê-la com acerto”, como diz Leite de Vasconcellos.

A reedição do Diccionario de Moraes, feita pelo processo de reprodução photographica, é rigorosamente identica ao original.

Preço 120\$000

Pedidos á Redação da REVISTA DE LINGUA
PORTUGUESA, rua dos Ourives, 28 — Rio

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

Revista de Lingua Portuguesa

"Pela Vida Fóra", de Silva Ramos	7\$000
Orações á Mocidade, de Clementino Fraga	7\$000
Lições de Português, de Sousa da Silveira	10\$000
Diccionario de Autores Classicos, de C. da Gama	3\$000
Gallicismos, de Laudelino Freire	6\$000

NO PRELO:

DE *Ruy Barbosa*

"ORAÇÕES DO APOSTOLO"

VOLUME I

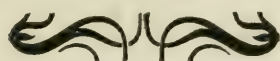
"Marquês do Pombal" — "Lyceu de Artes e Officios" — "Jornal do Commercio" — seguidas do "Ensaio sobre Swift

VOLUME II

José Bonifacio—Castro Alves—No Collegio Anchieta—Na Academia de S. Paulo—Oswaldo Cruz.

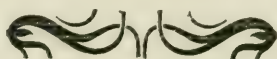
TRABALHOS DE:

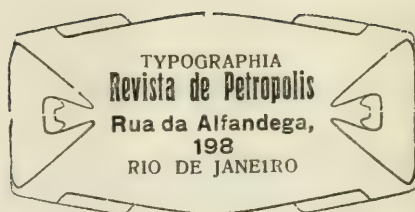
Coelho Netto—João Ribeiro—Lauro Müller—Mucio Leão—Claudio de Sousa — Arthur Cerqueira Mendes.



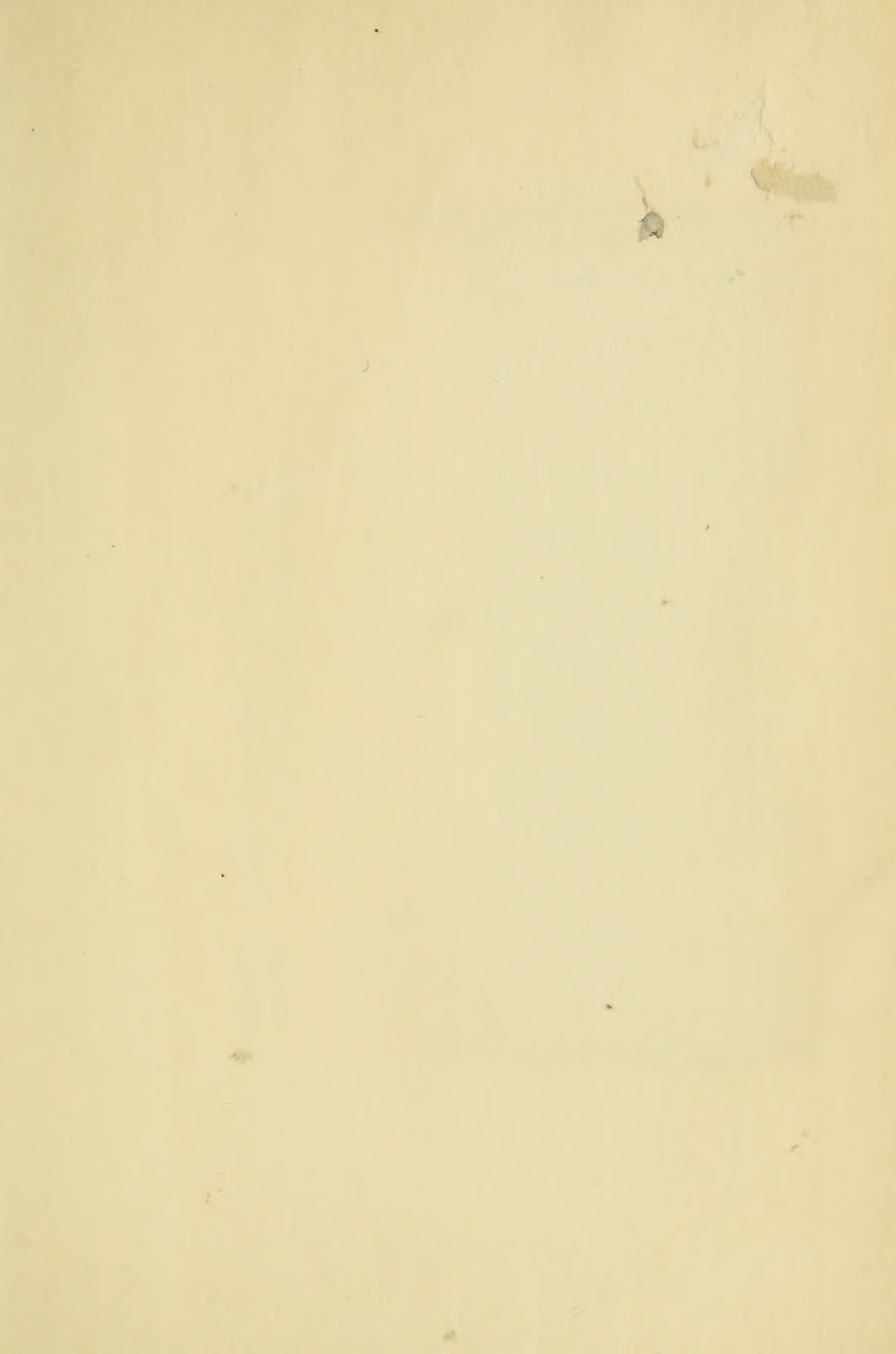
Obras principaes do Autor

Corographia de Sergipe 2 ^a ed., com prefacio do barão do Rio Branco..	1900
Os Proceres da Critica.....	1911
Estudos de Philosophia e moral.....	1912
Um seculo de Pintura.....	1916
Pedro II e a arte no Brasil.....	1917
Um caso de Impeachment.....	1918
Introducção ao Curso de Psychologia e logica.....	1918
A defesa da lingua nacional.....	1920
Gallicismos.....	1921





TYPOGRAPHIA
Revista de Petropolis
Rua da Alfandega,
198
RIO DE JANEIRO



397023

LPor.H Freire, Laudelino de Oliveira de
F8665e Classicos brasileiros. Vol.1.

DATE.

NAME OF BORROWER.

**University of Toronto
Library**

**DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET**

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

